LIVRO DAS NOIVAS

OBRAS DA AUCTORA

Contos Infantis (de collaboração com Adelina A. Lopes Vieira). Collecção de contos em prosa e verso, adoptados para uso das escolas primarias do Brasil, 4.ª edição, 1 volume.

Traços e Illuminuras, contos, 1 volume (exgotado).

Memorias de Martha, romance publicado em folhetins na extincta *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro.

A Viuva Simões, romance publicado pela *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

A Familia Medeiros, romance.

Ancia Eterna, contos.

Donas e Donzellas.

Historias da nossa Terra.

A Fallencia, romance.

A casa Verde, romance (de collaboração com Filinto de Almeida).

Paris. — Typ. Aillaud Alves & Cia

Francisca R. de Arêu Leão

JULIA LOPES DE ALMEIDA

LIVRO
DAS
NOIVAS

DESENHOS DE E. CASANOVA, ROQUE GAMEIRO, JULIÃO MACHADO E OUTROS

3ª EDIÇÃO

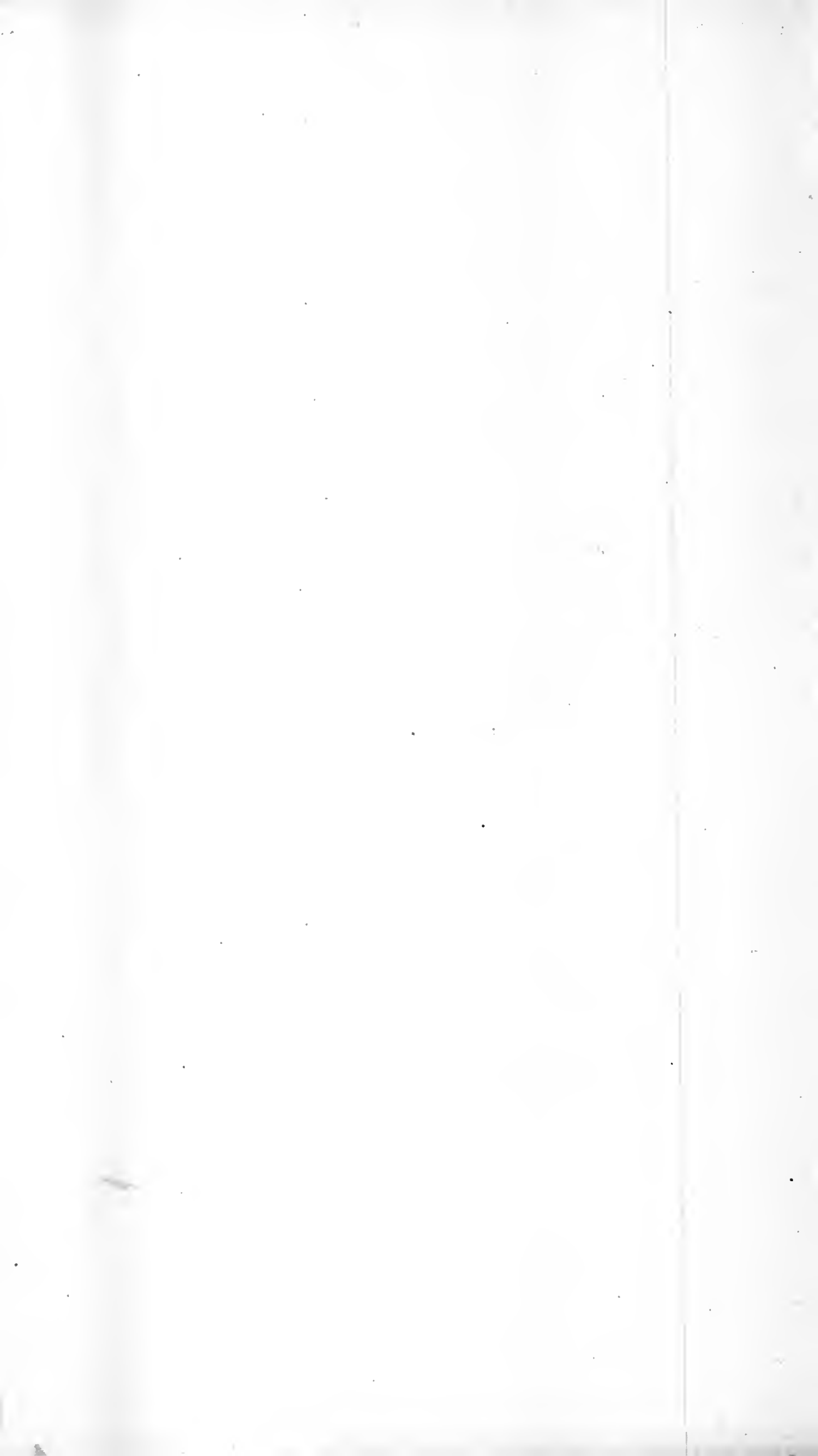
FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO — 166, RUA DO OUVIDOR, 166

1055, RUA DA BAHIA
BELLO HORIZONTE

RUA DE S. BENTO, 65
SÃO PAULO

1914

A meu Marido

Julia Lopes de Almeida

« As nossas almas já
Se uniram de tal sorte,
Que nem a propria morte
Nol-as desunirá. »

Lyrica — FILINTO DE ALMEIDA.

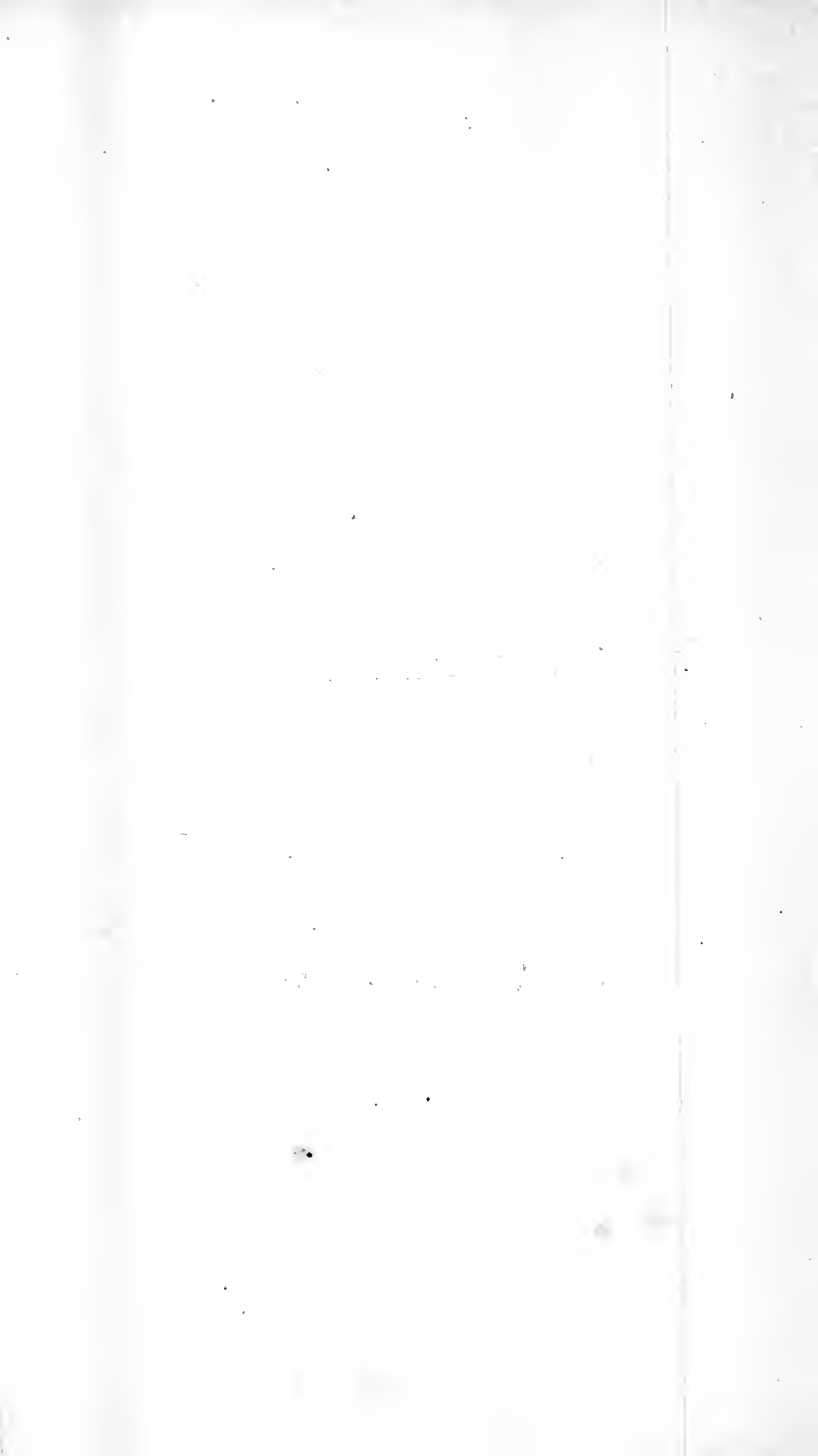
Meu Filinto.

Lês na minh'alma como em um livro aberto. Não tenho pensamento que te não communique, desejo ou sonho que te não exprima. Ninguem, pois, melhor que tu, conhecerá a sinceridade d'estas paginas singelas, onde de vez em quando os nossos filhos apparecem, e que te entrego, certa de que serão queridas ao teu coração.

Não te dou um livro litterario, mas dou-te um livro sentido, a que segredei todas as minhas alegrias e tristezas.

Tu, que tens, com egual carinho e bom conselho, comparticipado de umas e de outras, acolhe-o bem, que vae nelle todo o amor da tua

Julia.

PRIMEIRA PARTE

O DIA DO CASAMENTO

ESTADO incerto, dubio, o da noiva, ao vêr approximar-se a hora do seu casamento.

Tudo em que não pensou durante mezes, muitas vezes annos, occorre-lhe no ultimo dia ao pensamento. Sente-se feliz ; sente-se desditosa !

Se realiza o sonho amado da sua mocidade, unindo-se áquelle que escolheu como o mais perfeito e o melhor dos homens, chora tambem por deixar a casa paterna, a mãe idolatrada, que mal disfarça a sua agonia, o pae que a aconselha, commovido, a ser para o futuro tão bôa como até então.

Perplexa, nervosa, a noiva duvida da sua ventura, e estremece, sentindo a impressão de quem vae fazer uma viagem para longes terras, de onde talvez não volte.

Á sua scisma a mãe acode, beija-a e murmura com esforço :

— A vida começa hoje para ti ; até agora foi um sonho, nada mais. Limpa essas lagrimas e tranquilli-

sa-te. Esta casa não deixa de ser tua; nella ficam o teu logar, e o meu coração.... Ouve-me bem:

D'aqui a algumas horas serás de teu marido; o meu egoismo não bastará para reter-te entre meus braços... vae, segue-o, segue-o até onde elle quizer levar-te, é o teu dever... e a minha magua!...

Casas-te com um homem de bem e isto consola-me; rodeia-o sempre de respeito, de affecto, de dignidade; que o nome d'elle seja para ti um nome puro onde não possa cahir macula. Ama-o, mais do que o amaste até aqui, que o vias atravez da paixão, sem cogitares do seu caracter, dos seus defeitos, nem das suas virtudes; ama-o sobre todos os amores, porque elle será toda a tua familia!

Nao te resignes a ser em tua casa um objecto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a lucta, para o amor e para o triumpho do mundo inteiro!

Vivendo do coração exclusivamente, expomo-nos aos mais pungentes golpes. Foram para nós inventadas as dores mais crueis, foram-nos confiadas as mais delicadas missões.

A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a patria supplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral. Com a educação superficialissima que temos, não meditamos nisto, e levamos de continuo a queixarnos de que é nullo o papel que nos confiaram... Como poderiamos, todavia, encontrar outro mais amplo e mais sagrado?

Serás feliz, porque és bòa, porque o teu noivo é honesto e é delicado. Mas, como é facil conduzir-se a gente na ventura e não o é em tempos de obstaculos e decepções, lembra-te sempre de que é preciso acceitar a vida como ella é: hoje um raio de sol, amanhã um raio de tempestade; e estar sempre apercebida para o goso ou para o soffrimento. É na adversidade que podemos conhecer se o nosso coração é forte ou pusilanime; não te deixes succumbir pelas eventualidades tristes, se com ellas topares, e fortifica com o teu carinho, a tua resignação e a tua altivez, a familia que o teu amor escolheu.

A tua fronte illumina-se, vejo voltar o sorriso aos teus labios. É que és mulher, tens alma, e compre-

hendes quanto se deve ser forte e serena para traçar na terra um caminho largo e util.

Não te darei conselhos ephemeros; peço-te só que te lembres sempre dos nossos exemplos:

Teu pae, trabalhador, sincero, sacrificando tudo ao dever, envolvendo qualquer censura em um afago, delicado e amante da familia. Eu, simples, associando-me a todas as alegrias e a todas as penas, álerta para o perigo, contente com a minha sorte. Nunca feri ouvidos alheios com uma queixa e muitas vezes tenho-me feito feliz... á força! Não te illudas, meu amor. A vida tem para todos as mesmas surpresas e as mesmas dores. A tua imaginação faz-te sonhar com doçuras infindaveis... e tel-as-ás, se bem comprehenderes a tua missão de esposa e de mãe. Ama sempre teu marido, sem humilhação, com sinceridade e alegria. Está nisto o segredo da ventura na terra. Que elle te ame egualmente, com o mesmo extremo, o mesmo carinho, e caminhem assim, fortes, unidos e serenos para os dias de risos ou de lagrimas que hão de vir.

SABER SER POBRE

Deveria haver um livro, a sciencia da vida, que ensinasse a toda a gente, sem excepção de fortuna ou de classe, a maneira de saber ser pobre.

A necessidade é o melhor mestre, affirma o povo; mas ha casos em que as phrases mais consagradas falham e em que mesmo a sabedoria dos velhos conceitos e proverbios fica compromettida.

Este é um d'elles.

A necessidade ensinará tudo a alguns, mas não ensina a todos o que a pobreza requer. A virtude está em o discipulo saber aproveitar a licção sem ficar ainda em cima com rancor ao mestre.

O que eu desejaria, portanto, seria, não um livro que ensinasse a executar este ou aquelle trabalho, mas um livro que ensinasse a apprender, chegada a hora em que isso fosse preciso. E esse livro, consolador e amargo, os paes o dariam á sua filha como um dote previdente e util.

Ella entraria assim na vida de esposa e de mãe fortalecida para a lucta e consciente dos seus deveres de companheira consoladora e amiga, e de conselheira desvelada e meiga.

D'esse modo, se o braço do marido fraqueasse, e lhe faltasse subitamente o conforto habitual, em vez de lamentações, queixas e ralhos, ella daria aos filhos o bello exemplo da resignação e do trabalho.

Felizmente, isto é commum no Brasil; ha, comtudo, muitos casos ainda completamente oppostos.

Uma familia acostumada á ostentação e ao luxo, perde de repente o seu chefe. Com a sua morte cessam todos os recursos de dinheiro, e, portanto, as occasiões de *apparecer*.

Que faz essa familia?

A necessidade pode gritar-lhe aos ouvidos :

— Sae do teu palacete, mora numa casa humilde, num bairro barato, e arranja um meio de te sustentares com modes-

tia e decencia. E a infeliz familia, acostumada ás regalias e ao luxo, encolhe-se, chora, grita e procura a toda a força uma casa de fachada elegante, julgando comprometter-se se fôr habitar outra mais despretenciosa e barata! E é tudo relativo : começa então de se alimentar mal para se vestir bem, e de descer ás lagrimas quando não possa rivalisar com as suas antigas relações.

O ter-se nascido pobre é, nesses casos, um dos maiores beneficios que ha. Partida do berço, a educação da pobreza é muito mais efficaz para a vida.

Isto de posição social faz lembrar um pouco o que por ahi se diz da cegueira :

Dóe mais ter vista e perdel-a, do que ser-se cego de nascença.

O pobre pode, á custa de esforço, de merito e tenacidade, galgar todos os degraus do poder e da grandeza : o rico, geralmente, quando desce, fica completamente anniquilado.

Ás mães ricas compete preparar os filhos para as eventualidades do futuro, ensinando-lhes carinhosa e suavemente a vida, que para todos tem amargores e decepções ; prevenindo-os para a lucta constante da existencia, que, se para os pobres é mais acerba, não poupa completamente os remediados, os ricos, nem mesmo os opulentos.

E ricas e pobres deverão ter para com elles o intuito benefico e, sem contestação, proveitoso, de os aperceber de coragem e de experiencia, fazendo-os trabalhar, despresando veleidades, poupando o adquirido e não adquirindo sem dignidade, acostumando-os á frugali-

dade e á resignação, para que em todas as condições da vida sejam alegres, honestos, sãos, fortes de espirito, para poderem sinceramente amar a familia, a patria, a humanidade.

A ROUPA BRANCA

Não ha nada mais gostoso, entre os nossos habitos caseiros, do que ter sempre bem arranjadinha a roupa branca. É nella que o nosso capricho e o nosso zelo melhor se podem revelar.

Uma gaveta denuncía fatalmente a dona; se ella fôr esmerada, lá terá divididos em rumas, de grandes ou pequenas dimensões, todos os objectos de uso. Seria intoleravel surprehender a roupa branca no *pêle-mèle* em que ás vezes descaem as fitas e as rendas com outras miudezas. Não; a roupa branca deve ter um logar seu, onde deitemos de vez em quando um ramo de flores frescas. O aroma das plantas impregna-se suavemente no linho e no morim. Pôr essencias nessa roupa, não dá prova de muito boa educação caseira, tanto mais que o linho bem lavado tem, naturalmente, umas exhalações levemente perfumadas, um brando frescor de madrugadas claras, alguma coisa em si que faz lembrar outras melhores, que não sei bem quaes sejam, — talvez o campo, talvez a primavera.... Foram

as hervinhas rasteiras dos coradouros, foi a brisa, impregnada do aroma subtil das rosas bravas das cercas, que lhe deixaram esse vestigio doce, tão grato ao nosso olfacto.

As pessoas que residem em cidades populosas devem procurar sempre, com o maximo cuidado, dar a sua roupa de uso a lavadeiras que morem fora, em arrabaldes isolados, onde a agua corra abundantemente e as hervas tenham frescor, viço e perfume.

Detestei sempre as roupas lavadas em tanques e nas tinas dos *cortiços* ou dos quintaes apertados da cidade. Alli, com o mesmo sabão e na mesma agua as lavadeiras misturam a roupa de toda a gente, sem distincção, extendendo-a depois a seccar sobre pedras ou sobre zinco, em um ar viciado e doentio. Á noite recolhem e guardam a roupa no mesmo quarto em que dormem com a filharada, entre o amontoado dos trastes e dos trapos.

As lavadeiras do campo teem geralmente mais largueza, vivem em casas maiores; ninguem ignora que as casas da cidade são mais caras, a vida mais cheia de exigencias e que, portanto, os pobres teem de se accumular e restringir enormemente.

Quem tem crianças nada perderá lavando a roupinha d'ellas em casa, desde que o espaço o permitta e que a sua lavadeira não seja de absoluta confiança.

Assim, a roupa de seus filhos não se misturará com outras menos cuidadas e de cujo contacto possa advir qualquer mal. Agora, só poderá fazer isso quem dispuzer de um quintal onde bata o sol e haja muita limpeza.

Conheço um medico que a rma serem muitas vezes provenientes dos quintaes as molestias das crianças.

É absolutamente indispensavel que não deitem para o quintal o mais pequeno residuo de materias organicas, lixo, etc. O meio mais efficaz para isso é ajardinal-o, deixando um relvado para coradouro das roupas das crianças e exigindo que o tanque esteja sempre limpo e a agua de sabão bem escoada.

É indispensavel tambem, por experiencia o digo, fazer sempre dois róes quando mandamos a roupa para a lavagem. Um d'esses róes ficará no nosso livro, em que já estará assente o nome e a morada da lavadeira ; o outro ser-lhe-á entregue com a roupa, não nos esquecendo de pôr nelle o nosso nome e a data do dia em que o fazemos. A lettra precisa de ser bem clara, para

que nenhuma palavra ou algarismo possa offerecer duvidas.

Além das iniciaes, com que quasi toda a gente marca a sua roupa branca, não é mau adoptar um signal que sirva para distinguir todas as peças de uma só casa. Isso não é difficil. Uma setta, uma tesoura, uma estrella, um triangulo, qualquer coisa indicará á lavadeira (que geralmente não sabe lêr) que todos os pannos de pratos, todas as toalhas, fronhas, lençóes, saias, ceroulas ou camisas pertencem á mesma casa, visto terem, o mesmo signal.

O meu enxoval de casamento passou todo pelas mãos de uma senhora muito pratica e methodica, que não se esqueceu de bordar uma chavinha em todas as peças da roupa branca. Veio d'ella esse conselho, tenho-me dado bem e conservo o systema como proveitoso, sabe-o ella melhor que ninguem, pois foram ainda os seus dedos habilidosos que marcaram as roupinhas do meu primeiro e do meu quarto filho.

Logo que esvaziamos a cesta da roupa suja é bom termos o cuidado de a mandar por algumas horas expôr ao sol e ao ar, assim como devemos conserval-a sempre em um canto claro, ou em um quarto em que não durma ninguem

A roupa branca deve ser ampla, talhada com gosto, bordada com carinho; ha pontos elegantes adequados a cada peça, modelos graciosos, variados, desde os mais singellos até os mais complicados e trabalhosos. A mania burgueza do *crochet*, o martyrio das collegiaes é a mais inutil das coisas que se apprendem em criança, vae felizmente desapparecendo

Ainda ha bem pouco tempo era frequente a barbaridade de usarem, algumas senhoras, essa renda vistosa e aspera em contacto com o corpo. Uma golla de *crochet* era tida em alta valia. Quanto mais elegantes e flexiveis são as rendas de linho, as *valenciennes* e outras do mesmo genero!

Para fazer costura branca é preciso ter um genio especial, sereno e paciente. Nella os olhos não se recreiam na variedade das côres, nos cambiantes brandos e refrangiveis dos setins, nos multiplos e engenhosos feitios das *toilettes* de baile ou caseiras, de visita ou de passeio, de jantar ou de *soirée;* nella não ha os scintillantes tecidos de prata ou de ouro velho, não ha fulgurantes tons, nem invenções artisticas, nem exaggerações arrojadas; ha symetria, egualdade e perfeiçâo.

A modista deve ter imaginação, largas phantasias e impetos inventivos. Crear novidades, executar todas as modas, ter a sua *maneira,* advinhar as côres convenientes ás claras ou ás trigueiras; insinuar-se, impôr-se.

Uma joven esbelta, pallida, loira, pede-lhe uma *toilette?*

Tel-a-á suave, mystica, leve, clara, côr da folha da ervilha, ou da do pecegueiro, ou branca, ou azul, ou créme; com umas rendas finas como flocos de espuma, e umas alegres grinaldas de rosas orvalhadas, frescas... *toilette* lyrica, que lembre o nenuphar de um lago ou a fina nuvem rosea do alvorecer do dia....

É uma senhora morena, alta, magestosa, quem lhe encommenda um vestido para o proximo baile? Fal-o-á de velludo vermelho ou de setim brilhante, enfeital-o-á

com côres novas, esquisitas, com *bouquets* de plumas d'aves selvagens, ou de grandes flores phantasticas... aconselhará adereço de brilhantes; que será o complemento d'essa *toilette* realista, rutilante como o esplendido clarão do pôr do sol....

A modista olha contente para a sua obra e imprime-lhe com orgulho o seu nome em lettras doiradas; a propicia aragem da fama ha de fazel-o voar pelas salas, e todas as elegantes virão bater á sua porta.

A pespontadeira de morim, não. Tem o seu gosto pautado pelas regras; não ha alterações de vulto. Cada fio de linha cose pontos eguaes, pequenos, certos.

Suppõe-se ser uma rapariga franzina, pallida, de sorriso doloroso, olhar resignado, fronte estreita e pouco intelligente, humilde, pequenina e docil : apprendeu paciente, affez-se a esse trabalho material, acabrunhador, mal pago.

O seu nome?

Não o inscreve; e como necessariamente as lagrimas são sem côr, como o panno onde caem, nenhum vestigio vemos do seu *eu*....

Uma boa dona de casa comprehende todas essas coisas. Porque? porque de tudo ella apprendeu um pouco.

Não é só a necessidade que a ensina a serzir, a repassar, a prender malhas e a comprehender a utilidade da agulha; é o cuidado, é o zelo, é o amor que dedica ás coisas que lhe pertencem e em que parece adivinhar uma palpitação da vida que as animou anteriormente.

Não se deve ter roupa demais nem de menos, diz

a condessa de Bassanville em um dos seus livros de *ménage*. E continua : « quando a roupa é demasiada amarellece sem servir, enche inutilmente os armarios e representa dinheiro inerte que poderia produzir mais vantajosamente. De menos é ainda peior, porque não nos dá tempo de a arranjarmos e concertarmos convenientemente. »

Para que o movimento da casa seja regular e perfeito devemos ter logares especiaes para cada objecto; assim, a roupa branca obedecerá ao mesmo preceito.

Em um gavetão só estarão lençóes, nunca menos de duas duzias para cada leito. Uma dúzia seria o necessario para o uso ordinario, se não devessemos estar apercebidas para as doenças e os tempos de chuva, em que as lavadeiras falham. Em outro gavetão podem-se guardar em rumas as peças miudas; fronhas, toalhas de rosto, etc.

Deve tambem haver um logar destinado para os aventaes das criadas, as suas roupas de cama, e os pannos da cosinha. D'esses é bom haver grande fartura em todas as casas, para que os pratos venham para a mesa limpos e brilhantes.

Os nossos criados, mal educados como são, não vacillam em se aproveitar dos guardanapos de linho adamascados para o serviço da copa, se não lhes mettermos nas mãos os pannos apropriados.

É bom e é economico fazer algumas duzias, seis pelo menos, de pannos de algodão trançado, molle e de fio grosso para os pratos, e de tecido mais delicado para as chicaras, não esquecendo completal-os com a marca

da casa, e uma alça de cardaço numa extremidade por onde os pendurem na copa. A melhor marca é sempre a bordada a algodão vermelho. Para o serviço da mesa é agradavel ter-se bonito linho e guardanapos amplos. Creio que não se pode exigir menos de uma duzia de toalhas para uso, mais seis para os dias de recepção e duas de côr para *lunch* ou para o chá.

Além do cuidado pela nossa roupa devemos tel-o tambem pela roupa do quarto da criada, que é de obrigação ser fornecida por nós. Para a sua cama bastarão doze lençóes e doze fronhas. Terá além d'isso seis enxugadores pequenos e doze toalhas de rosto. Geralmente, ha por ahi muito descuido nesse sentido; mas como nos será licito exigir d'ella que tenha o quarto arrumado e fresco, se lhe não facilitarmos os meios para isso?

Como na roupa branca ha sempre que coser : botões arrancados, cadarços partidos ou rendas esgarçadas, é prudente examinal-a na occasião de a passar a ferro, coisa de imprescindivel urgencia para que o desmazelo não vá entrando como um habito na casa, e para que se vão immediatamente reparando as faltas. Para isso teremos sempre um pequeno sortimento de botões, de fitas de linho, de carreteis, de linha de bordar e de retroz para serzir meias, etc.

É na roupa branca, affirmo ainda, que mais limpidamente se espelha a bôa administração de uma dona de casa : portanto, não lhe deve faltar um botão, um cadarço, um ponto.

A POESIA DA VIDA

❦

Dizia ha dias uma amiga a outra, vendo-a a concertar as calças do marido :

— Eis ahi o prosaísmo do casamento !

E a amiga, não sabendo discutir, calou-se, guardando comsigo a convicção de que a poesia do casamento, como a da vida inteira, é uma coisa bem differente do que por ahi se apregôa.

Não consiste só em certo numero de coisas ephemeras e graciosas, ou occupações leves de *toilette* e adornos de casa; consiste tambem nas coisas uteis e praticas, naquellas que não entram nas phantasias das noivas quando idealisam o seu futuro, mas que surgem depois inevitavelmente, impondo-se como um dever.

A poesia da vida abrange tudo, desde as obrigações mais arduas e imperiosas, até as mais futeis e subtis; e é exactamente nesse conjuncto de antitheses que está o seu principal encanto.

A educação deve fazer comprehender bem isto.

Se assim não fosse, onde estaria a poesia da pobreza? E não a terá, porventura, a esposa do homem do campo arranjando-lhe com carinho o jantar, levando-o até onde elle trabalha, acalentando os filhos a cantar, rude, mas ternamente?

Não terá poesia a lavadeira, callejada e trigueira do sol, a extender a roupa alva na grama verde, e a mergulhar os braços nus na agua fria?

Não ha profissão, convençamo-nos, em que não haja poesia; o caso é comprehendel-a e respeital-a, dando-lhe o logar merecido. A *ménagère* então deve sentir revestidos d'ella todos os seus actos.

Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo para fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, amammentando os filhos, varrendo a casa ou enterpretando Chopin; pin-

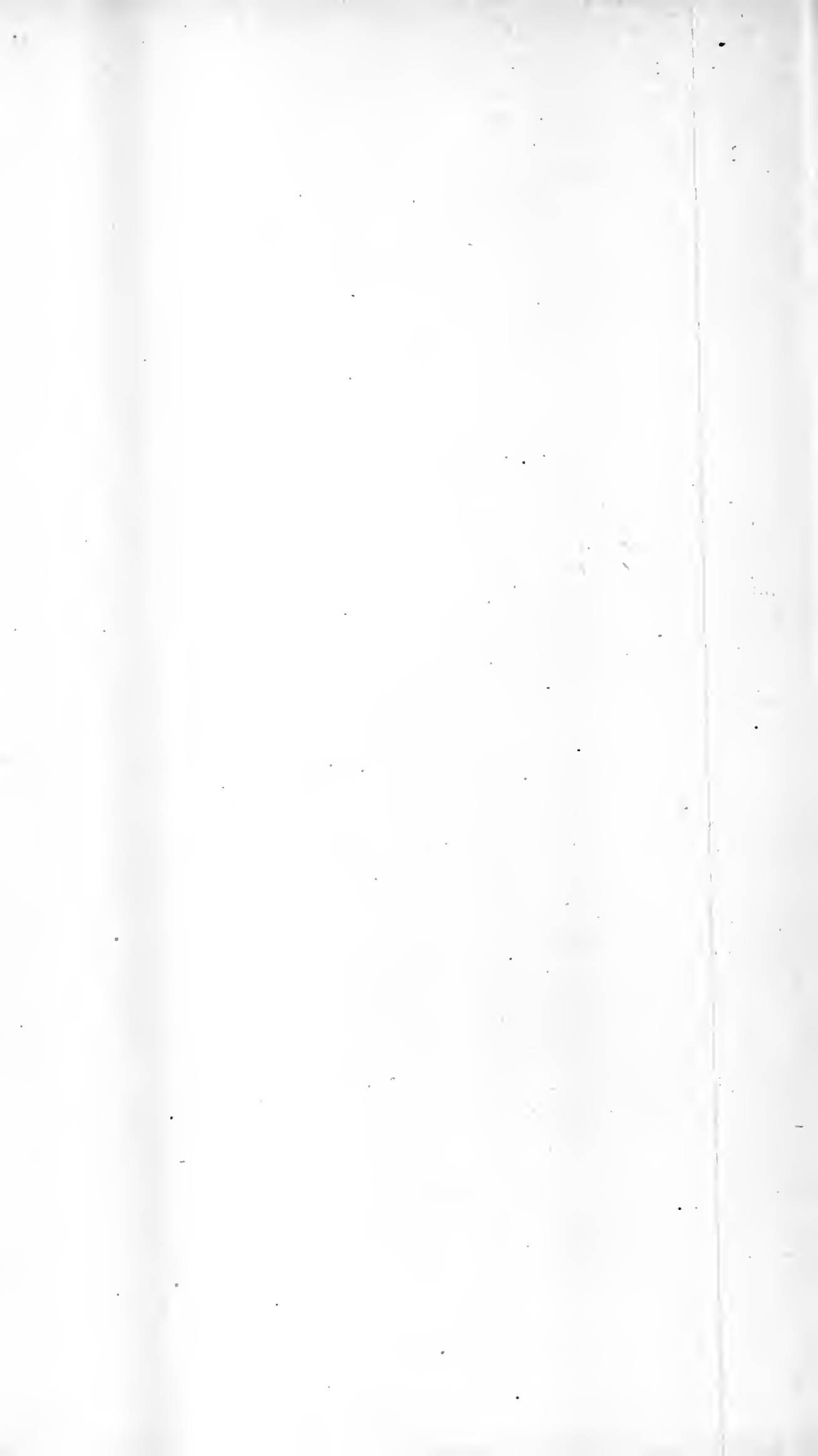
tando uma aquarella ou amarrando um *bouquet*, a mulher tem sempre a mesma poesia : a de trabalhar para ser agradavel, util, bôa, para satisfazer uma necessidade moral ou intellectual do esposo e da familia, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou.

Ai de nós, se vivessemos a suspirar á lua, perdendo-nos pelas regiões azues da chiméra, onde fluctuam, estraçalhadas e doentes, as almas tristes! Ai de nós, se não comprehendessemos a poesia senão no tremeluzir da estrella, no passar vaporoso da nuvem, no aroma suave dos lirios, no brilho avelludado do luar ou nas preoccupações da sala!

Felizmente, começamos a penetrar com mais attenção nos pequenos misteres communs; a saber que pisamos na terra e que devemos estimar a terra que pisamos; que ha em tudo um ponto, ás vezes quasi imperceptivel de belleza, que muitos olhos não vêem, mas que nós, as mulheres, devemos descortinar; que não ha no mundo coisa indigna de reparo e de nenhum cuidado, sobre tudo quando d'ella depende um pouco da felicidade de alguem.

* * *

Emfim :

A poesia da vida consiste em tudo; agora a do casamento, essa consiste principalmente no amor.

OS DOENTES

Tenho uma profunda e doce sympathia pelas irmãs de caridade dos hospitaes.

Tractar de um doente que amamos, não é dever — é paixão. O que eu admiro é a sublime paciencia, a enorme abnegação das religiosas, que passam a vida inteira ao lado de camas extranhas, vendo morrer gente desconhecida, salvando a custo pessoas que lhes voltarão as costas sem lhes atirarem um simples — obrigado!

Dizem que não ha quem saiba ageitar tão bem os travesseiros a um doente como as mulheres, o que não admira, porque sendo muito mais carinhosas que os homens, são mais que elles promptas para o sacrificio.

Quem se dedica ao trabalhoso encargo de zelar e proteger enfermos carece mais que ninguem de bondade e de paciencia, esse delicado attributo que nos ampara e fortalece. Além d'isso, é precisa uma certa habilidade para desenrugar ou mudar os lençóes sem mover muito

o corpo do enfermo, arejar convenientemente o quarto, desinfectal-o e arrumal-o.

Quando não tenhamos serenidade de espirito procuraremos dominar com a vontade toda a impaciencia e todo o nervosismo, domando a besta brava ou irrequieta do nosso temperamento, adoçando o nosso caracter, tornando-nos amaveis e maternaes para com o enfermo.

*
* *

Juncto á cabeceira de um doente amado, em profundas e dolorosas angustias, a mais debil, a mais fragil mulher adquire providencialmente animo, e é com um sorriso tranquillisador que enxuga o suor do enfermo, que lhe aconchega as roupas e lhe diz palavras de esperança, que muita vez não sente....

É com apparente calma que passa horas inteiras no sombrio e silencioso quarto, attenta ao relogio, evitando pressurosa a fresta d'uma porta mal fechada, a condensação do ar abafado ou uma restea de luz; identificando-se, emfim, com o seu doente, para quem a seus olhos a menor falta é um crime.

Ella, a enfermeira, não sente a perda das suas noites bem dormidas, senão quando vê o seu doente salvo; mede o espaço que vae do remedio ao alimento, emprega todos os meios para vencer a má vontade d'elle, tem imperio e é meiga, impõe e supplica-lhe, debruça-se sobre o seu leito, assidua, como tentando insuflar-lhe a sua propria vida, e observando todos os phenomenos da molestia para relatal-os ao seu medico escrupulosamente.

O que é certo é que muitas vezes a cura depende dos cuidados domesticos.

Feliz o doente que tem a seu lado uma enfermeira boa!

* * *

As impertinencias de um convalescente, o seu estado as desculpa, mas, deveras, cançam.

É na convalescença que principia a lucta com os pequeninos desejos irrealisaveis. Durante o periodo agudo, tractando de um doente a quem amamos, tractamos de nós mesmas; não é a paciencia que nos rege então, é o amor; porém quando todas as sombras se dissipam e que a amiga voz do nosso medico nos diz: « Elle não morrerá » oh! então, bebendo nova vida nessas palavras, voltamos a pensar em nós.

É então que a enfermeira, ao sentir-se exhausta, precisa de paciencia para levar ao fim a sua abençoada tarefa, e é assim que arrasta a cadeira até juncto da janella, para que o debil convalescente respire o novo ar da manhã e alegre a vista na contemplação do jardim, que lhe arranja as almofadas na poltrona, que lhe dá o braço e anda vagarosamente no seu pequeno exercicio, que brinca com bonecas se tracta de uma criança, e joga as damas, o dominó ou as cartas se de um velho; que lhe faz uns pratinhos especiaes, se elle tem fastio, ou lhe lê um livro, se elle gosta de leitura....

Quando a saude volta, a alegre e abençoada saude, despejando os seus magicos aromas pelo ambiente, tudo parece renascer, preparar-se para uma vida nova, forte, plenamente feliz.

O ex-doente entrando naquelle mesmo quarto em que passou horas de angustioso desalento, queimado de febre, respirando numa atmosphera morna e saturada do cheiro dos remedios, quando as noites lhe pareciam interminaveis e os dias tristes, e vendo-o todo arejado, sorridente de alvura, fresco, perfumado, alegre, bem arrumado, bonito, abençôa a carinhosa enfermeira, cujo vulto se grava na sua memoria agradecida....

OS LIVROS

Os paes antigos prohibiam a leitura ás filhas, affirmando que os livros eram os peiores inimigos da alma.

Para livrarem então as pobres innocentes de, por qualquer casualidade, estarem um dia em contacto com tão perigosos conselheiros, faziam uma coisa que lá comsigo julgavam muito acertada — não as ensinavam a ler!

Era, evidentemente, o meio mais coercitivo.

Hoje em dia o não saber ler é, felizmente, considerado uma vergonha, e não ha uma pessoa que propositalmente condemne os filhos a tamanha desgraça; agora o que ainda ha são chefes de familia que abominam os livros, ordenando ás filhas que não toquem nunca em semelhante coisa.

E que fazem ellas?

Curvam-se submissas a essa ordem despotica? Mas a curiosidade excitada pela prohibição? Mas o desejo aguçado pela curiosidade?

Isso, com que elles não contam, é que é um elemento de corrupção. As filhas começam a mentir-lhes, lendo ás occultas no seu quarto, de noite. Perdem assim as horas consagradas ao repouso, tão necessario á saude; de manhã estão pallidas, abatidas, nervosas, allegando uma doença qualquer, como desculpa dos olhos pisados e do cabello em desalinho; sentam-se á mesa sem appetite, com um modo pasmado, a alma suja pelas novellas prejudiciaes, insalubres, recheiadas de aventuras romanticas e de heroes perigosos.

Ora, se o pae as acostumasse aos bons livros; se, em vez de os apontar como nocivos, os buscasse como proficuos, escolhendo-os criteriosamente; se lhes fizesse comprehender as mais brilhantes paginas da historia, se guiasse o espirito indeciso das crianças pelo caminho honesto da verdade e da franquéza; se as fizesse estudar e meditar bons auctores, apontando-lhes bellezas ou defeitos, e criando-lhes uma educação perfeitamente solida, ellas não leriam por certo contos mal traduzidos nem pouco moraes e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto.

Quem está acostumado á uma leitura sadia, ás obras dos mestres, não supporta a linguagem pervertidora dos romances maus.

Mas, desgraçadamente, nós não sabemos ler!

É raro encontrarem-se nas nossas salas duas senhoras que fallem de litteratura, mostrando interesse pelos bons auctores, principalmente pelos do seu paiz! Do jornal lêem o folhetim, isto é, o romance de enredo, onde as deleitam as scenas imprevistas, as astucias de lacaios e de agentes falsos, os véos negros de adulteras

em entrevistas amorosas, e os lampejos de espadas no *campo da honra!*

Mas por que é que nos deixamos arrastar por uma torrente assim tão turva e tão falsa?

Porque, depois dos paes que não concedem um simples livro ás filhas, estão os paes para quem isso é coisa perfeitamente indifferente; isto é, paes tambem culpados. D'este modo a familia exgotta em pouco tempo volumes tirados ao acaso da bibliotheca, envenenando-se com todas as paixões de Montepin, e chorando em todos os duellos de Ponson du Terrail!

Qual d'esses dois paes será menos razoavel?

Era o caso de responder

como as crianças, quando alguem cae na parvoice de lhes perguntar :

— De quem gosta mais, de mamãe ou de papae? e que ellas respondem sem trepidar :

— Eu gosto *mais* de ambos!

Tambem nesses dois extremos ambos os systemas são *mais* criminosos.

*
* *

O livro é um amigo ; nelle temos exemplos e conselhos, nelle um espelho onde tanto as nossas virtudes como os nossos erros se reflectem. Repudial-o seria loucura ; escolhel-o é sensato.

A estante de uma mulher de espirito e de coração, isto é, de uma mulher habilitada a apprehender e conservar o que ler; que souber que isso a instrue, a torna apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e largueza de vistas ; a estante de uma mulher intelligente e cuidadosa, que ama os seus livros, não como um mero adorno de gabinete, mas como a uns mestres sempre consoladores e sempre justos, essa estante é um altar onde o seu pensamento vae, cheio de fé, pedir amparo numa hora de desalento, e conselho num momento de duvida.

E o doce Michelet, o santo Michelet virá illuminar a sua idéa escura; elle lhe dirá: *La femme est-un autel; la femme est une école ;* e mostrar-lhe-á como e porque é um altar, como e porque é uma escola. Depois d'essa exposição, ella ha de comprehender com maior lucidez e alegria os seus deveres de esposa e os seus deveres de mãe !

Spencer, Edgard Quinet, todos os que se curvaram para as crianças com um beijo ou uma esmola; todos os que apontaram á mulher o caminho da justiça, do amor e do bem, d'ahi a guiarão atravez dos labyrinthos traidores da vida, sem hesitações nem temores.

Apprender para ensinar! eis a missão sagrada da mulher.

É preciso para isso que a sua leitura seja sã, bem feita. O gosto bem educado transmittir-se-á sem macula e sem esforço aos filhos.

Convençamo-nos de que o espirito, para dominar, deve ter sido dominado pela força suprema e bemdicta dos que são mais fortes ou trabalham mais.

Vamos! minhas amigas, comecemos a lêr, mas com cuidado.

*
* *

A mulher, que é o ente infinitamente melindroso, sensivel, vibratil, delicado, tem o dever de adorar a poesia.

Eu amo-a, e esse amor tem-me dado alegrias inextinguiveis.

Inextinguiveis, sim! por que o verso, que é a mais delicada e a mais formosa maneira de vestir a idéa, quando nos entra no coração ahi deixa eternamente uma restea de luz.

BELLAS ARTES

A CASA do barão de X. é riquissima e linda! percorri-a toda e fiquei deslumbrada.

— Sim? que tem de original?

— De original? nada... mas é muito bem guarnecida, bôas mobilias, espelhos, alcatifas, reposteiros, grandes ramos de flores artificiaes finissimas, tudo do melhor, emfim.

— Viste por lá algum quadro, ou qualquer outro trabalho artistico?

— Não... a não ser os retratos a oleo dos donos da casa e duas oleographias da saleta, por signal bem bonitas.

— Pois, minha amiga, venho tambem de uma casa, de onde não sahi positivamente deslumbrada, mas com certeza muito satisfeita; e nota que não havia por lá damascos nem velludos, nem mobilias pesadas, de estofo caro; mas havia o que necessariamente falta na casa que acabas de citar: muita graça na disposição dos moveis, que não são ricos, meia duzia de *bibe-*

lots graciosos, tres quadros originaes, umas cortinas leves, e a um canto, numa mesa de centro de sala, uma grande *corbeille* de flores... naturaes. Na casa do barão haverá riqueza; na casa de onde venho ha frescura, ha gosto, ha alegria, ha o que o dinheiro não compra, e que é, portanto, de um valor extraordinario — o tino e o tacto artistico.

E emquanto a minha amiga, aliás intelligente, relembrava com enthusiasmo as molduras doiradas e as sedas *vieil-or* do salão principesco do riquissimo barão de X., eu lamentava que ella não tivesse tido a finura de se rir das oleographias exoticamente postas entre uns espelhos limpidos, sobre um papel de preço.

Desgraçadamente a oleographia vae absorvendo e estragando o gosto de muita gente.

Até aqui ella figurava, com todo a seu horror de côres vivas, nos interiores burguezes e pobres; hoje atreve-se a penetrar na casa dos ricos e é commum nas dos remediados. Na sala da costureira de arrabalde ella tinha o seu logar, sobre o sofá, onde o burguez endinheirado costuma pôr o espelho; mas, como é mais facil perverter-se o gosto que educal-o, houve quem quizesse imitar a costureira sem ter como ella a desculpa da falta de meios para adquirir coisa de maior valia.

Uma pintura original, uma aquarella, um busto, uma estatua, qualquer d'essas divinas coisas que nos enlevam e nos consolam, que veem trazer-nos do espirito do seu auctor uma scentelha que illumine o nosso, um agazalho que envolva o nosso coração, como um bafo morno a uma ave friorenta, isso sim, que é digno

de termos na intimidade da nossa sala de conversa ou de trabalho, sorrindo á nossa alegria, incitando o nosso esforço, espalhando sobre a nossa cabeça a vida que teem concentrada em si e que se diffunde á proporção que mais as contemplamos.... Aquillo não foi trabalhado á machina, num calculo mercenario de industrial moderno; não vem com o carimbo chato d'este ou d'aquelle fabricante; não revela a sede de oiro, á custa de uma falsificação abominavel; aquillo não é uma coisa banal, sem amor, sem vida; ao contrario, é uma alma, porque é a realisação de um sonho, onde um pintor ou um esculptor poz o seu pensamento, a sua aspiração de gloria, o seu carinho de artista!

Ter uma oleographia numa sala, dizia-me ha dias meu marido, equivale a usar um pedaço de vidro verde, no annel, á laia de esmeralda....

Realmente, falsificar a arte équivale a falsificar a natureza!

* * *

Só os privilegiados da sorte podem reunir obras de arte formando galerias em que se agglomerem os quadros bons e os relevos de merito; para esses o mundo é bem mais deleitoso que para muitos outros!

Quem ama as artes tem um ponto de luminosa ventura na existencia, a rejuvenescel-o, a transportal-o de um paiz a outro paiz, de um seculo a outro seculo, de um sonho a outro sonho. Não caminha pela terra materialmente, carregando a vida ás costas, como um fardo, e tem para o tedio um antidoto milagroso, que não falha nunca!

Sim, só os privilegiados da sorte podem adquirir quadros ou esculpturas de mestres; serão os unicos que tenham esse ditoso convivio, mas, como não é só a esses permittida a entrada nas exposições de Bellas Artes, vamos nós de vez em quando recrear nellas a nossa vista e educar o nosso gosto. Em Madrid, em Paris, em Londres, nas principaes cidades artisticas da Italia, vi sempre muita gente nos museus, e, coisa encantadora, innumeras velhas guiando e aconselhando crianças. Era a experiencia apontando á curiosidade as bellezas subtis que o seu olhar sósinho não poderia descortinar; era o amor da avó, tentando insuflar no adorado netinho a apreciação do bello, rasgando-lhe na alma a nuvem cinzenta da indifferença, para que o azul limpido do céo da arte ahi penetrasse ampla e alegremente!

Essa multidão que se agitava em frente aos quadros, que os comparava e commentava com ou sem proficiencia, em todo o caso com prazer, dava-me inveja de que na minha terra não houvesse a mesma curiosidade e o mesmo gosto.

Sorrindo a um quadro alegre, meditando sobre um quadro historico, deixando-se embeber a alma na melancholia de um quadro funebre, que de licções recebemos na nossa maneira de pensar e de sentir!

E que formosa e consoladora romaria era essa!

Que interesse pelos mestres, que respeito por tudo que é superior, digno e grande!

Como se pensa na hora mysteriosa em que tal ou tal artista concebeu tal ou tal sonho! pensa-se depois nos dias febris, doentes, em que elle o executou, no

delirante extase do instante em que visse completa, viva, eterna, a sua obra e o seu ideal! e vibrando ao triumpho do artista, consagra-se-lhe em mente uma apotheose de flores!

Decididamente, minhas amigas, nós não temos educação! que diremos em frente de uma tela ou de uma estatua? qual será a nossa critica? qual a nossa interpretação? qual a nossa maneira de ver?

Por maior que seja a intuição escapam com certeza á vista detalhes e subtilezas que só a longa pratica de observação, ou a voz auctorisada de um mestre, ensinam a descortinar.

É tão puro, tão vasto, tão elevado o sentimento que a arte suggere, que é de caridade até insinual-o, fazel-o buscado por toda a gente.

Felizmente, a nossa Escola Nacional de Bellas Artes, sob o influxo intelligente dos artistas novos, instituiu com exito as exposições annuaes, que serão, estou certa, o inicio da educação do nosso gosto. São por emquanto modestas, essas exposições, mas tambem modesto é o nosso meio artistico. O tempo, o estimulo e a animação dos amadores farão que ellas progressivamente augmentem de valor e de importancia artistica. Mas é já um consolo o sabermos que em setembro de todos os annos poderemos ter uma idéa do movimento e dos progressos da arte nacional; poderemos ir alli recrear a nossa vista e gosar das emoções que a arte produz em todas as organisações sensiveis.

Os paes não se devem esquecer de levar os filhos e as filhas, todos os annos, ás exposições da Escola,

que, más ou boas, pequenas ou grandes, são sempre um optimo elemento de educação e poderosamente concorrem para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento do espirito.

Vêr bons quadros e ouvir bôa musica são gosos parallelos.

José de Alencar observa, em um dos seus romances, que o piano é para a mulher o mesmo que o fumo é para o homem, — uma distracção. Outros carregarão mesmo — um vicio.

Ai de nós se não passasse d'isso! O piano batido por dedos negligentes ou estupidos, irrita como os maus versos, os pessimos quadros, tudo que em arte não passe de aleijão ou tentativa pretenciosa. Mas o piano dedilhado por mãos firmes e correctas, para quem o phrasear da musica não seja coisa banal, sujeita unicamente ao rythmo, será sempre o instrumento predilecto em uma casa, por ser o mais perfeito e o mais completo.

Em uma familia grande, onde haja meios para educar cada filho consoante ás suas tendencias, eu não vacillaria, ainda assim, em obrigar todos ao estudo da musica, que tudo alegra e amenisa. O seu auxilio é sabiamente invocado nas escolas modernas. Os córos infantis bem organisados e dirigidos proficientemente, afinam o ouvido, preparam terreno para as vastas culturas do verso e das harmonias. A musica é, pelo menos parece-me, a arte mais amada do povo. Será a mais perfeita e a mais nobre? Não sei. Mas é a que maior numero faz de felizes, e isso basta para que todos a amemos.

Ainda ha poucos dias presenciei uma scena deliciosa. Uma senhora acompanhava ao piano os seus dois filhos : o rapaz tocava violoncello, a moça tocava violino ; e, no sofá, a avó sorria para os tres, com a sua cabecinha branca muito tremula e os olhos humidos, nadando em sonhos que a musica lhe suggeria.

E aquelle alheiamento da vida, aquelle vôo de alma, aquella abstracção do soffrimento que toda a velhice arrasta, fez-me bater o coração e bemdizer aquella musica tão magistralmente interpretada, tão divinamente sentida!

CONCESSÕES PARA A FELICIDADE

Há algumas mulheres que desejam para esposos homens de intelligencia inferior á sua. Julgam isso uma probabilidade de ventura, demonstrando assim um egoismo quasi grosseiro. Que prova isso? que a mulher quer dominar *quand même*, quer ser temida, quer ser respeitada pelo marido, não pelo amor, não pela sua fragilidade e doçura, mas pelo medo, o vergonhoso medo de ser mais ignorante e menos polido que ella.

A mim então parece-me que deve ser o contrario; que do lado do homem, o mais forte, o responsavel, o chefe, é que deve estar, mesmo para alegria e conforto da nossa alma, a superioridade intellectual.

É o nosso esposo quem nos conduz pelo braço atravez dos caminhos da vida que a sociedade embaraça com os seus preconceitos terriveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espirito descança e que nos vemos cercadas de respeito.

Tanto mais forte elle fôr, quanto mais admiração lhe teremos.

Os seus triumphos, são as nossas alegrias; o seu exito no mundo, o nosso orgulho; a sua intelligencia e o seu renome, o melhor quinhão que a providencia nos poderia atirar! São essas alegrias affectuosas as que mais prendem e docemente enlaçam os corações dos esposos.

Verem-se comprehendidos e nivelados pelo amor, eis qual deve ser a aspiração de todos os casaes.

Lembrei-me d'isto a proposito de uma senhora instruida, de quem o marido dizia, escrevendo a um amigo:

« ... ella não me ama, nem me amou nunca, reconheço-o agora; e, como sabe muito mais do que eu, vivo envergonhado a seu lado. Chego a temel-a, e, comquanto a adore, arrepen-

do-me de me haver casado! Estou numa situação melindrosissima, porque, emfim, vendo-me obrigado a acompanhar minha mulher, sei mesmo que ella não me considera *apresentavel!* »

Doloroso!

Ora, se essa mulher leviana tivesse procurado no casamento, não um marido rico e pouco instruido, mas um homem para quem o seu coração a impellisse unicamente, não teria feito melhor? Não reconhecerá que o seu capricho fez um desgraçado? Terá, apesar de tudo, alegria e socego? Eis ahi uma coisa que nem sequer eu posso imaginar! Ella realisou talvez o seu sonho, arrastou o marido pelas cidades da Europa: elle pagava, ella dirigia; elle admirava-lhe o espirito, ella achava-o fastidioso! E sempre vivendo junctos, ella dominando, elle obedecendo, — nem um nem outro podiam ser felizes.

É talvez por isso que um adoravel escriptor francez recommenda muito ás mulheres que não sejam perfeitas, aconselhando-as a guardarem ao menos um pequenino defeito que as ponha ao abrigo da protecção do esposo, o qual deve sempre ser, e deve sempre crer-se, o mais forte.

A respeito, conta ter visto em Hyeres, na Provença, um magnifico jardim todo plantado de larangeiras, convenientemente espaçadas, na melhor disposição. Não havia entre ellas, diz elle, nem videiras nem arvores que as prejudicassem; sómente ao longo das aléas alinhavam-se pés de morangos, admiraveis, deliciosos e aromaticos.

Como se sabe, os morangueiros sarmentosos, teem

poucas raizes e espalham-as á superficie, sem aprofundar os seus delgados filamentos. Entretanto, as larangeiras começaram a enlanguescer e tornaram-se doentes. Ninguem suppoz serem os pobres morangueiros o motivo da molestia; as proprias arvores robustas, se as consultassem, não teriam certamente confessado ser a sua enervação devida a uma coisa tão pequena, — mas o certo é que morreram....

Os morangos haviam sugado toda a seiva da terra!...

É preciso que nós, que somos, em força, comparaveis ao homem como a planta debil á arvore robusta, busquemos a sua sombra, não para o estiolar á custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior gloria com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua protecção.

BAILES

Quando hontem cheguei do baile corri a ver meu filho; vinha cheia de saudades, como se tivesse estado longe muito tempo....

Elle dormia serenamente sob o seu cortinado de filó, com o rostinho côr de leite illuminado pela tenue luz da lamparina, e as perninhas, gordas e brancas, sobre a coberta revolvida. Afastei o cortinado, curvei-me e contemplei-o longamente. A doçura d'aquelle momento jamais me esquecerá! Como tudo o que eu deixára atraz de mim naquella festa rutilante e rica, me pareceu mesquinho, triste e pallido á vista d'esse leito todo branco, onde o meu Affonso sonhava talvez com o sabor do leite ou com os afagos maternos!

Assaltou-me o remorso de o ter deixado, e pensei com pena nessas mães que correm sempre á busca das distracções lá de fóra, deixando noites e dias consecutivos os seus filhinhos em casa, longe dos seus beijos e dos seus cuidados!

Pobre loucura a nossa! De todos os divertimentos

com que a sociedade nos sollicita, é o baile com certeza o mais prejudicial ao nosso lar. Se somos a ama

de nosso filho devemos procurar na boa hygiene e no descanço tornar o nosso leite sadio e forte; que beneficio nos traz a excitação nervosa de um baile? O dia seguinte é um dia de cançaço e de somno; não observamos, como das outras vezes, o alegre despertar do pequenino, que abre os olhos e se ri para nós, bonito como uma aurora! A criada entra-nos no quarto e leva-o comsigo, deixando fechadas as venezia-

nas das janellas, e nessa penumbra, e nesse silencio dormimos até tarde; quando accordamos, o leito do filhinho está solitario, triste, e não ouvimos como nos outros dias o seu palrar encantador que nos sôa ao ouvido como um gorgeiar de rouxinol!

Não vale a pena trocar por essa ventura o vaidoso prazer de arrastar num salão a longa cauda de um vestido de seda; não, minhas amigas, não vale a pena!...

* * *

E para as meninas solteiras?

Eu não sei bem o que pensam essas bonitas crianças que antes dos quinze annos já apparecem na sociedade com modo senhoril e muitas fitas. Essas futuras noivas, castas, puras, recatadas, não se contentam com o tule branco, nem só com as rosas do seu jardim; mostram, á claridade amarella e quente do gaz dos clubs, os seus hombros e os seus braços nús, e nos decotes dos vestidos de seda prendem broches caros ou ramos de flôres artificiaes.

Para ellas é muito maior falta não saber a valsa *Boston* ou a quadrilha americana que não saber fallar correctamente. Esmeram-se, pelo menos, muito mais na dança.

O baile prende-as e apossa-se do seu espirito; é uma garra formidavel e, para ellas, deliciosa. É nelle que ouvem as melifluas e banaes lisonjas que as rejubilam (pobre innocencia!); é nelle que a sua *coterie* as envaidece, fazendo-as supporem-se com muito maior me-

recimento... e é nelle que muitas vezes as compromette a assiduidade de um par pretencioso ou futil.

Ó futuras noivas, recatadas e meigas, perdei menos noites na dança, e, quando fordes a um ou outro baile, pedi á vossa modista um vestido mais discreto, e ao jasmineiro do vosso jardim as suas florinhas estrelladas e puras!..

* * *

Um dos males que nos affligem é a mania da dança.

A proposito de qualquer coisa arma-se um baile. Assim, esta pobre população afogueada e doente, que vive a queixar-se de dyspepsia e de dores, volteia na valsa noites inteiras, num furor que nada parece apaziguar!

Que importam os 31° do thermometro centigrado, se a orchestra rompe numa valsa de Strauss?

Não ha duvida que o baile é um divertimento galante, e, quanto mais luxuoso, mais attrahente. Elle vem de tempos em que as côrtes primavam em ostentar com exquisita gentileza todo o seu fausto e brilhantismo.

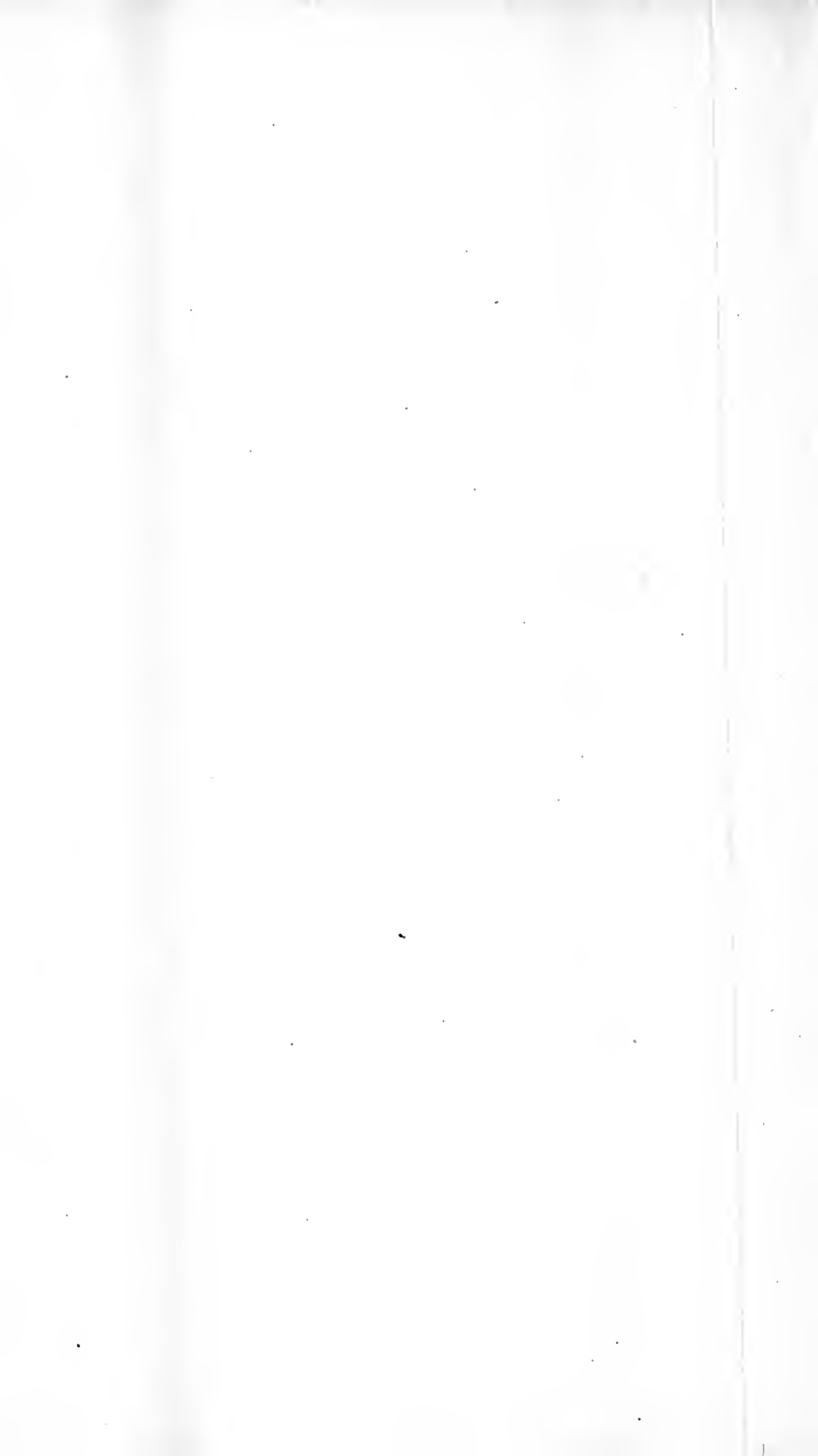
Nos menuetes, tão delicados e respeitosos, deslisava-se sobre os *parquets*, entre aromas de violetas e frescuras de rosas.

Lá fóra ouvia-se, entre cascatas e luzes, o som da musica cadenciada e doce como um suspiro.

Os cavalheiros, trajados de seda, curvavam-se deante das senhoras empoadas, e os espelhos reflectiam os seus

movimentos vagarosos e respeitadores, e as suas plumas côr da neve seguras com pedras finas.

Os bailes de hoje são mais cançativos, muito menos pittorescos e com certeza muito mais frequentes.

Vão lá saber porque !

AS JOIAS

Talvez que uma das nossas manias mais caracteristicas seja a das joias.

Neste formoso paiz do sol, onde as scintillações fervilham por toda a parte, nas azas espalmadas das borboletas e nas azas inquietas dos colibris; nos besoiros verdes, azues, vermelhos, côr de bronze ou côr de oiro; nas aguas serenas dos lagos, onde se reflecte o verdor opulento dos montes, ou na agua movediça do mar, onde nada se espelha; neste paiz em que a natureza parece um sonho de delicia e de encanto; onde por toda a parte ha faiscas brilhantes que saltitam sorridentes á nossa vista, apparecendo e desapparecendo, numa bellissima dança; neste paiz... parece que deveria haver uma certa indifferença ou cançaço que não deixasse sentir grande enlevo pelas rutilações das pedrarias.

Entretanto....

Entretanto o nosso olhar não se cança nunca do

fulgor das joias; ha, entre ellas e a gente, uma como que ligação magnetica.

Fascinam-nos! dominam-nos! teem sobre nós o poder da belleza e da graça, de que abusam num despotismo feroz!

O primeiro brilhante! que deleitoso encanto! Cae como uma lagrima de alegria na nossa mão! De onde veio aquella lagrima? do céo talvez! de um logar mysterioso e divino, cheio de graça e cheio de luz!

Não suppomos que coisa tão bonita tivesse vindo envolta nas areias pardas de um rio turvo!

O fundo do rio é lodacento, é frio; rolam nelle os seixos grosseiros e as vegetações limosas, entre as quaes se esgueiram peixes sem escama, escorregadios e molles!

Ainda se os brilhantes viessem á flux, rolando alegremente, de cachoeira em cachoeira, já lapidados, reflectindo o céo e o sol, na doida symphonia da alacridade e da luz! então seria outra coisa! a imaginação da menina não attribuiria o seu primeiro brilhante, essa crystalisação ideal, ao fragmento de uma mina reluzente, chispante, de um mundo desconhecido, esplendoroso e inaccessivel!

O primeiro brilhante! é afagado como um ser vivo, entra nos sonhos, interrompe o somno, attrae o olhar a todo o instante, e torna-se assim, não só por vaidade mas por uma imperativa tendencia do organismo da moça, como que uma affeição!

A perola, com toda a sua poesia e graciosa tristeza não seduz tanto.

Entra mais tarde nas predilecções da mulher, quan-

do o seu espirito já se não deixa levar pelo ephemero, o vistoso e o ornamental, e penetra no mundo da poesia e da meditação.

A perola não diz nada aos olhos insaciaveis das crianças; não tem fogo, não tem scentelhas; é, na sua opacidade enluarada, como a representação da morte! As outras pedras fallam, riem, cantam, gritam no seu fulgor e no seu colorido; a perola mostra-se impassivel, amortalhada em tristeza!

Se o luar gottejasse, ella poderia parecer uma gotta de luar crystalisada numa longa planicie de gelo, de onde viesse rolando, rolando, rolando até nós! Do seio azul e profundo das aguas, e do rochedo submarino escarpado e negro não parece filha! A sua belleza tem a doce tranquillidade dos que desconhecem a lucta, a vitalidade e a força.

Deveria ser a perola a joia das virgens; embelleza com doçura, tem o encanto da melancholia e da pureza. Silenciosa e linda, boia á tona de todas as pedrarias, como a formosa e loira Ophelia por sobre as aguas, — pallida e morta!

*
* *

Ha quem adore a saphira como o symbolo da belleza entre todas as pedras. Eu acho-a linda, mas taciturna: traz-me á idéa a gotta de uma onda que tivesse afogado alguem. Prefiro o rubi. O rubi canta! é forte, é alegre! o rubi transparente, limpido, é como sangue moço, ou orvalho illuminado pela aurora, que

esconde em si um gorgeio de ave, um aroma de rosa, uma palpitação de amor.

Veem depois em cortejo as esmeraldas, esmeraldas sem jaça, luminosas e bellas; os topazios rosados ou amarellos; as amethistas, de um violeta adocicado; as aguas marinhas, de azul candidissimo; as turquezas inexpressivas; as opalas lacteas (a pedra dos poetas e do infortunio); uma infinidade innumeravel de pedras, rutilas, esplendidas, que nos deslumbram a vista, que tintilam no nosso espirito, que ferem a nossa alma de goso ou de inveja, que são causa de tanto bem, e que são causa de tanto mal.

Onda perfida, fascinadora, quantos naufragos tens submergido na vida, e como triumphas poderosa e bella de todas as maldicções que atiram sobre ti os avaros ou os pobres.

Quanta dôr soffrida, quanto desejo suffocado, quanto desespero, quanta raiva e quantos crimes provocas, onda iriada, onda prismatica, formosa onda de luz!

***

O gosto pelos ornamentos nasce com o homem. Os selvagens enfeitam os braços e o pescoço com toda a sorte de objectos, preferindo sempre os de côres mais vividas e garbosas. Um collar, umas pulseiras, uns brincos, eram muitas vezes motivos de morte e de guerra!

A civilisação transformou o selvagem; poliu-lhe os sentimentos, modificando para o bem o seu genio rancoroso e brutal. Mudaram-se-lhe assim radicalmente a

opinião, a tendencia, os habitos e os gostos; só uma coisa persistiu, só uma coisa ficou tangendo nelle a nota primitiva na mesma vibração estridula e sonora: o amor pelos ornamentos, pelas bugigangas, pelos adornos coruscantes das pedrarias e dos metaes!

Não ha povo em que se não note, em maior ou menor grau, essa tendencia!

E.... entre todos os povos, será talvez o brasileiro aquelle em que esse gosto mais se exaggere e accentue!

Ter joias não é facil; usal-as com discrição é difficilimo, pelo menos pouco vulgar.

Ha uma unica joia, cujo uso constante não irrita os nervos: é o annel. Todas

as outras teem um cunho mais espectaculoso e menos intimo.

Ainda ha bem poucos instantes ouvi eu esta phrase:

— Os brilhantes devem ser usados como os adjectivos — com sobriedade.

Realmente é lastimavel vêr-se uma senhora em traje de passeio e com joias apropriadas para espectaculo ou baile. Meninas solteiras usando brincos pesados, ou pulseiras com pedras, carregando nas ruas uma somma fabulosa de joias que, se as crivam de scintillações e de luz, ridicularisam-nas, afastando-as da sua feição de candidez, simplicidade e graça nativa, que tão bem emmolduram as raparigas adolescentes, viçosas de fresca e exuberante mocidade!

Até aos vinte annos uma rosa, um ramo de violetas ou qualquer outra flor, equivale a um diamante de preço. Para que o brilho emprestado de uma pedra fina, se os olhos da gente nova teem tanto lume, tanta expressão e tanto fulgor?

As flores foram feitas para a mocidade, quadra da suprema poesia e do mais doce perfume de existencia.

As pedras... para a segunda quadra, isto é — para os dias em que o enthusiasmo é mais pratico do que imaginativo, em que já não ha na mulher o mesmo desprendimento, a mesma subtileza, nem a mesma alma candida e sonhadora que se aninha no peito das jovens.

Olha-se menos para a lua... e para as estrellas... e para as rosas; e pensa-se um pouco mais nos collares de brilhantes, que se enroscam como cobras phan-

tasticas, mordendo a pelle! e pensa-se mais nos brincos, que pendem das orelhas como duas gottas de luz inegualavel! e pensa-se... que é bem feliz quem pode satisfazer o seu capricho colleccionando saphiras da côr do céo, ou rubis da côr do sangue!

Mas o tempo vae passando... vae passando... até que vem um dia em que toda essa onda de luz: branca, vermelha, azul, verde, roxa, amarella e rosa, já nada influe sobre o espirito cançado dos velhos, e que elles voltam a sentir maior prazer e doçura á vista de uma flôr singella e humilde!

Entretanto....

Entretanto, as pedras continuam a sua obra de magnetismo e de dominio, empolgando imaginações e accendendo desejos.

Eu por mim, confesso, adoro-as! mas desejaria que as minhas patricias as usassem com um pouco menos de prodigalidade.

OS POBRES

NENHUM assumpto pode ser mais proprio para a penna de uma mulher que a pobreza.

A nossa organisação impressionavel, sentimental, nervosa, esta pobre organisação que tantas injustiças e tantos louvores tem provocado, faz-nos estremecer de piedade deante da miseria dos outros.

Ai, minhas amigas, eu bem sei que muitas de entre vós adivinham até a mais amarga pobreza, a que dissimula, que esconde uma lagrima num sorriso, um soluço num canto, e a que valeis solicitas, afastando ao mesmo tempo toda a lamentação que humilha e que o natural orgulho não comporta!

Essas, hão de sentir um prazer magico, indefinivel, soccorrendo uma classe infeliz, que se occulta aos olhos extranhos, porque sabe que se aprofundaria ainda mais se transparecesse lá fóra.

O contacto dos pobres envergonha os ricos, como se pelas leis christãs não devesse ser precisamente o contrario!

Não é meu intento fallar agora de preconceitos sociaes ; o meu fito limita-se puramente a apontar uma das missões mais bellas que a mulher exerce — a caridade.

É rara a senhora que não tem os seus pobres. Este velhinho aleijado, de olhar amortecido e longas barbas brancas, sabe que a uma porta jamais bateu debalde ; elle ahi vê sempre agradecido a mãosinha mimosa de uma menina que vem sorrindo bondosa, lá de dentro, trazer-lhe, cheia de carinho, a esmola, que já nem pede ! O perfume suave d'essa alma infantil inunda-o de consolo e elle a bemdiz !...

As mães devem sempre dar a esmola pelas mãos das filhas, fazendo-as comprehender dôres alheias, respeitar a velhice, serem affaveis para com os inferiores, formando-lhes assim no coração uma fonte de inexgottavel doçura. Devem ter sempre em mente esta duvida apouquentadora : que lhes reservará o futuro ? — e preparal-as para tudo, com o meio mais efficaz para exercitar o coração no bem — que é fazel-o caritativo.

A proposito, lembra-me esta scena singella que me ficou gravada na memoria :

Um dia, a sr.ª L. chamou a sua Julieta e disse-lhe :

— Meu amor, está ahi um pobresinho ; que devemos fazer?

— Dar-lhe uma esmola.

— Mas teu pae levou todas as chaves, e não tenho nada !...

— Procure bem.... Ah ! já sei ! os seus brincos !

— Oh! meu anjo, replicou rindo a sr.ª L., mas com que fico eu?

— Commigo, respondeu ingenuamente a pequenita.

— Não ha joia que se te compare, mas não te posso usar nas orelhas, bem vês.... Depois, estes brincos foram-me dados por tua avó.... Procura mais.

E a pequenita, toda entristecida, respondeu:

— Não sei.

— Vae então dizer que tenha paciencia.

— Isso não... coitadinho, tenho dó....

Depois, voltando-se, a uma idéa subita, correu para o interior. Tornou um momento depois, risonha, triumphante, mostrando á mãe uma moeda segura na ponta dos seus dedinhos roseos.

— Fui pedil-a ao criado, murmurou ella ao passar rapidamente pela mãe, que a viu sumir-se como um raio de luz na sombria obscuridade do longo corredor.

Essas scenas vulgares demonstram clara, nitidamente, o fundo do coração de quem as executa. Um riso, uma lagrima, um movimento determinado pela inspiração do momento, diz tudo, principalmente nessa edade em que a alma desabrocha toda orvalhada do céo, sem affectada meiguice, nem fingida bondade.

A sr.ª L. tirara uma brilhante prova da sua Julieta e estava contente.

Podéra não!

Imaginemos agora que uma infeliz viuva, gasta pelos trabalhos, canceiras da vida e fatalidades de uma sorte má, recebe, todas as semanas ou todos os mezes, das nossas economias de meninas solteiras um peculio

que, embora mesquinho, a faz, pela boa vontade com que é dado, extremamente agradecida. Essa pobre é uma velha, uma ruina; tudo nella inspira compaixão e inspira respeito. Acostumamo-nos a vel-a á nossa porta, a dar-lhe almoço, um chale, uma tigella de caldo ou uma saia usada; mesmo coisas que não nos fazem falta absolutamente.

Ella affeiçoa-se á gente, aquillo vae assim a pouco e pouco e, sem se saber como, criamo-lhe amizade tambem.

Passam-se semanas, mezes e annos, e um dia, em que

o nosso pensamento estiver todo absorvido numa felicidade intensa, quando sentirmos o coração palpitar jubiloso sob a alvura nitente do trage de noivado, não será então doce vermos, atravez do véu que nos cae sobre a face, o vulto engelhado e tremulo d'essa boa velhinha, a nossa protegida, que nos vem abençoar e dar os parabens antes de nos ajoelharmos aos pés do altar?

Ella virá trazer-nos um raminho de flores mal amanhadas, e a boa recordação de que somos dignas da ventura que possuimos.

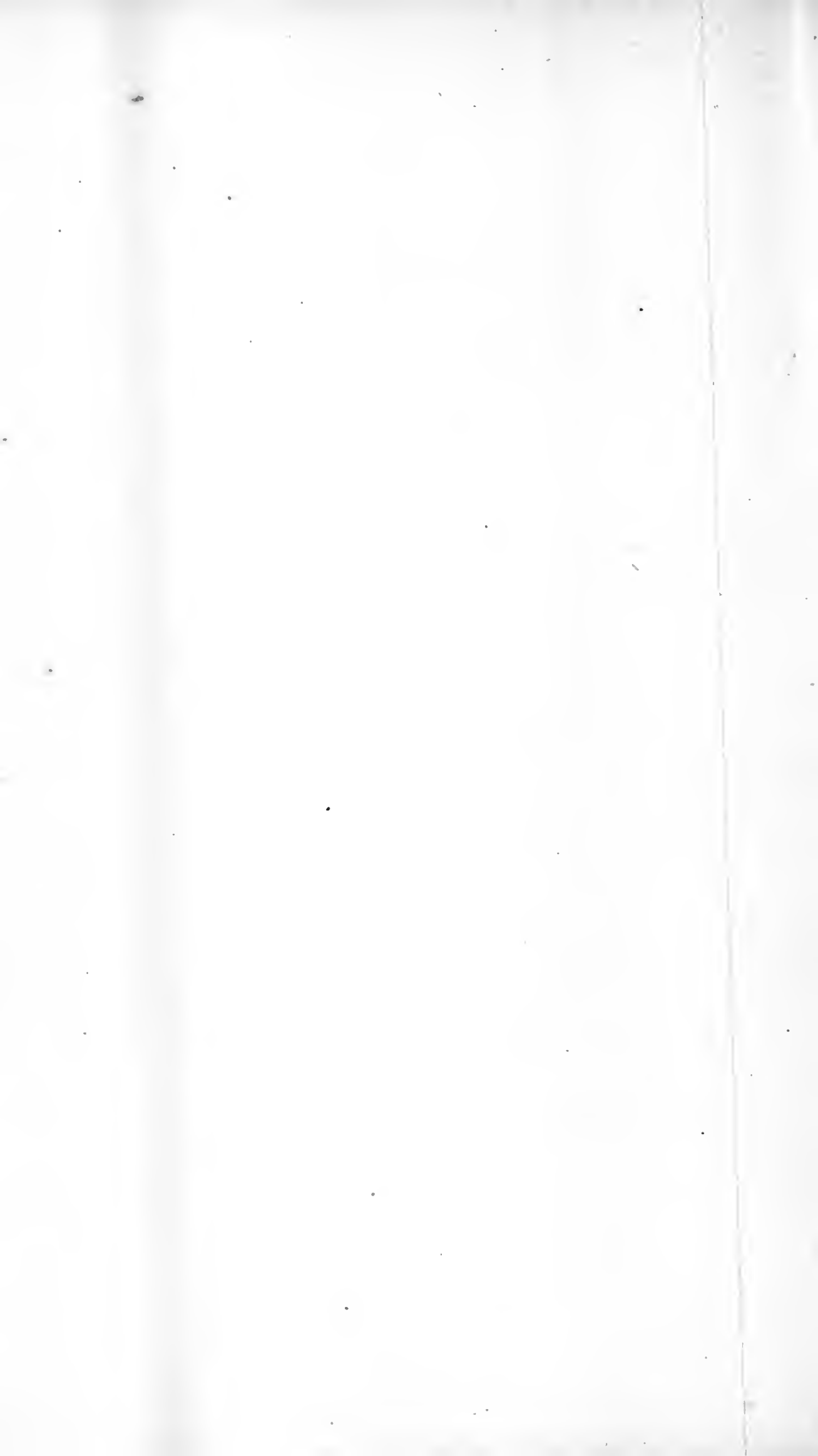
É quanto basta.

É tão bom concorrer a gente para alliviar um pouco da muita miseria que vae por esse mundo!

No Brasil a pobreza não apresenta, como na Europa, por exemplo, grandes quadros lugubres.

Lá, nas grandes capitaes, onde ha accumuladas fortunas colossaes e um luxo scintillante e esplendoroso, a miseria é maior.

Teem o seu inverno gélido; é a mesquinhez de salario que os acabrunha e mata; aqui, na terra da primavera eterna, só é verdadeiramente digno de lastima o que não tiver um resto de forças que o habilitem a luctar pela vida.

Feliz do que pode vencer a cruel pobresa, infeliz do que se deixa abater por ella. Em todo o caso, gloria aos vencedores, e amor aos vencidos!

FALTA DE TEMPO

Todas nós nos queixamos de falta de tempo. As horas voam, os dias succedem-se sem que tenhamos completado, ou muitas vezes mesmo começado um projecto qualquer que nos interessa e desejamos executar.

A vida é curta; não cabem nella todas as obras que queremos fazer; mas com paciencia e com methodo, duas coisas sem as quaes nenhuma mulher pode passar, consegue-se, ainda assim, vêr realisadas muitas das nossas vontades.

Supponhamos: gostamos de musica, ou de pintura, ou de litteratura; mas como estudar uma mazurka, desenhar qualquer coisa, ou lêr um bom livro, se a terra não pára um minuto, as horas teem azas e a casa precisa da nossa attenção continuadamente?

Só ha uma regra que nos permitte ter horas nossas, livres de grandes preoccupações, e essa regra consiste unicamente nisto: uma boa distribuição de serviço.

A ordem e o methodo são ás vezes coisas difficeis de adquirir, mas depois faceis de conservar. Dependem de um esforço da vontade, de uma tenacidade sempre proveitosa, que vá corrigindo defeitos de educação e alargando a tranquillidade da nossa vida.

Criadas como princesas, entre o piano, as *soirées* e as *toilettes*, ha muitas mulheres que levam para o casamento a falsa idéa de que a vida é uma successão de gosos ininterrompidos. Mas a verdade, que é bom apprender cedo, é que toda a felicidade custa cara.

A paz, o bom humor, a saude mesmo, obteem-se em grande parte com a ordem. Infelizmente, a ordem não é facil de estabelecer-se em uma casa, desde que a dona não tenha bastante força moral, caracter firme, vontade ou educação methodica e perfeita.

Muitas mães poupam as filhas aos exercicios caseiros, dizendo : a experiencia ou a necessidade as ensinará.

Mas a experiencia e a necessidade ensinam com lagrimas, com batimentos de coração e arrepios de susto !

Todo o trabalho que não conhecemos, espanta-nos ; e as coisas mais simples tomam proporções complicadissimas.

Para sabermos mandar, é praxe velha, devemos saber fazer. Uma noiva, portanto, precisa meditar em que só a sua influencia tornará o seu lar risonho ou triste e aperceber-se para crial-o ameno e bom.

Todos os sonhos de amor doiram miserias e illudem os espiritos.

As moças pensam que o futuro lhes guarda sempre

flôres immarcesciveis e estrellas de oiro sempre scintillantes, sem que ellas tenham mesmo o trabalho de pedir a Deus que não emmurcheça umas nem apague as outras!

Mas, minhas amigas, não vos esqueçaes de que o homem é egoista e auctoritario e de que para fazel-o feliz, como vos cumpre, tendes de renunciar ao doce ocio em que o vosso pensamento se balança e tel-o sempre vigilante e activo.

Ha mil nadas sujeitos ao nosso exame, e, exactamente para facilitar o trabalho e dar ao espirito horas de lazer, é que os devemos sujeitar a um methodo rigoroso. Assim, tendo um logar certo para cada objecto, o que evita a impaciencia da procura, coisa terrivel e abominavel; tendo aceio, submissão ao relogio, para que tudo marche a tempo e a horas, e tendo distribuido

o serviço com intelligencia e justiça, parece-me que uma senhora excusa de abandonar o seu piano — *por falta de tempo,* como a maioria confessa.

Falta de tempo! é mal de que toda a gente se queixa, sem tractar de o fazer render, deixando-o fugir, como agua por entre os dedos!

Conheço uma moça que estabeleceu em casa tabellas para o serviço da semana. São tres: uma para a cosinheira, com os *menus* determinados, dias de lavagem do assoalho, de portas e de janellas, polimento do fogão, torneiras, etc. Esta é, naturalmente, a tabella mais sujeita a alterações, porque nem sempre se encontra no mercado o genero procurado. Em todo caso, poupa o trabalho de pensar, ou de repetir muito um prato qualquer.

A segunda tabella é para o copeiro. Além do serviço da copa, limpeza de botas, etc., que é todos os dias o mesmo, estão nella marcados tambem os dias de lavagem d'estes ou d'aquelles compartimentos, de vidros, lampeões, armarios, de passar oleo nos moveis e areiar os metaes, tendo ainda a obrigação de regar todas as tardes o pequeno jardim de que a propria dona tracta.

A terceira tabella pertence á criada e determina, além do serviço diario da limpeza do quarto, da *toilette,* e do passeio matinal com as crianças, o seguinte methodo: segunda e terça feira lavagem da roupa das creanças; quarta feira examinar e concertar roupa branca, pôr ao sol fatos de casimira, botinas, tudo que fôr sujeito ao mofo: quinta feira passeiar com as creanças; sexta e sabbado passar roupa branca e engommar. Domingo livre.

O tempo ou a necessidade de serviços extraordinarios alteram por vezes essas regras. Em todo caso, a maior parte das vezes executam-se as tabellas, e a dona da casa, o tempo em que deveria estar a dirigir ou inventar serviços, occupa-o em estudar placidamente os seus nocturnos de Chopin, certa de que o dinheiro com que paga aos seus famulos, é bem compensado....

CARTA A UMA NOIVA

Minha Laura. — A tua carta veio surprehender-me entre as flores de borragem e de sabugueiro, com que, na minha quieta viuvez, curo a criançada da visinhança.

Descança, que ainda não uso os abominaveis oculos, nem o chale em bico, e que, se vieres passar commigo alguns dias, na tua viagem *de noces*, os teus formosos olhos castanhos não darão com uma Adriana taciturna e de touca, com rheumatismo e suspiros saudosos; mas sim com uma creatura, fora a modestia, que o *embonpoint* dos quarenta proximos tornou talvez mais bonita, e a quem os habitos e o ar do campo teem avermelhado as faces, amaciado a pelle, (tem as suas vantagens a falta d'agua de Lubin e do pó de arroz!), dando-lhe egualmente grande serenidade ao espirito.

Como sou um tanto revolucionaria, mudei, logo á minha chegada aqui, o nome ás coisa! Has de convir que andei bem, começando pelo mais facil. Por isso a minha humilde casa de campo, com quatro ja-

nellas emmolduradas de glycinias e rosas, passou a ter a denominação de — *cottage;* o quintal, que é na verdade espaçoso e bem plantado de arvores fructiferas, sem linhas regulares nem aléas, mas emfim sombrio, esse chama-se agora — parque! Ao fundo, perto de uma horta de dez metros quadrados, tenho o gallinheiro, onde mal cabem quinze aves, e um ranchito em que installei de sociedade: uma vacca, uma cabra e um burro! A esse rancho, chamo eu, e chamam os outros, por ordem minha — *ménagerie.* Ao quarto do caseiro, habitação baixa, de porta e janella, caiada apenas, chamo, muito convictamente, torreão!... O engraçado e que toda a gente acceita estas asneiras, e que a minha casa começa a ser citada como modelo de elegancia e de conforto!

Estas extravagancias cito-as para abrir-te a curiosidade de as vires vêr de perto. Os meus criados teem de tratar-me por *madame;* expulsei uma excellente mulata, que embirrava em chamar-me — Nhá Adriana!

Passo os meus dias a fazer tapeçarias e a ler romances, a tocar Chopin, que eu começo agora a interpretar bem, e a transmittir ao meu *mordomo* (simples criado de trinta mil réis mensaes) as minhas disposições de dona de casa.

Ás vezes acho tudo isto ridiculo; mas que diacho hei de fazer em uma terrinha onde haverá ao todo umas quinhentas casas, onde o aspecto exterior é nullo, os montes são baixos e calvos, os campos monotonos e extensos; onde o mar não soluça, nem rumoreja o povo? Que farias tu, minha doce Laura? Viuva, sem filhos, sem irmãos, sem paes, com uma pequena renda

que te não permittisse viajar, e um cantinho de terra que os tabelliães attestam ser tua?

No teu requintadissimo escrupulo de consciencia e de modestia, não procurarias, por certo, viver imaginariamente, como eu!

Ou passarias os teus dias numa grande estupidificação, ou haverias de chorar muito....

Chorar muito! a proposito, preciso dar-te um conselho.

Vaes-te casar e fazes ao teu Raul (que aqui para nós, era bom que fosse titular, conde por exemplo, conde Raul, etc., ficaria bonito... mas prosigamos): vaes casar-te com um rapaz distinctissimo, segundo affirmas, de familia rica, educado a preceito, tendo como tu predilecção pela musica, cantando divinamente, citando de memoria trechos dos melhores auctores (isso é sempre de optimo effeito); frequentando a sociedade *chic* e distinguindo-se como um dos melhores *sportsmen* de toda a republica!

Em taes condições, e com o extraordinario amor que te vota, é de crer que venha a ser um marido exemplar, conforme o talão, o que não te priva de acceitar o conselho da tua prima Adriana, que tambem amou e foi amada por um homem de bem, susceptivel e fino, que em toda a sua bella carreira praticou um unico erro — viver pouco.

Esse conselho resume-se nestas palavras: *não chores nunca ao pé de teu marido.*

Se commetteres tal erro, verás o que acontece!

A primeira vez que Paulo me viu chorar... chorou tambem!... as lagrimas rolavam-lhe pelas faces triguci-

ras, embrenhando-se-lhes na barba. Lembras-te de como era bonita a barba d'elle? Setinosa, negra... pobre Paulo! A segunda vez que chorei ao pé de meu marido, elle enxugou-me o pranto com beijos, alisando-me as tranças com todo o carinho! na terceira vez limitou-se a dizer-me de longe uma palavra meiga; na quarta ficou silencioso, e na quinta... ah! minha Laura! na quinta vez, elle disse entre o sorriso e o sarcasmo:

— *Agora choras! has de lucrar muito com isso!*

Esta scena passou-se depois de um baile, no gabinete alcatifado de branco, lembras-te? que tinha porta para o quarto. Elle passeava, abanando-se com o *claque* fechado, murmurando censuras pela minha *toilette*, pela maneira de valsar, pelas minhas palavras e pela má escolha dos pares.... Eu respondi ao principio com altivez; mas Paulo, não me attendendo, com muito mais recursos oratorios que eu, atacou o assumpto com mais vehemencia. Revoltei-me com a sua injustiça, doíam-me aquellas accusações em que entrava a supposta pretenção minha de o querer fazer passar como um marido ridiculo e lorpa.

Ora, tu sabes como eu o adorava! Era demais! quiz fugir da sala; mas antes que o podesse fazer, num desespero de gata brava, rasguei com unhas e dentes as rendas caras do meu vestido decotado e airoso.

Paulo, parado deante de mim, redarguiu friamente:

— Isso que tu me fizeste, não se faz a um cão! E o seu olhar caía sobre mim, numa frialdade de aço!

Então, minha Laura, eu, alquebrada, sem já poder

conter a minha dôr, — chorei, chorei muito! mas desgraçadamente, pela quinta vez, ao pé de meu marido.

Elle continuava impassivel, eu sahi da sala como uma vencida. Na minha fragilidade de mulher, os desgostos explodiam em lagrimas! A palavra tarda-nos quasi sempre nessas luctas, embora tenhamos do nosso lado a razão. Nervosas, fracas, doentes, a nossa susceptibilidade refina-se a um tal ponto, que a menor palavra do homem que amamos fere-nos o coração, fazendo-nos chorar.... Elles, os homens, teem, supponho eu, uma crença que nos prejudica barbaramente: julgam que choramos na vida, como as actrizes choram no palco, especulando com o seu sentimentalismo ou fazendo experiencias com o seu amor! Como o seu organismo, muito mais forte que o nosso, não soffre os mesmos embates e resiste aos choques que

nos derrubam a alma; como ficam sempre altivos, senhores da situação, analysando, até no momento da maior intensidade, a dôr sentida; como são menos vibrateis, menos impressionaveis e menos doentes que nós todas (pobres nervosas!), julgam que *se quizessemos*, discutiriamos como elles, de olhos seccos, palavra incisiva, gestos vehementes... sem explorarmos o recurso chôcho e piegas das lagrimas, que, sendo repetidas, tornam-nos verdadeiramente ridiculas! Para nós, a lagrima é uma coisa sagrada! é como que um boccado de alma que vem espedaçada, doente, e que na sua limpidez crystalina reflecte um mundo negro de angustias indiziveis! Uma inimiga nossa que chore, e eis-nos prostradas! Para elles, filha, as lagrimas não são mais que:

« Agua, sal, soda, muco e phosphato de cal »,

conforme attesta um poeta, isto é, um ente que, pela sua fina sensibilidade, mais analogia póde ter com a nossa maneira de sentir!

Emfim, sempre que te surprehender um desgosto, não procures, por um movimento instinctivo que nos approxima sempre, nas grandes crises, das pessoas que mais amamos, não procures, digo, os braços de teu marido como um refugio consolador; mas, ao contrario, se estiveres a seu lado engole as lagrimas e foge, para que os teus soluços rebentem na solidão de teu quarto.

Agora outro conselho: se teu marido não gostar que danses nem que frequentes os bailes *á côrte*... resigna-te e afasta-te d'esses divertimentos. As tuas tranças loiras terão mais poesia á luz doce do lampeão caseiro,

quando bordares os vestidinhos para o adorado *mysterio* que ha de vir, do que roçando na casimira negra de uma casaca que te leve em rodopios pelas salas muito cheias de flores, de luzes, de calor e de maledicencia; mas se, por acaso, não tiveres força para resistir, e dansares; se, depois, teu marido se mostrar ciumento, e te comparar ás esposas dos seus amigos, *todas muito resignadas, bondosas, virtuosissimas,* etc., não te enfureças, e sobre tudo não rasgues o teu vestido de baile, mesmo para evitares o trabalho de o concertar no dia immediato!

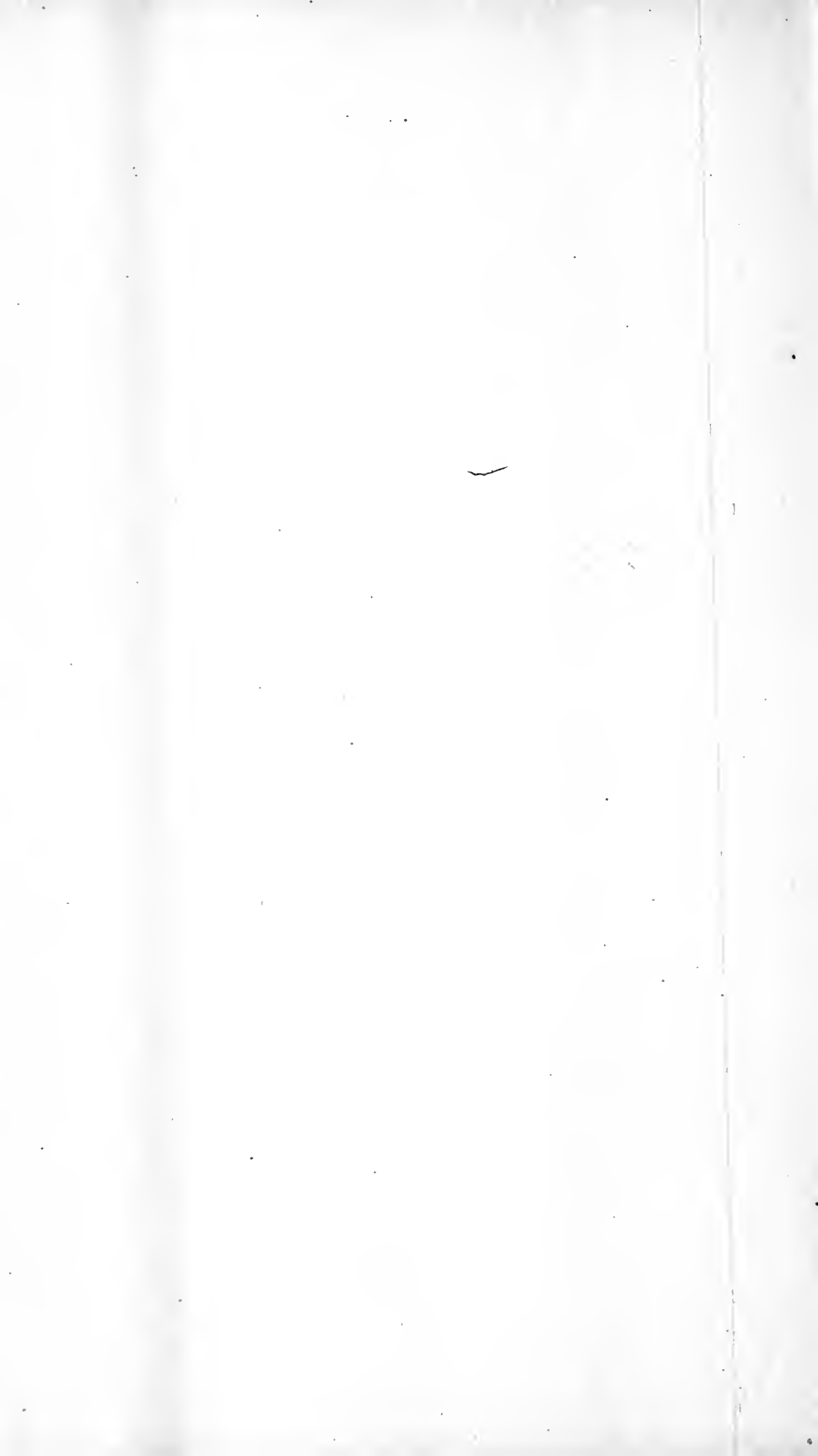
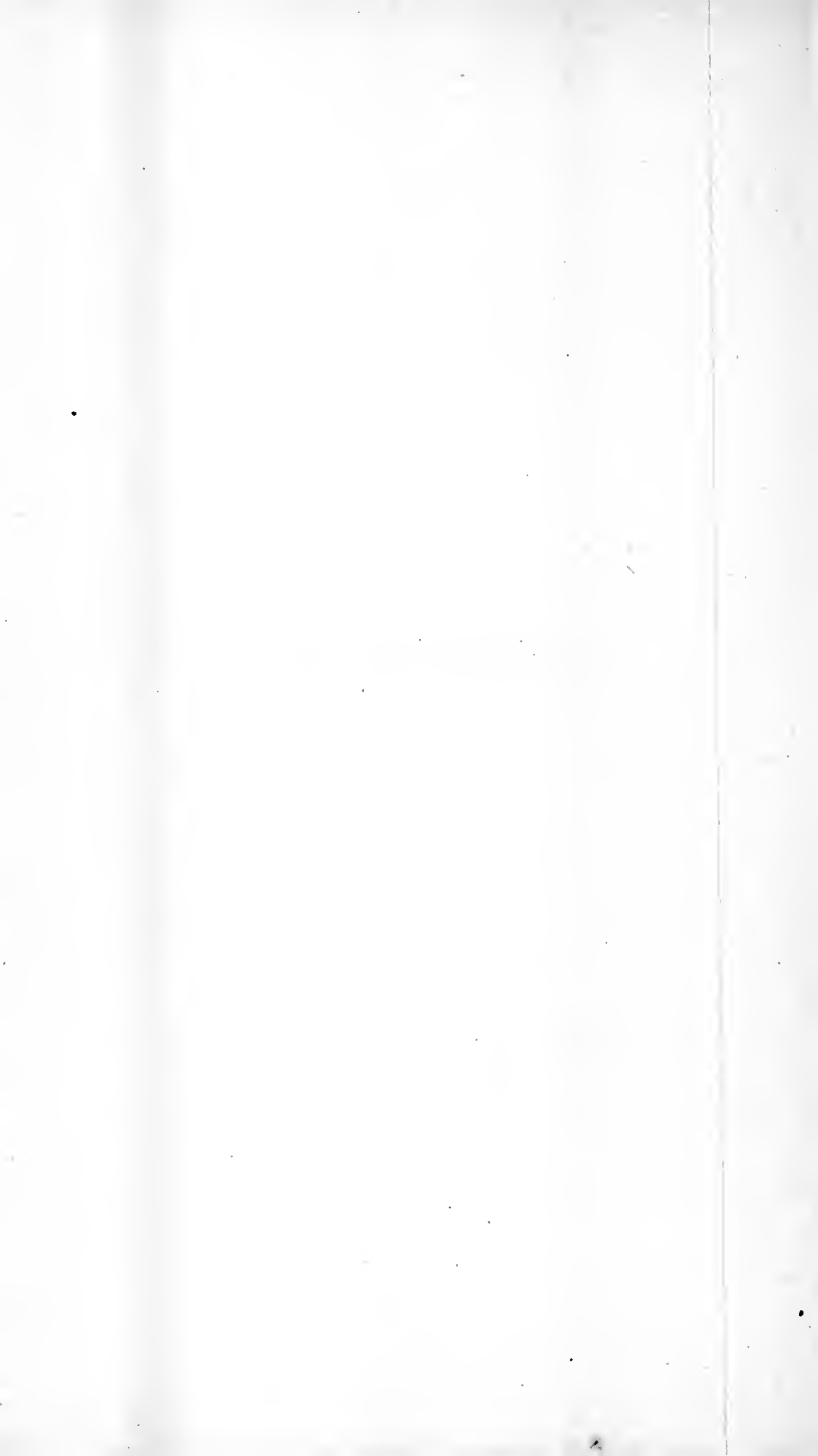
Bem vês que a tua imaginosa Adriana sabe tambem dizer coisas praticas e sensatas.

Quem nos diz que eu não daria uma excellente moralista?

Deus me livre d'isso!

Ah, é verdade! as minhas laranjeiras estão floridas; se não fosse a distancia mandava-te um comboio de flôres!

Tua

ADRIANA.

SEGUNDA PARTE

A MESA

Linho alvo, flores frescas, crystaes limpidos, porcelana e talheres bem tractados, constituem o principal elemento para tornar uma mesa attrahente e risonha.

Não está só na quantidade nem mesmo na variedade do *menu* o encanto de qualquer refeição, mas sim na sua leveza, no sabor delicado dos seus alimentos e na maneira porque é disposta e servida. Certamente que não ha nada que mais carinhoso olhar mereça de uma boa dona de casa do que a mesa e nada onde com tanta frequencia sossobre a sua boa vontade.

Por desgraça, não temos por emquanto um mercado, onde uma senhora possa ir sem medo de se enxovalhar. E uma *ménagère* burgueza e sem fortuna, esbarra de vez em quando com a necessidade de ir ella propria fazer as suas compras. As vantagens são faceis de prevêr : economia, sciencia dos preços da occasião, e a faculdade de escolher a seu gosto sortindo a casa de alimentos frescos e saudaveis.

Um cosinheiro muitas vezes vacilla na compra de uma ave mais cara, de uma caça exquisita, receando desagradar aos patrões e entrar a fundo nas despezas estipuladas; a dona de casa não; conhece os gostos do marido, os dos filhos, e procura satisfazel-os com afan. Trajada com uma *toilette* matinal e simples, ella segue, acompanhada pelo criado, por entre as alas de verdura, de fructas, de peixes, etc., parando aqui, alli e acolá, provendo-se dos ovos mais frescos, da hortaliça a mais tenra e nova, da carne mais sã. De carteira na mão, faz as suas contas, comprando por juncto, examinando com attenção todas as coisas, sem medo de que olhos curiosos a tachem de impertinente ou ridicula! Tem consciencia de que anda a cumprir um dever de *ménagère* e continua placidamente a assoprar as pennas das gallinhas, verificando se estão gordas, a erguer as guelras dos peixes, para saber se estão frescos, a revirar entre os dedos os pecegos maduros para os não levar bichados ou pôdres para a sua mesa!

Um mercado amplo, arejado, sombrio e limpo é base indispensavel para uma mesa hygienica e confortavel. O nosso escolho está nisto: de que nos devemos servir de hortaliças e fructas que passam horas ao sol, apertadas em taboleiros ou cestos quitandeiros, cuja limpeza não nos inspira confiança.

* * *

A physionomia amavel de uma sala de jantar contribue enormemente para o prazer da mesa.

Fallo como se estivesse entre amigas, procurando

embellezar e adoçar as attribuições caseiras, tornando sympathica a vida e resignada a pobreza; por isso, pondo de parte descripções de mobilias caras, recommendarei unicamente ás donas de casa que procurem envolver tudo em um ar risonho e prospero, que entre pelos olhos a dentro e revigore os espiritos cançados. Quando uma sala de jantar não puder ter crystaes e marmores encantadores, terá umas trepadeiras perfumadas e lindas ás janellas, uma mobilia leve e bem tractada, embora singella e barata, um canario gorgeiador, um tapete do oleado em baixo da mesa, qualquer d'esses retoques, que fazem sorrir o barro vermelho das moringas d'entre a folhagem das avencas, ou a doçuras das rosas d'entre o colorido das fructas.

Ha uma forma seductora de ser simples, tendo bom gosto.

Imaginemos sempre um hospede *inesperado*, preparemo-nos assim, sem augmentarmos um prato

siquer ao ordinario, mas tendo-o, mesmo por isso, bem feito, aprasivel, bom.

Por mais modesto que seja um jantar, elle pode ser appetitoso.

A fumacinha azulada saindo em novellos pequeninos da singella sopeira de porcellana branca, porá no ar um aroma tentador e convidativo; a salada feita pelas mãos de uma das senhoras da casa, as fructas a mostrarem por entre a verdura das fructeiras as suas alegres côres, rubra, e dourada; uns pratinhos variados, ervas... ervilhas... cenouras... um legume qualquer, emfim, para excitar o gosto para a carne, uma costelleta de carneiro ou outra coisa que a cozinheira não tivesse trazido na vespera nem se lembre de trazer no dia immediato... ninharias, entradas no orçamento da despesa diaria com boa tactica administrativa... uma sobre-mesa delicada, um café saboroso, bebido em canequinha fina e com colher de prata.

Eis uma exigencia exquisita, mas necessaria afinal.

Ninguem nega a influencia que tem no sabor de uma bebida o vaso que a contem.

O chá mais caprichosamente feito, perfumado, forte, deixa de ter sabor numa chicara grosseira e sobe o seu qualificativo a delicioso quando numa chavena leve, transparente, que nos faça levar em conta de perdão todo o preguiçoso prazer sentido e revelado pelas tão descriptas fidalgas chinezas, que envoltas nas suas largas roupas de seda, com os pés em chinellas cobertas de arabescos, reclinadas indolentemente por de traz dos biombos phantasiosamente pintados, o sorvem, saboreando, a goles pequeninos....

O vinho! imaginae bebel-o em porcellana... é o mesmo que dizer: comei o bom *foie-gras* em prato de crystal.

Os talheres?... dão um gosto especial á carne, á sopa, á fructa, ao doce, ao queijo, a tudo! Devem ser bem zelados, os talheres....

*
* *

Não falta quem sustente que a mesa é a base da felicidade na vida do homem, e esses confessam reconhecer em Brillat-Savarin um sabio de bellas theorias e facil pratica....

A alimentação influe no caracter, affirmam sabios; e mais ainda que no caracter é a sua influencia poderosa na aptidão para o trabalho. Vá uma pessoa entregar-se a uma tarefa delicada, a um trabalho intellectual, a um estudo subtil, depois de um jantar grosseiro e pesado! A difficuldade da digestão produzirá o ennervamento geral, embotando o cerebro e perturbando o pensamento.

A escolha dos alimentos deve, portanto, ser feita com intelligencia e criterio.

D'isto resulta que toda a mulher deve ser um pouco cozinheira; que, do mesmo modo que sabe fazer o seu vestido de surah ou de linho, deve saber escrever uma carta, ler um livro, receber uma visita, ou fazer a massa doirada, macia e fina, de uma torta de aves, ou uns bons pasteis folhados....

A COZINHA

É da cozinha que muitas vezes depende a felicidade do homem!

Todos concordarão com isso, quando se lembrarem de que ella é o laboratorio da casa, onde um chimico desageitado e ignorante, sob um avental, um bonnet e a denominação de cozinheiro, pode, á vontade, na maior boa fé, estragar-nos a alegria, o bom humor, afugentando a nossa adorada saude á força de adubos apimentados e complicadissimos, ou, o que é ainda peior, pela falta de aceio.

Ahi está uma coisa, para a qual, na minha opinião, deveria haver uma escola, onde se apprendesse a cozinhar com limpeza, a pôr condimentos que tornassem saboroso o alimento sem o prejudicar na leveza, fazendo-o conforme as exigencias do clima e a natureza dos individuos.

Essa escola formaria cozinheiros, como uma academia doutores, reclamando exames e conferindo cartas.

E nós, que exigimos de um medico o diploma que

nos garanta a authenticidade do seu officio, porque não o exigiriamos do cozinheiro, quando de ambos pode depender, e evidentemente depende, a nossa saude?

Quantos beneficios resultariam d'isso!

Com o curso da escola, o cozinheiro saberia discernir com criterio as qualidades e quantidades; teria noções de chimica que o habilitassem a substituir por outro o pesadissimo, o brutal alimento com que se enche e amortece a população brasileira: o feijão, a carne secca, o cosido dariam logar a coisas mais saudaveis, de muito mais facil digestão; saberia melhor tractar da cozinha, temperar os guisados, arear os metaes, desinfectar as panellas, pesar os mantimentos e, sobretudo, dar á sua profissão o cuidado, o amor, a attenção, que todo o artista deve ter pela sua arte.

Estou certa de que com esse systema os habitantes d'esta bella terra seriam menos lugubres, menos amarellos, menos scismaticos!

O nosso cozinheiro pode fazer-nos espirituosos ou estupidos, segundo a sua vontade!

Quem nos diz, por exemplo, que a alegria do espirito, na França, não seja mantida pela sua cozinha?

Como seria, pois, benefica a escola que reformasse a nossa mesa, tornando-nos activos, risonhos e fortes!

Mas, infelizmente, não a teremos nesse genero e resignamo-nos a ser envenenados consoante o capricho de qualquer mestre ramerraneiro e boçal.

Assim, fica compromettida a nossa posição de *ménagères,* porque, ai de nós, pouco ou nada d'isso entendemos tambem!

Somos, na maior parte, umas inuteis donas de casa! É tempo de nos convencermos que a cozinha deve, muito especialmente, merecer o nosso zelo, a nossa mais escrupulosa attenção.

Aconselho a todas as que podem, ou teem a fortuna de ser bem servidas, o uso do fogão de gaz, como o mais limpo, o mais commodo e o mais hygienico.

Em todo caso, seja qual fôr o material empregado, a cozinha deve ser alegre e limpa.

Minhas senhoras! se gosaes a rara ventura de ter uma cozinheira que traga as prateleiras bem forradas, as panellas luzidias, o fogão areiado, o assoalho claro, a mesa bem lavada, o ramo de salsa mergulhado na agua, previdentemente, tal qual a rosa do vosso porta-bouquet; se tendes uma cozinheira que conhece e tracta convenientemente da carne, que a rejeita ou questiona se algum dia vem má, — se a tendes, conservae-a, a despeito de qualquer de-

feito de genio, porque é rara, porque não vos arruinará, não vos fará dyspépticas, tristes, amofinadas, sombrias e azedas.

Agora, se a vossa cozinheira fôr o que geralmente são todas por ahi, tractae de a educar; e se porventura não attender aos bons conselhos nem fôr susceptivel de emenda, nesse caso... resta-vos um unico meio de salvação — despedil-a!

OS ANIMAES

DEPOIS do leão, o animal que mais interessa a meu filho é a baleia. Hoje pediu-me, pela centesima vez, que lhe descrevesse esse poderoso cetaceo, como respira, como cria os filhos, como se move na agua, se dorme á tona ou nas profundas do oceano, e como vira os barcos e engole gente viva!

Em verdade, as mães deveriam saber tudo; porque a inquirição não cessa e do infinitamente grande extende-se até o infinitamente pequeno, numa cadeia logica, ininterrompida de observações curiosas, que é doloroso não esclarecer de um modo positivo e perfeito.

Para dar a meu filho ao menos uma ideia do fundo do mar, abri o catalogo do *aquarium* de Napoles, o mais bello que tenho visto, e mostrei-lhe as estampas, junctando-lhes as minhas descripções.

Notei que a criança deixava de olhar para o livro para olhar para mim, como se as minhas palavras lhe

dessem uma ideia mais viva e mais exacta das coisas, que as proprias gravuras.

Os seus olhos illuminavam-se, ouvindo-me descrever os mysteriosos encantos da flora e da fauna marinha, com as suas algas, os seus espongiarios, as suas madreporas e molluscos, os seus variadissimos peixes, os seus coraes esgalhados, onde as ervas se enroscam e as aranhas fazem ninho, os seus crustaceos e reptis, as suas conchas formosas e de côres delicadas, a sua vegetação, as suas flores singulares, os seus ninhos suspensos de velhos esqueletos de plantas núas, como ossificadas, as suas estrellas, os seus buzios, ou os seus polypos, verdadeiras plantas animalisadas, abrindo-se em palmas da mais fina renda !

Elle acabou pedindo-me que mandasse fazer aqui no meu jardim um *aquarium* d'aquelles, mas onde coubesse tambem uma baleia !

Prometti-lhe leval-o ao museu.

— No museu os bichos estão vivos ?

— Não.

— Então....

Houve uma decepção no seu rostinho.

Realmente, bichos mortos pouco instruem as crianças porque nada as interessa. Entre um museu em que velhas jararacas, tigres empalhados, leões cheirando a naphtalina, e outras feras de *pose* impassivel e olhos de vidro se exhibam, ou um jardim zoologico, em que esses mesmos animaes ululem, berrem, rujam, se enraiveçam, infundam medo e respeito, vae a enorme differença de tudo para nada, que tal é a da vida para a morte.

Eu sempre detestei os passaros empalhados, os animaes envidraçados, mudos e indifferentes.

Quando em criança me levavam ao museu do Campo de Sant'Anna o meu olhar roçava sem curiosidade por todas as aves, impaciente por não vêr um frémito na suas azas, nem um lampejo nos seu olhos redondos.

Os animaes grandes não conseguiam mais. Enfiar a mão no queixada de um crocodilo, passeal-a pelo dorso de uma onça não accordava grande prazer no meu espirito.

Eu bem via que o bicho estava morto; nem mal nem bem me podia vir d'alli, e espreguiçava-se-me a vontade de o examinar.

Esse gosto para observações scientificas é limitado a certo numero de estudiosos; em todo caso depois de transposta a quadra infantil. Eu saía do museu confusa. Mas se nessa tarde visse um animal feroz num circo, ou um pobre macaquinho na rua, lá ia importunar a mamãe com mil perguntas acerca da raça, dos costumes, dos gostos e até dos sentimentos d'esse pobre animal!

E o que acontecia a mim acontece a todas as crianças. O rugido de um leão echoando pelas alamedas de um jardim zoologico aguça a curiosidade e a vontade de o vêr e de tornar a ouvil-o. Por mais estupida que a pessoa seja, vem a observação junctar-se ao instincto do respeito por aquella força formidavel e imponente.

É por isso que o meu filho quer que eu tenha uma baleia viva em nossa casa! Como todos os da sua edade, o que lhe alvoroça mais a imaginação, é *o que se passará* em cima das nuvens ou em baixo das ondas....

Dóe, a uma mãe carinhosa, não poder tudo illumi-

nar, tudo fazer sentir, docemente, num desabrochamento de flôr, a essas almas alegres, audaciosas e sonhadoras, de quem ella é a vigia e para quem olha em extasis, como para estrellas que Deus lhe puzesse na mão e que o menor sopro possa extinguir !

***

A proposito de animaes, convem dizer algo do cão. A litteratura explora ainda com sentimentalismo banal a humildade e o grande apego do cão pelo seu dono, e o leitor escorre quasi sempre uma lagrima terna sobre essas paginas em que o animal figura como um heroe, um sancto, de coração magnanimo e espirito relativamente superior !

Os poetas comparam o

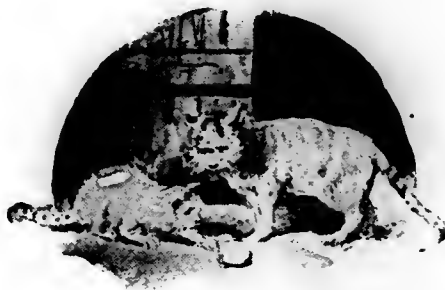
seu olhar ao do Christo, e nenhum devoto protesta contra a heresia, porque o povo ama o cão.

Eu, por mim, confesso ter por elle uma admiração mediocre. Não o aborreço, mas temo-o e não o quero em minha casa.

Não repetirei as asserções de Alphonse Karr, que o crimina como um exemplo terrivel de baixeza degradante e de immoralidade, e o considera pernicioso numa casa de familia.

Não. Eu acompanho a corrente de sympathia com que, aliás, olho para quasi todos os animaes; e se não quero cães em minha casa, apezar de os achar bonitos e carinhosos, é por esta simples razão — tenho medo, medo da terrivel hydrophobia, tão commum até em cães bem tratados.

Esta ideia assaltou-me depois de ter filhos e de vêr chorar um velho por matar a tiro o seu cão predilecto.

Desde então afflige-me topar nas ruas com os cães sem açamo, e esta impressão de desagrado, que já agora não se desvanecerá, faz-me pena....

AS AVES

I

MICHELET, o consolador, o justo, o bom Michelet, que tantos e tão bons conselhos deu aos homens, voltou um dia o seu olhar de pae para os passaros e escreveu-lhes a historia, longa e ternamente, mostrando a sua superioridade, o seu merito, o seu grande valor. *L'oiseau* é um livro deliciante, innocente, casto, bom. Ensina a amar, a vêr nessa legião bohemia que chilrêa nas arvores, nos telhados, nas florestas, sobre o manto fôfo das gramas ou sobre as aguas profundas do mar, exemplos de firmeza, de amor e de abnegação.

Mais constante que o homem, o passaro dispensa sempre á sua companheira uma solicitude e um auxilio extraordinarios. Ajuda-a, como toda a gente sabe, a escolher os materiaes para o ninho, e ajuda-a depois a fazel-o e a vigial-o. É um guarda carinhoso, um amigo previdente, um defensor arrojado.

Entre os passaros ha tambem paixões, assaltos e

ataques, luctas e guerras; mas porque? porque ha alma, e onde existe o sentimento ahi encontraremos a dôr.

E quem negará o sentimento ás aves? Quem desconhecer a já proverbial tristeza da viuvez da rola, quem não observar o poema de amor que um ninho encerra, quem não detiver um pouco o olhar nesses quadros fugitivos e inolvidaveis que se passam todos os dias no beiral de um telhado, em que se agrupam umas camachirras modestas, ou nos galhos das arvores, em que temporariamente habitem outras aves quaesquer.

Traduzir os seus cantos, hymnos ou queixas, é que não sabemos, desgraçadamente.

Michelet interpretou os que ouviu, e conta-nos os seus dramas intimos, os seus suspiros e melancholias; mas Michelet era europeu. Cantarão as aves da França como as da America?

Provavelmente não; serão por isso diversas, mais acerbas ou menos intensas as suas maguas ou as suas alegrias?

Quem nos dirá?

Imaginem que deliciosos poemas nos daria quem estudasse com attenção as aves do Brasil, e as descrevesse com carinho! A maior parte d'ellas são-nos desconhecidas, e entre essas quantas haverá que trazidas e habituadas aos nossos lares, nos fossem proveitosas e agradaveis á vida!

Seria ocioso transcrever para aqui algumas das paginas que a respeito da caça escreve Michelet. Esse livro de paz, de amor, de caridade, deve ser lido inteiro por todas as mulheres de coração, para que, ensinadas,

aperfeiçoadas por elle, vão afastando do espirito dos filhos o gosto pela caça, esse divertimento barbaro e immoral, porque é o exterminio do fraco pelo forte. Em todo caso não me furto ao prazer de traduzir aqui um pequenino trecho de *L'oiseau.*

Eil-o :

« O homem nunca teria vivido sem ave ; só ella o poude salvar do insecto e do reptil, — mas a ave teria vivido sem o homem.

« Ou houvesse homens ou não, a aguia reinaria do mesmo modo, enthronisada nos Alpes. A andorinha nem por isso faria menos a sua migração annual. A fragata, não observada, librar-se-ia no mesmo vôo sobre o oceano solitario. Sem esperar auditor humano, o rouxinol na floresta, com mais segurança, cantaria o seu hymno sublime. Para quem ? Para a sua amada, para a sua ninhada, para a floresta, para si mesmo, emfim, que elle é o seu mais delicado auditor.

« Este nosso livro é de paz, escripto precisamente contra a caça que odiamos.

« Caça á aguia e ao leão, estamos por isso ; mas nada de caça aos fracos.

« A fé religiosa que temos na alma e que aqui ensinamos, é que o homem ha de pacificamente reconciliar toda a terra, ha de chegar a persuadir-se, pouco a pouco, de que todo o animal adoptado, domesticado, ou trazido ao menos ao grau de amizade ou de propinquidade de que a sua natureza fôr susceptivel, lhe ha de ser cem vezes mais util de que morto.

« O homem não será verdadeiramente homem, senão

quando trabalhar sériamente no que a terra d'elle espera, — na pacificação e reconciliação da natureza viva.

« Mal hajam os povos ingratos!... E, com isto, queremos dizer os povos caçadores que, sem recordarem tantos bens que devemos aos animaes, teem exterminado a vida innocente. Uma sentença terrivel do Creador pesa sobre as tribus de caçadores: *Ellas não podem crear nada.* Industria, arte alguma sahiu d'ellas. Nada teem ajuntado ao patrimonio hereditario da especie humana. De que serviu aos Indios da America do Norte o serem heroes? Não tendo organisado nada, não tendo feito nada duradouro, estas raças, de energia unica, desappareceram da terra, em presença de homens inferiores, os ultimos emigrantes da Europa.

« Não acrediteis neste axioma — os caçadores tornam-se, pouco a pouco, agricultores. Nada; elles matam, ou morrem. Este é todo o seu destino, vemol-o bem por experiencia. Aquelle que tem matado, matará; aquelle que tem creado, creará.

« Com a necessidade de emoções, que todo o homem traz em si, ao nascer, a criança que se satisfaz habitualmente pela matança, por um dramasinho feroz de surpresa e de traição, de tratos ao fraco, não achará grande prazer nas suaves e lentas emoções, que dá o exito progressivo do trabalho e do estudo, da pequena industria, que por si só faz alguma coisa. Crear e destruir são os dois enlevos da infancia. Crear é longo; destruir é curto, facil. A menor creação implica os dons

do Creador e da boa natureza : a mansidão e a paciencia.

« É coisa repugnante e horrenda vêr uma criança caçadora, vêr a mulher approvar, admirar a matança, animar a isso o seu filho. Esta mulher, sensivel e delicada, não lhe daria uma faca, mas dá-lhe uma espingarda; matar de longe, embora! Não se vê assim o soffrimento.

« E ha mães que, vendo, consentem que uma criança, presa no seu aposento, se divirta arrancando as azas das moscas ou dando tratos a uma ave ou a um cãosinho.

« Mãe imprevidente! Ella saberá mais tarde o que é haver formado um coração desapiedado. Velha e fraca, refugo do mundo, sentirá por sua vez a brutalidade de seu filho.

. . . .

« Mas o tiro? objectar-me-ão. Pois não é preciso que a criança o aprenda, matando? que, de assassinato em assassinato, ella chegue a matar a andorinha voando?

« O unico paiz da Europa, onde todos sabem atirar, é aquelle em que menos se atira á ave. A patria de Guilherme Tell soube mostrar a seus filhos um alvo mais justo e mais sublime, quando libertaram o seu paiz. »

* * *

Estamos em um paiz de rara fecundidade, onde tudo se cria maravilhosamente, e é talvez por isso que não temos pelas coisas da natureza um grande enthusiasmo.... Entretanto, para o espirito delicado da mulher,

para o seu coração naturalmente terno, que extraordinarias e recompensadoras doçuras daria á criação das aves finas que alegremente gorgeiam nas gaiolas ou pipilam nos jardins!

Eu desejaria ter, como George Sand, o poder fascinador sobre as aves, attrahil-as a mim, como a adoravel escriptora as attrahia, tel-as sobre a minha mesa, sobre os meus hombros, na doce intimidade que os bons amigos inspiram, vel-as volitar alegremente no meu escriptorio, rodeando a minha filha, que abre agora os seus olinhos curiosos para tudo que brilha, que se agita e que passa.

Amo as aves indistinctamente, grandes e pequenas, raras e communs.

O vôo, que é a inveja do homem, é o

supremo encanto da ave. O passaro mais feio torna-se magestosamente bello voando. Olhemos para um urubú, por exemplo. É medonho, anda mal, aos saltos, com o pescoço depennado, muito extendido. Voando é lindo : extende as azas e corta o espaço com tanta serenidade, que dá vontade á gente de se tornar pequenino e ir deitado sobre aquellas azas!

As andorinhas, aves predilectas dos artistas, teem um vôo magnifico, e é um encanto vel-as reunidas nos beiraes dos telhados pipilando estridula e alegremente.

Nós devemos prestar mais attenção ás aves. Ha familias grandes, onde, para deleite e poesia da casa, cada moça devia dedicar-se a uma occupação distincta, quando não as quizesse accumular. Porque, afinal de contas, o nosso tempo chega para mais do que pensamos; com algum methodo, as horas bem divididas, podemos perfeitamente tractar da casa, da cultura das flôres, do viveiro e do gallinheiro, etc.

A mim me parece que é uma occupação muito propria para uma moça intelligente, a criação de aves brasileiras, as mais raras, por exemplo, que mesmo d'essas não será diminuto o numero!

Ha tantos jardins por ahi onde os viveiros ficariam bem, ha tantas chacaras grandes e tantas moças que não sabem que hão de fazer do seu tempo!

Eu jà lembrei uma vez ás leitoras a formação de uma sociedade de moças que fizesse uma exposição, ao menos, por anno, de flores e fructos cultivados por ellas; addicionemos-lhes tambem as aves, como uma criação bella e proveitosa, não só moral, como materialmente fallando.

Desvendar das florestas mysteriosas os seus bellos segredos, patenteal-os á sociedade, para recreio dos olhos, deleite do ouvido, e fonte de renda mesmo com os mercados extrangeiros, será cousa indigna de attenção e cuidado?

As mulheres teem paciencia, solicitude e carinho; devem ser esses os principaes predicados para a criação das aves; muitas vivem na roça, em fazendas cercadas de florestas, onde os caipiras adestrados, por pequenas gratificações lhes levariam aves e ninhadas preciosas.

Não seria isso mais util que as exposições de flôres de panno, conchas, pennas e papel, ou de colchas, as medonhas colchas de retalhos, com que de vez em quando nos mimoseiam?

Creio bem que sim....

II

Não vou agora fallar da variegada multidão dos viveiros, nem da araponga branca, maior que um pombo, nem do calafate, branco tambem e menor que um pintasilgo; não é da suave harmonia de linhas da jurity ou do pombo Trombeta, nem da graciosa cabecinha vermelha dos cardeaes; nem do esguio canario belga; nem do melodioso bicudo; nem do terno e embalador sabiá; nem da fina e cantadora patativa; nem da flammante arara; nem do amoroso par dos pequeninos tuins; nem de qualquer d'esses innumeros passaros indigenas, de pennas brilhantes como as dos colibris e de cantos agrestes, doces, vibrantes ou velados; de nenhum d'esses queridos animaesinhos, emfim, que nós em pequenas chamamos « de Deus », que respeitamos como vindos do ceu e que alegram os viveiros de bom gosto, ou as gaiolas das habitações modestas. Não : vou conversar acerca de aves que não podemos esconder, como a um beija-flor, dentro da palma da mão, de aves que não acariciamos, a que não offerecemos logo de manhã cedo um raminho fresco de agrião, aves pouco gentis, mas uteis, que se contentam com este parco alimento — milho e agua, e passam a vida numa ociosidade espantosa — as gallinhas.

Digam lá o que quizerem, os gallinheiros teem um certo encanto, ainda que não seja mais que o da revelada simplicidade d'uma existencia pacata e proveitosa.

Encerram uma sociedade em familia, onde talvez se enredem intrigas e agitem paixões, mas onde se estampa a calma feição de uma vida sem sonhos.

Um gallinheiro bem tractado, com areia limpa, agua renovada, milho á farta, alguma verdura, com o poleiro resguardado e os ninhos promptos, não é absolutamente coisa indigna de prender a desvelada attenção de uma moça educada.

Ha uma ternura delicada nos seus quadros maternos, que é bonita de ver-se.

Os pintinhos, como umas bolas de lã cardada, rodeiam medrosos a mãe ou espreitam, de sob suas azas, todos conchegados e quentinhos, o que se passa cá fora; entretanto o gallo estica o pescoço e atira ao ar o seu canto arrogante, passeando emphaticamente de um lado para o outro, a fazer luzir ao sol as suas bellissimas pennas furta-côres e brilhantes. As gallinhas conversam entre si fallas breves, *en passant*, e do fundo escuro dos ninhos destacam-se os ovos, com uma brancura rosada.

A gallicultura é hoje quasi uma arte, e com certeza uma das boas industrias para quem d'ella queira tirar proveitos materiaes. Mesmo nós, que não criamos gallinhas senão para uso da nossa mesa e regalo dos nossos olhos, sem emprego das machinas de chocar, para a sua multiplicação rapida, nem leitura de livros especiaes, devemos comtudo procurar instruir-nos acerca

do seu tractamento, doenças, especialidades de raças differentes, etc.

Um gallinheiro de luxo, porque os ha nas grandes *ménageries*, não deve dispensar as suas divisões de arame para a criação do faisão; da gallinha polaca, branca e preta, de enorme topéte; da gallinha Dorghe, lindissima; do pavão; da perdiz; do jacú; das gallinhas hamburguezas, baixas e pintadinhas; das Brahma; das genovezas; das Conchinchinas; das hespanholas communs; e de muitas outras cujo nome e raças ignoro, não citando senão as que já vi tractadas em gallinheiro particular.

Nos nossos mercados, a caça não abunda; vemo-nos muitas vezes atrapalhadas para organisar um jantar *chic*, embora familiar, e é então que lamentamos não ter uma perdiz, um jucú, uma gallinhola á mão para sacrifical-a em proveito da nossa familia ou dos nossos amigos!

Mas, emfim, já não fallo de raças caras nem de aves exquisitas, se é que se devem considerar assim, no Brasil, a perdiz e o jacú, por exemplo, mas só das nossas gallinhas vulgares, as mais productivas, as mais uteis, por certo, e que geralmente não são tractadas com a estima a que teem jús.

Conheço uma senhora franceza, que tem conseguido reunir na sua capoeira as maiores e mais formosas gallinhas que tenho visto; diz ella que obtem aquillo variando-lhes o alimento. Não lhes dá só milho; dá-lhes ervas, principalmente couve, e minhocas, muitas minhocas; e accrescentou : mas para isso preciso tambem cultivar as minhocas.

Como eu olhasse para ella um pouco admirada,

explicou-me o processo, dizendo têl-o lido num livro cujo nome não me occorre. Em todo caso, é simples. Manda fazer um rego no quintal, espalha fubá por toda a sua extensão e torna o cobril-o com terra humedecida. E alli fervilham, após alguns dias, milhares e milhares de vermes; é só cavar-se um pouco a terra, aqui e acolá, e offerecer ás gallinhas um dos seus repastos predilectos.

A coisa não é de difficil experiencia....

A casa que tem quintal, o que é vulgarissimo nas nossas cidades, pode commoda e perfeitamente possuir todas as coisas que, apezar de pequenas ou apparentemente insignificantes, dão consideravel encanto e alegria ao *ménage*.

Entre umas folhagens alegres, de videira ou de maracujá, não é desagradavel nem indifferente á vista a grade de madeira ou a cerca de arame, da capoeira, em que se engordam regaladamente as gallinhas para bons caldos, o pato, o frango, o perú, a perdiz, a gallinha de Angola, d'onde quotidianamente se tiram os ovos, elemento indispensavel dos melhores almoços e dos mais saborosos jantares.

O que é certo, é que o gallinheiro, mesmo sendo pouco discutido, não é felizmente raro entre nós, nem incapaz de impor sympathia, muito embora seja incapaz de inspirar um soneto!

Mas é necessario muito cuidado com elle, sobretudo nas casas onde haja crianças. Estas devem ser absolutamente prohibidas de lá entrar, porque, dizem medicos notaveis, a terrivel diphteria vem principalmente das gallinhas, da sua gosma ou gogo.

Devem-se empregar, portanto, as maiores precauções para que o gallinheiro, tão util numa casa de familia, não possa constituir um perigo. É indispensavel a maior limpeza, muita agua corrente, e será sempre preferivel separal-o do resto do quintal, o mais longe possivel da casa, por uma grade dupla, de modo a impedir as crianças de metterem os bracinhos para afagar as gallinhas.

OS CRIADOS

A principal queixa de uma dona de casa baseia-se invariavelmente na criada.

É ella que não vê senão o que se lhe põe deante dos olhos e que não ouve senão o que se lhe grita aos ouvidos! É a criada que só cumpre o seu dever, quando a ama anda a dictar-lhe o serviço, esguellando-se horas inteiras, repetindo todos os dias a mesma coisa!

D'esse modo a pobre senhora confessa ter duplo trabalho e ficar amofinada, doente, nervosa!

Deixando cahir todas as culpas e responsabilidades sobre os criados, não tractamos de averiguar se estamos ou não bem educadas para lidar com elles! Cahimos nos extremos, impomos-lhes severamente, ou pedimos-lhes como um favor o cumprimento dos seus serviços; e ahi está muitas vezes o motivo de ou sermos pouco respeitadas, prevalecendo-se elles da nossa condescendencia bonachona, ou de sermos abandonadas por antipathicas e abusivas!

Seja como fôr, o que não nos assiste com certeza é o direito de nos queixarmos tanto d'elles!

Isso equivale, principalmente quando o servo seja um ex-escravo, a extranhar a gente que de um torrão inculto não nasça uma rosa fina, ou que terreno árido não nos dê agua como a crystallina e leve, distillada gotta a gotta de uma rocha antiga.

A questão dos criados é hoje na Europa um problema social. Á proporção que a instrucção se derrama, vae falhando a uns a humilhação natural para esse cargo, emquanto que em outros vão-se levantando ambições mais elevadas e rendosas.

Jacqueline, a brilhante chronista parisiense do *Gil Blas,* defende com justiça e doçura a pobre gente do serviço de umas accusações do jornalista Besson, que são, afinal, as accusações de todo o mundo.

Pensando como a notavel escriptora, não me furto ao prazer de traduzir pára aqui parte da sua humanitaria chronica :

« Ha, sem duvida alguma, entre os criados, assim como entre os amos, naturezas más e individuos despreziveis. Mas, será, por isso, justo que se responsabilise a classe inteira pelos actos d'esses ?

Pela minha parte, todas as vezes que ouço nas salas fallar dos servos com rancor e desdem, o espirito de equidade repercute em mim o echo das accusações, e penso no que se dirá na copa, no meio da loiça que sujamos e dos restos das refeições que comemos, entre essa gente cançada, que havia pouco nos apresentára os pratos, com gesto humilde, e á qual não atiramos nem um — obrigado !

— Para isso são pagos ! dirão.

De accordo, mas exactamente porque mais nada se lhes faz senão pagar, é que elles só dão o que o dinheiro compra.

Tanto por mez equivale a tanto de trabalho. Quanto ao mais, porque o ha, não se salda em dinheiro, e ninguem tem, força é confessal-o, o direito de se julgar credor d'isso. É a desforra justa e legitima da pobreza sobre a riqueza, do trabalho sobre a ociosidade.

Os nossos criados ganham a sua vida servindo-nos, e nós, fazendo-nos servir, temos a ganhar o seu respeito e a sua dedicação.

São coisas essas que se adquirem á parte, com a polidez do mando, a justiça para com o esforço tentado e o trabalho cumprido, a compaixão para com as suas fadigas ou doenças, a piedade para com as suas maguas, — o não sei quê, emfim, de communicativo e de affectuoso que vae do amo ao servo, os prende um ao outro, faz com que a casa lhes seja commum, e que o criado não diga nunca — a casa dos patrões, mas sim — a nossa casa.

— Já não ha criados! exclamam por ahi; e a causa? não será por falta de bons amos?

Lembra-me, de ainda pequenita, ter um dia dicto uma impertinencia á gorda cosinheira que estava, havia sete annos, em nossa casa.

Lembra-me tambem, de uma maneira inolvidavel, que á tarde, depois do jantar (eu comêra no meu quarto, por castigo, um pedaço de pão secco) fui chamada á grande sala, de paredes forradas com papel fingindo marmore branco, de pedras octogonas, ornadas nos quatro cantos com uns dados azues; ahi, sob a claridade

quente da lampada suspensa do tecto, minha avó, pela primeira e unica vez na sua vida tractou-me por — vós.

Meu pae estava á sua direita, minha mãe á sua esquerda, meu tio um pouco afastado. Ella, sentada numa cadeira larga, olhava para mim com o seu doce rosto tornado repentinamente severo. E com uma vos grave :

— « Escutae bem o que eu vos vou dizer. Commettestes

hoje uma feia acção. O que sois, o que tendes, os vestidos que vestis, as guloseimas com que vos enchem, tudo isso o deveis a um acaso de nascimento. Poderieis estar no logar da criada, e ella estar no vosso... e d'ahi, quem sabe o que vos espera! Tratae de não vos esquecerdes d'isso, e de ter na lembrança que é permittido na vida atacar os seus superiores ou os seus eguaes, mas nunca os seus inferiores! É uma cobardia!

Agora ide pedir perdão á cosinheira. »

Vejo ainda a porta aberta, pela qual deixei a sala, o corredor sombrio, que atravessei de cabeça baixa, o coração pesado, as lagrimas á flor dos cilios, como embriagada de remorsos e de dôr, a cosinha muito atravancada e o avental enxovalhado, que eu agarrei com as duas mãos :

— Perdão, Luiza... perdão ; nunca mais farei semelhante coisa... nunca... nunca!

As ultimas palavras foram ditas em voz mais alta que as primeiras, por ter-me a pobre rapariga enlaçado em seus braços, comendo-me de beijos as faces inundadas!

Depois, rindo e chorando, n'um extase deante do meu arrependimento, levou-me triumphalmente á sala de jantar, gritando :

— Senhora! senhora! ella pediu-me perdão! ah! o anjinho!

Aquella deixar-se-ia matar por nossa causa.

Mas onde estão hoje os paes que inflinjam a seus filhos um castigo honroso para com um servo injuriado?

Minha criada tambem lá estava e presenceou esta scena; a minha criada, que veio da sua terra para a nossa casa e que nella ficou até o dia do seu casamento, não tendo tido outros amos em toda a sua existencia.

Ella tractou-me na infancia, deitando-se ao meu lado nas noites de doença contagiosa, para ter a certeza de que o cobertor não escorregava dos meus hombros arrepiados, pondo a sua dedicação teimosa de aldeã entre mim e a morte. Foi ella que me junctou as minhas mãos na primeira oração; será ella talvez quem as cruzará sobre o meu coração emfim calmo.

Ella ficou sendo como da familia, sempre presente aos acontecimentos venturosos ou infelizes, chamada para as alegrias, correndo espontaneamente para os luctos.

Foi ella quem me prendeu na fronte o véo para a primeira communhão, foi ella que me cobriu o cabello com o véo de noivado. Ella recebeu nos seus braços o meu filho mais velho, ella educou o outro, ella embalará, assim o espero, os meus netinhos.

Cada vez que, nos combates da vida, tenho recebido um golpe, cada vez que uma dôr me attinge ou que uma catastrophe me abate, grito quasi tantas vezes pelo seu nome, como pelo nome de minha mãe.

Mas tambem, sejam quaes forem os meus hospedes, ella toma, na ausencia de minha mãe, o logar de honra no meu lar, e o seu modo de tractar-me por tu transporta-me á meninice, apezar de alguns cabellos brancos que começam a estriar de prata os meus cabellos loiros.

No entanto, tambem se *pagava* a essa; mas esti-

mavamol-a muito, e ella deu-me todo o seu coração — como as fadas maltrapilhas das legendas, que, bem acolhidas, depõem um thesouro no berço dos recem-nascidos.

Não são todas assim, bem o sei; mas pensemos tambem na vida que lhes está destinada.

Levantar-se de madrugada, deitar-se tarde, estar de pé todo o dia, salvo as duas ou tres horas de repouso, viver numa eterna sordicia: a poeira, as aguas de lavagem da loiça e do *toilette;* alimentar-se de restos, não ter em cada mez senão poucas horas de liberdade, das quaes a fadiga impede de saborear o goso, e no futuro, por toda perspectiva, o hospital, a Morgue e Clamart, logo que chegue a edade em que os amos já não careçam d'ella. Oh! que triste destino!

Ainda não alludi senão ás dôres physicas; e as moraes?

Tragar durante dezoito horas os caprichos de uma familia inteira, ouvir as crueldades serrazinas das crianças, as impertinencias da senhora, as grosserias do senhor, as observações azêdas e as exigencias senis dos avós....

Ainda não é tudo. É preciso supportar as suspeitas injuriosas, os armarios fechados, o molho de chaves levado com ostentação, os talheres contados á noite, deante da criada, officialmente, depois da familia se ter assegurado, ás occultas, de não faltar coisa alguma; e uma interminavel serie de phrases com duplo sentido atiradas de esguelha e mais horriveis de receber no coração do que uma facada na carne.

Não ha nada que, no começo, desanime tanto uma

pessoa honesta como a suspeita injusta; e, digo bem alto, a maior parte das vezes, a improbidade dos criados nasce da desconfiança dos patrões.

No bom tempo de que acabei de fallar, as chaves ficavam nas fechaduras, mas tambem os criados comiam a fartar e bebiam bom vinho. Havia menos trufas na mesa da familia e mais carne na da copa. A economia nada perdia com isso.

Os homens são como os animaes... não rouba o cão que é bem alimentado nem devora a caça do caçador o animal que fôr para o campo com o estomago cheio. »

NOTAS DE UMA MÉNAGÈRE

DIZENDO eu hoje a meu pae que desejo mudar-me, elle aconselhou :

— Procura habitação arejada, clara, secca e, se puder ser, perto de arvoredo. Antes da mudança manda desinfectar a casa com todo o rigor, desde a porta da rua até a do quintal, e fazer depois grandes lavagens com agua fervida e potassa; não será excesso de limpeza mandar empregar tambem o sabão e a agua raz, esta na lavagem de pias, exgottos, etc.

Todo o cuidado é pouco. Muita gente adoece sem saber porque. Se indagassem haveriam de encontrar a causa nas paredes, no chão, nas portas, nos canos de exgotto, em todos os recantos da casa, que outros, ás vezes, pouco escrupulosos, deixaram com microbios de molestias infecciosas. Procura sempre saber se na casa morreu alguem e de que morreu. Nem é preciso ter morrido, basta ter havido algum doente de molestia contagiosa para o perigo ser enorme.

Vou dar-te um exemplo d'isto :

Ha mezes tive um doente de bexigas em uma casa. Ficou bom; pois bem, pouco tempo depois vi de lá sahir um enterro. Era de um novo morador, que fallecera da mesma doença! Apezar do meu aviso, a casa não fôra convenientemente desinfectada. Entre tantas molestias que de todos os lados nos assaltam, nunca são demais as precauções.

***

É bom deitar algumas gottas de Phenol Bobeuf na agua com que lavamos a bocca, e presidir á *toilette* das crianças para que não esqueçam isso. O phenol é um excellente preservativo para molestias da garganta e dos dentes. Só depois da lavagem da bocca é que se deve beber o café da manhã, coisa que, por um habito preguiçoso e pernicioso, muita gente toma ainda na cama.

***

Convenci-me hoje de que todas as mulheres devem ter uma profissão.

Conheço duas senhoras desgraçadas. Uma ficou orphan, a outra viuva, e nenhuma está habilitada a bem ganhar a vida. Lembrei-lhes o commercio. Não sabem contabilidade. Lembrei-lhes a typographia, a telegraphia, a gravura, a pharmacia, mas de que expedientes se hão de valer para sustentar a familia emquanto estudem?

Este exemplo fez-me tremer. Se eu tiver filhas...

por Deus! que hei de preparal-as para poderem vencer estas difficuldades!

***

Todas as familias devem perguntar ao seu medico com que devem desinfectar diariamente a casa em tempos de epidemia, e quaes os remedios que é bom ter sempre á mão.

***

Capacitei-me da absoluta necessidade de um livro de assentos. Fiquei hontem perplexa quando vi que todo o meu dinheiro se tinha acabado. Mas como?! Em que?! Confesso que ordenar a papelada me confunde e aterra! As contas, os recibos, as notas dos fornecedores... tudo isso está a reclamar a minha attenção e o meu cuidado. Parece-me que o melhor meio é, além do livro onde registre as minhas

despezas, ter uma gavetinha exclusivamente destinada ás contas e recibos, que deverão estar sempre bem emmassados, com a data do anno, por fora, em caracteres claros.

***

Perfeitamente! Este mez correu tudo ás mil maravilhas! O meu livro de assentos cá está, todo sommado e completo. Agora sim! não dou tratos á memoria para adivinhar onde e em que gastei o dinheiro.

***

Vejo-me atrapalhada quando tenho de ensinar um criado novo a arear metaes de diversas qualidades. Hei de pedir a meu marido um livro de receitas uteis em que tudo isso venha explicado. Estou convencida de que, com um bom livro, qualquer senhora caprichosa será boa mestra.

***

Escrevo aqui um conselho de minha mãe:

Não indagues nunca os nomes nem os habitos dos teus visinhos. Toda a curiosidade nesse caso é embirrativa e de má educação. Fica certa de que, quanto mais longe morares das tuas amigas, melhor te darás com ellas. Despreza as intrigas e prohibe que venham dizer na tua casa o que se passa na dos outros.

FLORICULTURA

Conheço algumas jovens, que vivem immersas numa indifferença lamentavel.

O tempo ha de forçosamente parecer-lhes monotono. A applicação está provado ser a coisa mais necessaria da vida. Sem occupações, os dias são interminaveis, tediosos e doentios; vem-nos o enfado, o mal-estar, e a melancholia. Pois bem, minhas amigas! quereis um bello meio de tornar risonhas e proveitosas, ao menos, duas horas em cada um dos vossos dias?

Cultivae flores.

Isso, que parece tão simples, render-vos-á mil proveitos.

O cultivo das flores afina o gosto pelas subtilezas da natureza e exercita o espirito para as occupações maternas.

Tractar de uma flôr delicada com desvello, é como que um pequeno ensaio para tractar de uma criança com carinho.

Resguardar do sol uma planta debil, collocal-a na

estufa, regal-a cuidadosamente, zelar pelo seu crescimento, cortando as folhas amarellecidas, sem maguar nem de leve os novos rebentões, podal-a, enxertal-a, dirigil-a, é uma occupação carinhosa e digna da mulher.

Um jardim feito por nós, merece-nos mais amor, embora seja mais pobre que outro tratado mercenariamente.

Adoramos a sombra d'esta ou d'aquella arvore, envaidecendo-nos com a lembrança de ter sido plantada por nós! O primeiro ramalhete offerecido á mãe ou ao pae, enche a joven jardineira de orgulho e de alegria.

Que bellas manhãs, passadas ao ar livre, num banho de luz radiante, com um avental resguardando a *mousseline* do vestido, o chapéu desabado, de palha, ou a grande touca de linho com a sua telha e tufos salientes, os sapatos brancos, e na mão o sacho, activamente manejado! Uma cesta, os utensilios de jardinagem, polidos a capricho, sorriem ao espaço azul, com as suas scintillações do aço honesto — isto é, do aço dos instrumentos de trabalho!

E ella, a jardineira, canta, ri, gosa, surprehende de um dia para outro promessas de flôres, botões pequeninos, tenros, muito verdes, que ella accompanha no seu desenvolvimento até vêl-os desabrochados em grandes rosas aromaticas e bellissimas!

Move-se no meio das suas flôres como entre um bando de amigas! cumprimenta umas, chega a fallarlhes, entretece com immensa delicadeza as hastes das trepadeiras, arrenega-se se por desastre quebra algum

fragil galho, cuida que magoou o arbusto e só lhe falta pedir perdão!

Se a terra está secca, é ella mesma quem, erguendo o regador, proporcionado á sua força, deixa cahir em cima a chuva benefica da agua fresquinha e limpida que foi buscar ao lago, á fonte, á bica ou ao poço. Cança-se ao principio com as idas e vindas, mas vae pouco a pouco sentindo que esse exercicio lhe faz bem, abre-lhe o appetite para o almoço e faz-lhe vontade de tagarellar e de rir! Tem sempre uma anecdota que relatar aos paes e aos irmãos, exquisitices observadas no mundo tão vasto e variado das plantas! Chega assim ao conhecimento da melhor epocha para esta ou aquella sementeira, accorda-se-lhe a curiosidade pelo estudo, e o seu espirito enriquece-se e distrae-se á proporção que ella se torna mais saudavel e muito mais util!

Não é preciso muito engenho nem muita perspicacia para se dirigir um jardim, nesta terra fecunda, que mal recebendo as sementeiras transforma-as em plantas cheias de pujança e de brilho. Em todo caso, não errará quem procurar conselho auctorisado que lhe ensine a tornar o terreno leve, fôfo, bem porejado e ventilado, onde as raizes se extendam, as sementes germinem, resguardadas do sol abrazador ou das chuvas copiosas.

Em poucos paizes o prazer da jardinagem poderá ser tão bem recompensado como no nosso. As maravilhosas orchydéas de formas phantasticas, coloridos originalissimos, perfume penetrante, bastam para fazer a delicia de qualquer collecionador intelligente. E

quantas ha, ahi pelos mattos, ignoradas, desabrochando só para as estrellas e para os ninhos !

Havia ha alguns annos em Palmeiras, nesse abençoado cantinho do mundo, um jardim, por tal signal d'um inglez, que me causou impressão ; não pela belleza do desenho nem pelos cuidados artisticos que encerrava. Não havia nelle repuchos, nem lagos, nem estatuas, nem aléas, nem os grandes relvados dos parques velludosos e convidativos. Havia unicamente isto : flores do matto !

Estavam alli agrupadas plantas sylvestres quasi desconhecidas ! que davam a esse recinto um aspecto pittoresco e por demais curioso !

Ha flores feias ? Não, eu pelos menos ainda não vi uma unica em que não tivesse que admirar!

Quando não é a forma é a côr, quando não é a côr é o aroma, é a originalidade, é o pollen, é qualquer d'esses lindos mysterios que ellas conteem !

* * *

Os mezes mais propicios para as sementeiras são, no Brasil, os de — fevereiro, março, agosto e setembro.

Os dois primeiros são sobretudo proficuos aos amores-perfeitos, anémonas, baunilha, balsamina, margaridas, dahlias, ervilha de cheiro, gloxinia, papoulas, primaveras, phlox, rainunculos, petunias, violetas, portulaca, resedá, verbena, saudades, zinias, monsenhores, damas, cravinas, aquilégia, cineraria, viscaria, etc., etc.

No mez de abril deve começar-se a transplantação dos vasos ou dos viveiros, para o jardim. Em junho e julho, mezes em que o inverno é mais rigoroso, cabe a vez ás acacias, aos cyprestes, aos cédros, á cryptomeria, cupressus, thuya da China, aos cravos e ás saudades.

Em agosto e setembro, tempo da primavera, semearemos: begónias, cravos, fuchsias, portulacas, calceolarias, gloxinia, cinerarias, orelhas d'urso, petunia, cravinas, amores-perfeitos, bellas-margaridas, lobélia, myosótes, não-me-deixes, papoulas, phlox, zinias, etc.

Em novembro e dezembro procede-se á transplantação e limpeza das plantas.

Pensemos agora no tempo proprio para a plantação dos bulbos, tuberculos e raizes de flores.

Em janeiro, pobre mez abrazador! nada. Em fevereiro, março e abril — tudo.

São principalmente beneficos ás:

Anémonas, amaryllis, cyclamen, angelicas, tulipas, rainunculos, jacinthos, narcizos, gladiolos, laços de ouro, lilium, junquilhos, etc.

Em agosto, setembro e outubro plantam-se os tuberculos das dahlias que, depois da floração, devem ser desenterrados para de novo serem plantados em egual épocha do anno immediato.

Ha, comtudo, entre os tuberculos, alguns que se plantam duas vezes no anno. Estes devem descançar dois mezes fora da terra, entre a floração extincta e a nova plantação. São os seguintes:

Gladiolos, amorphophalus, angelicas, agapanthos, scylla, amaryllis, fritelaria, etc.

Os bulbos e tuberculos, quando em descanço, devem ser conservados em um logar bem secco.

***

Mas... dêmo-nos pressa em fallar da roseira

A tout seigneur tout honneur!

A rosa é a flor amada, a rainha das flores, como a denomina toda a gente, e creio tambem que é a flor de mais facil cultivo, tanto que se espalhou por toda a parte. A rosa desabrocha nas hortas, da forma a mais despretenciosa, como se estivesse no *ménage*, com um vestuario caseiro! e é então denominada *de todo o anno;* nasce em vasos artisticos, entre bronzes e marmore, juncto ao repucho cantante, cheio de relevos e de figuras bizarras; nasce no caixote de pinho á janella de uma costureirinha pobre; por toda a parte lança as suas raizes, num poderoso dominio de graça e de belleza!

A roseira multiplica-se por diversas formas: enxerto, galho, alpórque, etc. A maneira preferivel é a de alpórque, que constitue o que se chama — pé franco.

Das outras formas, as flores veem a desabrochar tardiamente.

Póda-se porém em diversas épochas do anno, sendo a melhor o mez de julho. Em agosto as roseiras cobrir-se-ão de flores.

Faz-se nova póda em janeiro.

***

Ah, que linda cultura, a das rosas, para uma se-

nhora! E ha tão poucas entre nós que se dediquem a isso! Eu por mim não chego mesmo a saber que haja uma!

Entretanto, a rosa é o ornamento mais docemente encantador para uma mulher.

Brancas, são como o symbolo da pureza. Não sei de flores mais delicadas e poeticas!

Vermelhas, são as flores ardentes, as rosas que fallam de amor na doida eloquencia da paixão!

Vermelhas, brancas, amarellas, rosadas, musgosas, simples e dobradas....

Qual será entre todas a mais bella? ninguem poderá dizel-o! Se umas teem a côr brilhante do sangue que fascina, as outras teem a pureza do leite, que encanta! se umas teem o brilho do oiro, outras o róseo do pudor.... Estas teem a forma rebelde, as petalas crespas como se fossem agitadas por ataques de nervos e soffresem muito! mas... aspirae-lhes o aroma! é tudo quanto ha de mais doce, e de mais tranquillo!

A rosa! não é sem razão que o mundo inteiro lhe presta homenagens, como á mais caprichosa e ao mesmo tempo a mais angelica das flores.

Os modernos floricultores europeus dedicam-lhe estudos especialissimos, entregam-se com amor paciente ao seu cultivo e por isso surge de vez em quando um novo exemplar de rosa, para regalo do mundo inteiro.

Nós que vivemos na terra fecunda, em que as flores vicejam quasi espontaneamente, porque não lhes havemos de seguir o exemplo?

Se alguma das minhas leitoras se desse a esse estudo e conseguisse alguma coisa, como seria bom!

Ás rosas ! vamos, minhas amigas ! cultivae rosas.

Ellas teem hoje uma variedade infinita. Os catalogos augmentam dia a dia... concorramos para o seu engrandecimento. Seria realmente bonita uma sociedade de moças, por exemplo, que se dedicasse ao desenvolvimento da floricultura, que promovesse exposições onde todas as socias tivessem o dever de apresentar os productos da sua jardinagem e que os vendessem por fim em leilão, em beneficio dos pobres.

Ha tanta moça rica e ociosa... e ha tanto que fazer !

Apresentar uma rosa nova, deve dar egual orgulho ao de expôr uma tela onde brilhem talento e arte, e ao de publicar um livro original e galante !

* * *

De abril a setembro ostentam-se vaidosamente as formosas camelias.

S. Paulo e Petropolis são do Sul do Brasil, que eu saiba, os logares mais afamados para esse genero de flôr.

Eu não me canço de admirar as que tenho diante de mim neste momento!

Como as estatuas das Venus, ellas symbolisam a perfeição suprema, junctando á graça da forma, o esplendor da carnação e a pureza da côr!

Falta-lhes a vida, falta-lhes a alma, o aroma que as denuncie ao longe, que venha pelo ar até nós, como uma caricia que innunde os jardins, que se espalhe ondeante e doce pelos comoros relvosos, pelas grutas, pelas plantas rasteiras e pelo espaço azul e cristallino! Entre as folhas escuras, mostram-se friamente, immaculadas e altivas, como os marmores dos museus sobre o velludo sombrio que lhes dá relevo, fazendo-os sobresahir!

Mas que distincção e que lindeza a sua!

Não sei a quanto attinge o numero das variedades que ha d'essa flor; não sendo certamente tão vasto como o das rosas, é comtudo muito consideravel!

Tenho sobre a minha mesa a descripção de setenta e cinco camelias tiradas ao acaso, de uma collecção de duzentas qualidades!

Qual será a mais bella? é o caso de dizer-se: *il n'y a que l'embarras du choix!*

Alvas de neve, pulverisadas de vermelho, estriadas de rosa, imbricadas, simples, da forma das anémonas, das rosas ou das peonias, teem todas a mesma encantadora frescura, a mesma graça altiva, emergindo esplendidas da folhagem verde do arbusto, com a lactea nudez da mythologica deusa dos amores, ao surgir entre as espumas das ondas verdes do mar!

* * *

Desejaria fallar das magnolias, urnas de luar, dos lirios doces e languidos, das ixoras variadas, desde a rubra e inodóra até a rosada embriagadora, com os seus lindos *bouquets* aromaticos; dos jasmins, de que temos tão lindos exemplares no Brasil, desde o pequenino, branco, ingenuo, até ao do Cabo, quasi tão lindo como a camelia, mas prodigo em aroma; e ao jasmim-manga, original de forma e de côr, com o seu cheiro agradavel, fresco e acido! Quereria fallar dos cravos, de que ha tantas especies; das fuchsias, myosótes, resedá, e tantas, tantas, que me andam a dançar na memoria, embaralhando as suas côres, confundindo o seu perfume, seduzindo-me, mas pondo-me por isso mesmo numa enorme confusão!

* * *

Entre as flôres que ultimamente teem conquistado grande sympathia figura a azaléa.

Cresce no entanto, morosamente, e o seu arbusto attinge de um metro a metro e meio. A multiplicação

é facil: faz-se por meio de botura, alpórque e tambem por meio de enxerto. Processo egual ao da plantação da cameleira.

Ha-as vermelhas, brancas, lilazes, roseas, rajadas, côr de laranja, côr de açafrão, com manchas brancas, com manchas quasi negras, dobradas, crespas, singellas... é a flor dos massiços dos jardins inglezes, sorrindo entre a verdura na sua floração abundante!

Mas deixemos as dahlias, as azaléas, as rosas, as estephanote, os rhododendron, os arbustos, as plantas rasteiras e as trepadeiras vigorosas e bellas que sobem pelas grades, pelas paredes ou pelas arvores, protegendo as nossas janellas dos raios vivos do sol e dando um ar encantador á casa.

Deixemos o heliotropo, com o seu pequeno arbusto de folhas asperas e lancioladas, os hibiscos com o seu deslumbrante colorido, a flôr do imperador, pequenina, côr de marfim, unida ao golho, inebriante de aromas: as violetas adoraveis, as malvas-maçã, ingleza e rosa; o manacá de aroma doce, a magnolia violacea, as esponjas, a cidrilha, os cactos carnudos, espinhentos, com as suas flôres originaes, côr de oiro, ou brancas, ou vermelhas, singulares de cheiro e de forma, e conversemos um pouco acerca das plantas ornamentaes.

Nos vestibulos, nas salas de espera, nos refeitorios ou nos salões, a planta ornamental sente-se á vontade. Cuidae d'ella e vereis como o seu viço e elegancia vos compensarão do trabalho. Sobre os marmores dos alpendres ou juncto aos espelhos, entre bronzes caros e

bibelots caprichosos, teem o mesmo vigor e a mesma formosura. Não ha logar em que fique deslocada. Eis a grande vantagem d'estas plantas!

Os crotons, com o seu esplendido colorido, as suas folhas recortadas bruscamente, ou agudas e lusas como pequeninas espadas onde o sangue se houvesse tornado em ferrugem, são talvez a especie mais originale mais vasta.

Ha quem prefira os caladiuns, variadissimos, verdes, roseos, brancos, vermelhos, manchados, compactos ou transparentes, com a sua mimosa rede de nervos e a sua forma distincta.

Ha ainda quem perfira a todas a alocasia e a férrea com a suas ventarolas escuras, rijas e metalicas.

Eu adoro todas. As innumeras palmeiras, cujas designações ignoro, o musgo fôfo, fresco, avelludado, a avenca, com as suas hastesinhas muito finas, onde as folhinhas poisam apenas, como borboletas em miniatura, os cólleus grosseiros com ramagem de chita, as begónias carnudas, prateada ou não, tudo que nasce da terra com uma forma de folha, com uma essencia de flor!

* * *

É sempre conveniente ter plantas em casa, porque, além de alegrarem a vista e deleitarem o olphato, purificam o ar e afastam de nós os insectos que, attrahidos por ellas, para ellas vão, deixando-nos em paz.

O jardim é sobre tudo util onde houver crianças. Esses pequeninos seres, tão delicados e tão puros, vi-

vem adoravelmente em companhia dos jasmins e dos lirios!

Eu passava horas inteiras, em pequena, moendo no jardim as maravilhas, fazendo fallar as flôres, dando-lhes nomes humanisando-as, (perversidade inconsciente da infancia!) e, depois d'esse tempo, quantas crianças não tenho eu visto a fazer o mesmo, exactamente o mesmo!

As mães sentem-se tranquillas, porque alli as suas filhinhas podem rolar á vontade pela areia branca que não enxovalha as roupas, ou pela grama macia, quando o tempo está secco. Depois, os seus olhos ingenuos e curiosos terão em frente um espectaculo delicadissimo, alegre, perfumado, são.

Ao recolherem-se para o *lunch*, para qualquer das refeições, para o banho ou para o estudo, virão impregnadas do aroma das ervas, trarão nos faces a côr purpurina das rosas de Alexandria, e no olhar como que um reflexo do ceu, illuminado e brilhante!

A pouco e pouco affeiçoar-se-ão á jardinagem, terão amor ás plantas, á terra que as fecunda e nol-as dá prodigamente, ao ar que as alimenta, á agua que as avigóra! Cada qual quererá ter o seu canteiro, e num desafio, num grande estimulo, cultival-o a capricho para fazel-o sobresahir aos dos outros.

Ir-se-ão assim revelando as tendencias. Esta, que é debil e delicada, saberá qual o tempo apropriado para a sementeira dos myosótes, dos amores-perfeitos, das violetas e dos junquilhos... aquelle, que é robusto, gosta das plantas de raizes fundas e braços vigorosos, planta as gardénias, as epoméas que sobem até muito alto e

as palmeiras graciosas... esta aqui dá preferencia ás rosas; aquella outra aos cravos; e o jardim floresce, risonho, variado, bonito!

Não sei onde li, ou não sei onde ouvi este adoravel conselho: « Sempre que puderes, planta uma arvore, pois que se nem tu nem os teus semelhantes a aproveitarem, aproveital-a-ão os passarinhos!

HORTICULTURA

Venha vêr a minha horta, disse-me um dia a boa D. Maria Sepulveda, fixando em mim o seu bello par de olhos azues, que eram, apesar dos seus setenta annos, como que dois pedaços de ceu muito lavado e fresco, ceu de primavera, emfim. Como fossemos visinhas, a hora escolhida para esse passeio foi as sete da manhã.

Para entrar na horta tive de atravessar pelo interior da casa, já escrupulosamente asseiada e em ordem. As janellas e as portas abertas innundavam de ar fresco as salas, quartos e corredores; vi assim de relance o quarto de D. Maria, com a sua cama á antiga, alta, cercada de folhos brancos, o travesseiro de linho sem um bordado e sem uma ruga; o quarto do filho solteiro, o Eduardo, com uma pequena estante, cortinado no leito e flores no lavatorio, tudo arranjado pelas mãos da mãe, que fazia d'aquelle canto uma especie de ninho virginal!...

— Elle vae ás seis horas para a cidade; explicava

ella, caminhando deante de mim, com uns passos ligeiros, movendo os largos quadris sob um avental cinzento que lhe encobria a frente da saia de merinó preto. Baixa, gorda, activa, risonha, ella inspirava sympathia logo á primeira vista.

Na sala de jantar fizemos uma paragem; D. Maria, afastando a cortina de chita encarnada da janella, quiz que eu apreciasse a vista da horta que se extendia a nossos pés como um tranquillo mar de um verde tenro e claro.

— Olhe para aquelle lado, dizia a boa senhora, extendendo para a esquerda a mão côr de marfim, engelhada, gorda e curta; alli fiz eu este anno uma sementeira de ervilhas; veja como já estão bonitinhas!... quasi da minha altura, as velhacas! Acolá é o batatal. Muita batata doce vou ter aqui este anno! Vamos lá abaixo.

Descemos.

A neblina tinha durado até havia pouco, e ao redor dos arbustos havia ainda como que uns nimbus, que o sol tingia de um amarello transparente e claro.

Ajoelhado perto de um canteiro de nabos, um rapaz ainda imberbe e loiro acabava de encher uma grande cesta carregada de hortaliça.

— Isso, Joaquim! bota-lhe bastantes nabos... e cenouras? já as apanhaste tambem?

— Ah! minha ama, ellas estão tão escassas agora....

— Não faz mal! elle tambem gosta muito de cenouras... ora adeus! que se acabem! virão outras coisas.

— Isso é verdade, respondeu lorpamente o rapaz.

D. Maria, sorrindo para mim, ia dizendo :

— Todos os dias mando á minha nora uma cesta de verduras; ella distribue pela familia, muitas vezes pelas amigas, e fica sempre com extraordinaria fartura para si.... Meus filhos gostam muito de legumes, tanto o Luiz, o casado, como este que mora commigo. É verdade! ó Joaquim!

— Minha senhora?

— Você já levou ervas para o asylo?

— Já, sim, minha senhora, por signal que o cesto ia bem pesado... só as abóboras!

— Foram as tres ?

— Sim, senhora; colhia-as logo que a senhora mandou.

— E repolho ?

— Ah ! isso não levei !

— Poiz fez mal. Amanhã leve tambem repolhos....

D. Maria presenteava o asylo das meninas orphans com um cesto do hortaliça, todas as manhãs.

— Aquelle rapaz, continuou ella, é agora o meu hortelão. Quando veiu para aqui não sabia nada ! fui eu que o ensinei... é esperto e humilde; gosto bem d'elle !

A neblina ia fugindo, fugindo rapidamente; appareciam grandes manchas azues aqui e acolá; o ar tornava-se mais leve e as folhas luziam aos raios já brilhantes do sol.

D. Maria, com os seus bandós brancos e ondeados a cobrirem-lhe as orelhas, o seu collarinho de irreprehensivel alvura e o seu casaco preto justo ao corpo, parecia radiante, contemplando aquelles canteiros symetricos, compridos, que aproveitavam quasi todo o terreno, deixando para passagens ruasinhas estreitas, onde uma pessoa não andava á vontade.

De vez em quando parava, e com o seu calmo e delicioso sorriso informava :

— Isto são espargos... hortaliça muito delicada, mas que, infelizmente, não tem tido cultivadores no Brasil... estes transplantei-os no anno passado do viveiro.... Sabe como se cultivam espargos ?

— Não....

— Pois é assim : no segundo anno de semeados em

alfobre, abre-se uma valla de uns cincoenta centimetros, mais ou menos, de profundidade, enchem-se quarenta centimetros de estrume e dez de terra, onde se deitam as raizes de espargo; no anno immediato surgem os brotos. O espargo tem a enorme vantagem de ser de producção permanente; á medida que se robustecem as raizes augmenta a sua quantidade. O que é preciso é de vez em quando reforçar-lhe o estrume.

Assim a boa senhora ia dizendo, á proporção que passava por um canteiro d'esta ou d'aquella verdura; que as alfaces, por exemplo, podem ser semeadas em quasi todo o tempo do anno, sendo porem preferiveis para isso os mezes de março a junho e de setembro a outubro; que o agrião póde ser semeado todo o anno; as abóboras em agosto, setembro e outubro, no minguante da lua; os broculos, ou brócos, de janeiro a abril; as cenouras, de fevereiro a abril e de agosto a setembro; as beterrabas, em março, abril, agosto e setembro; o aipo, de março a junho; as alcaxofras, de março a maio, devendo preferir-se a multiplicação por meio de rebentos que nascem das raizes e que serão plantados á distancia de quatro palmos uns dos outros; a azedinha, em março, abril, setembro e novembro; a beringela, em agosto e setembro; as cebolas, em março, abril, maio, agosto e outubro; a celga ao mesmo tempo que a alface; e assim a chicoria; a couve-flôr, de janeiro a maio; a couve gallega, todo o anno; agora as couves-manteiga, lombarda, Saboya, murciana, rabano, etc., essas em março, abril, maio, setembro e

outubro; a tronchuda, para produzir bem, deverá ser semeada em maio.

— E as ervilhas?

— Essas em abril, agosto e setembro. Espargos, em setembro e outubro; espinafres, em fevereiro, março, agosto e setembro; favas, em fevereiro, setembro e novembro; feijões, em fevereiro e março, e de setembro a novembro; rabanetes, todo a anno; pepinos e pimentões, de agosto a outubro; salsa, todo a anno; tomate, de junho a agosto; repolhos, em qualquer epocha, sendo a melhor de fevereiro a março, etc., etc.

Fallou assim dos gilós, xuxús, quimgombó ou quiabo, machiche, guando, etc.

Desfiava aquillo tudo sem trepidar, muito satisfeita, revirando nos dedos curtos um galhinho de hortelã.

Fallou depois de melancias, que preferem terra arenosa; citou diversas qualidades de abobora, de feijões; fallou do repolho chato do quintal, do repolho de York, do de Bruxellas, do branco coração de boi, do de S. Diniz, do de Schuweifurt, do crespo de Milão, do pé curto da Hollanda, do roxo grande, etc., etc.; perguntou-me qual era a meu vêr a melhor alface: se a branca franceza, repolhuda, se a branca repolhuda da Batavia, se a crespa, ou se a romana!

Como me visse um pouco atrapalhada, murmurou:

— É assim; são raras as pessoas que se interessam por isto! e olhou maternalmente para a hortaliça; pois olhe, minha filha, que é uma grande coisa para a nossa casa uma boa horta!

Eu ganho dinheiro com isto, presenteio muita gente e tenho sempre os meus jantares variados! A erva é

um bello alimento. Eu não como carne. Só a idéa de que mataram um pobre animal para meu goso faz-me perder o appetite.

Os olhos de D. Maria tinham um brilho doce e uma calma expressão de sinceridade.

— Eu em moça cultivei flores, continuou ella; meu pae era floricultor; teve na sua patria, como muitos dos seus patricios — elle era hollandez — a monomania das tulipas: eu degenerei, e tenho a mania dos nabos e dos repolhos! Consolo-me com já ter tido a da murtha e a das violetas! Afinal de contas, todas são boas... se a do jardim é mais poetica, esta é mais pratica, e eis ahi um equilibrio! Depois, não sei se é illusão da velhice, mas eu acho certa poesia nisto!

O olhar de D. Maria cahia sobre os vegetaes, numa grande ternura.

Já não havia neblina; o espaço, todo azul, estava de uma transparencia encantadora. O cheiro do coentro, da alfavaca, da hortelã e da salsa, espalhava-se alegremente pelo ar. Uma ligeira brisa agitava as folhas prateadas das alcaxofras, e as florinhas tenras e amarellas das couves.

Com as mãos cruzadas sobre o avental, a boa senhora murmurava:

— Não ha duvida! Positivamente ha poesia nisto... pena é haver tão poucas mulheres que a saibam vêr!

DA SALA Á COZINHA

Quando entrei na sala de Annita Mendes senti uma impressão deliciosa de alegria e de conforto.

A criada, uma suissa deslavada, de faces côr de nata e cabello côr de milho maduro, apontou-me a melhor cadeira, cerrou os stores de seda branca e saíu discretamente. Olhei em roda: havia em tudo um luxo delicado, que não se impunha á vista de ninguem, nem fazia lembrar casas de outrem.

Sobre o *parquet* de mosaico, encerado, tinham posto a um canto um estrado coberto de um velludo persa côr de oiro e azul, e em cima do estrado um bronze artistico, uma encantadora venus negra, esculptura de mestre, que deu áquelle corpo de africana virgem, com a doçura da forma, a selvageria arrogante do modo e a innocencia estupida do olhar. Nas paredes varios quadros originaes de pintores modernos, bem escolhidos. A mobilia era leve, graciosa, fresca e disposta com graça. Um piano novo, de grande formato, tomava

outro canto da sala, entre a estante de musicas e um divan, atraz do qual erguiam-se, de um bello vaso antigo, as hastes bem tractadas de uma planta exotica.

Annita veiu encontrar-me embevecida deante de um quadro. Beijou-me com alegria. Era a primeira vez que eu a via depois do casamento; achei-a encantadora.

— Sabes? tu jantas hoje commigo! Vamos fazer musica, recordar as nossas peças a quatro mãos....

— Teu marido gosta de musica? perguntei-lhe.

— Muito! aprecia as artes é um rapaz intelligente. Não imaginas como eu sou feliz! elle tem commigo todas as attenções e é de uma bondade! Vem ver a minha casa. Tudo aqui foi arranjado por elle! Eu teria mais difficuldade; não tinha pratica... peço-te que repares bem em tudo... e que dês a tua opinião franca e sincera.

— A sala está encantadora.

— Todos dizem isso. Comprar mobilia de sala não é coisa facil.... Num paiz frio tudo se arranja bem, tapetes e estofos enfeitam a casa com facilidade; mas conciliar harmonia e graça em uma mobilia propria para o nosso clima, é obra! Depois, para uma pessoa intelligente ou observadora, esta salinha é uma revelação. Concordas?

— Perfeitamente.

— Vê-se logo que mora aqui gente de gosto primorosamente educado, que ama os artistas e tem a alma tocada por uma ponta de poesia. Não ha nada aqui para fazer vista; tem tudo outro intuito mais elevado. Estás reparando para as cortinas de renda, não é assim? pois

olha que é de proposito! meu marido é um hygienista, nem imaginas! Os reposteiros de reps, de seda, de lã, são ninhos de microbios. A renda branca não; alegra o olhar e de vez em quando, zás! lava-se e engomma-se, e acabou-se a bicharia.

Passemos adeante.

Entrámos em um escriptorio amplo, illuminado por duas janellas largas, sem cortinas. Em cada canto uma estante de nogueira envidraçada, larga e baixa, continha cada uma cerca de trezentos volumes bem arrumados. Ao centro, sobre o *parquet* encerado e sem tapetes, assentava bem uma mesa quadrada, ampla, em que os papeis podiam ser manuseados á vontade. Uma cadeira de leitura extendia convidativamente os seus grossos braços de couro, e outras de differentes feitios e tamanhos conservavam-se em grupos symetricos, bem arrumados.

Annita explicou: Meu marido tem muito methodo e muita ordem.

Gosta de estudar e de ler em socego. Esta sala demonstra isso mesmo. Tudo aqui é solido, simples, fresco e elegante.... Tem os livros catalogados; ajudei-o nessa tarefa, muito contente por auxilial-o e ouvir-lhe as explicações que me dava d'este ou d'aquelle auctor.

Nesta estante estão só livros de engenharia e alguns apparelhos cujos nomes não decorei. Nesta estão os classicos, começando par Camões, já se vê, o grande Camões, que eu não comprehendia e que meu marido me tem ensinado a amar; tambem estão aqui, em baixo, num cofre, os manuscriptos de algumas celebri-

dades nossas e extrangeiras e algumas obras de sciencia. Aquellas outras estantes são exclusivamente destinadas á litteratura moderna, brasileira, portugueza, franceza, etc.

Naquella estante estão de preferencia poetas; nesta romancistas. Bem vês que assim elle não perde tempo em procurar uma obra qualquer. Os diccionarios, livros didacticos, etc., teem todos logares determinados: podemos ir buscal-os ás escuras!

Comquanto te interessem os livros, vamos andando sim?

Bem! cá estamos no quarto de *toilette*. Como vês, não é luxuoso, mas parece-me ...

— Bonito.

— E é muito commodo.

O quarto era amplo, com tres janellas para o jardim, de paredes pintadas a oleo, numa côr de rosa suavissima. A mobilia era leve, graciosa, composta de cinco ou seis peças — o guarda-casacas com o espelho, o guarda-vestidos, o toucador, uma commoda e um divan. O lavatorio era de agua corrente, amplo e todo de marmore. Não rodava por alli nenhum tapetinho embirrativo, nem quebrava a harmonia do conjuncto nenhum quadro a missangas nem flores de papel. Juncto ás janellas os jasmineiros emmaranhavam as suas hastes em arrendados verdes, e um pé de murta fornecia aroma mais deliciante ao quarto que todas as essencias de Guerlain expostas no toucador.

— Passemos agora ao quarto de dormir, disse-me Annita com um sorriso de *ménagère* satisfeita.

O quarto não era grande, mas fresco, bem illumi-

nado por uma janella larga, sem cortinas. O chão, todo encerado, não tinha tapetes e nas paredes reinava a mesma simplicidade.

Como mobilia a indispensavel cama, criado-mudo e um cabide de pés, nesse momento espanado e desoccupado, posto alli para receber á noite a roupa que despissem, o que é mais hygienico que deixal-a sobre cadeiras ou pendurada rente ás paredes.

Um cortinado de renda branca enfeitava o leito, por concessão á *coquetterie* de Annita. Ella explicava :

— Em um clima como o nosso convem que o quarto de dormir seja bem simples, para que o ar circule livre, levemente. Ha pessoas que usam o toucador, com todas as perfumarias, no quarto. É um perigo. Os cheiros produzem enxaquecas, enjôos, tonturas, o diacho! Antes de entrarmos na sala de jantar quero que vejas ainda o quarto da roupa, que serve ao mesmo tempo para costura.... É aqui.

Entrámos em um quarto pequeno, com uma janella e uma porta. Todo o fundo era occupado por dois grandes armarios encaixados na parede. Um d'esses armarios era destinado ás roupas de lã, casimira, etc., que não estivessem a uso e que deveriam conservar-se alli durante o verão. Em baixo havia dois gavetões : um para cobertores, outro para travesseiros, almofadas, e mais coisas que não estivessem em serviço.

O outro armario era para vestidos, saias, roupas engommadas que não encontram logar nos guarda-vestidos. Um gavetão d'esses era só destinado á roupa de cama e o outro á roupa de mesa.

— Isto facilita muito o serviço. Conheces nada mais amolador do que conservar roupas em malas? Aqui não tenho cuidado. No começo do inverno ponho camphora, pimenta do reino e flor de esponjeira no armario de verão, onde escondo fatos leves de meu marido e os

meus vestidos inuteis. No inverno abro o armario de verão e faço ao de inverno o

mesmo que fizera ao outro.... Este armario estreito, vês? é em prateleiras. A de cima para remedios, as duas do meio para caixas de chapéos e as de baixo para calçado. Ha ainda aqui este escaninho para a caixa de costura, cadarços, carreteis, etc. Gosto d'este systema, está tudo dentro das paredes; o quarto pareceria vazio se eu não puzesse aqui a mesa e a machina de costura.

Entre este quarto e o da *toilette* não ha, como vês, senão este cubiculo, muito ventilado, onde guardo as cestas da roupa suja.

Effectivamente, na parede d'esse corredorzinho, não podendo haver janella, havia dois largos furos em losango, gradeados, por onde entrava ar e luz.

— Vejamos agora a sala de jantar.

— Não é grande....

— Mas é muito alegre! No Brasil parece que todos querem dar banquetes!...

A minha sala, na verdade, não é grande; mas não é tão estreita que não nos possamos servir e circular perfeitamente á vontade. O copeiro anda á roda da mesa quando jantamos e affirmo-te que não esbarra nos trastes.... Que te parece a mobilia?

— Muito linda....

A sala tinha portas de vidro para o terraço cheio de plantas finas e com um viveiro de passaros muito elegante e uma vista esplendida.

— Voltaremos para uma palestra no terraço, disse Annita; vamos agora ver o resto. Aqui tens o quarto da criada, que é o ultimo da casa. Temos quatro, como viste.

O quarto era pequeno, caiado, com uma janella, um cabide de prateleira coberto de chita de ramagens azul e branca, um lavatorio de ferro com bacia e jarro de louça branca e azul, como a chita. A um canto, um bahú para roupa branca e no outro canto uma bacia de agatha para banho, encostada á parede. No leito de ferro (os menos sujeitos ás invasões de insectos e do pó) os lençóes, a colxa de chita e a fronha do travesseiro bem alisados e limpos. Aos pés da cama o enxugador do banho e juncto ao lavatorio a toalha de algodão para o rosto.

— É-me facil exigir que a criada me traga isto sempre assim, observou Annita, porque sou eu que forneço tudo.

Temos agora a copa, que é, como a cozinha, de ladrilho e de azulejo branco. Estas duas pias são, uma para pratos, outra para chicaras e para copos. Em ambas agua corrente, fria e quente. Como mobilia, a mesa para deposito da louça. Nas paredes os ganchos nickelados para os pannos de serviço. Agora a cosinha.

O fogão economico tinha sido substituido por um fogão de gaz, que brilhava com os seus metaes escrupulosamente areiados. Numa parede, em uma pequena prateleira de marmore branco, viam-se os potes de louça — do sal, da pimenta, da massa de tomate, etc.

Havia, na parte mais ventilada, em frente ao corredor, duas bacias de marmore, suspensas e cobertas com tampas de arame fino, para deposito de carne, de peixe ou de hortaliça. Assim os mantimentos não podiam ser tocados por insectos e eram perfeitamente arejados antes de entrarem na panella.

— Vacillei na escolha do material da cozinha, disse-me Annita. O cobre é mau. O menor descuido pode fornecer-nos um veneno que nos leve d'esta para a outra em momento inopportuno.... A agatha, comquanto seja leve e limpa, offerece o mesmo inconveniente. Quebrado o esmalte, o que se dá com facilidade, apparece a camada de chumbo assassino.

O barro é pesadão e leva muito mais tempo a aquecer. Optei pelo ferro, não estanhado nem esmaltado, mas confesso-te que não estou contente....

— Porque?

— Acho-o feio. Repara que a bateria da cozinha está completa, parece-me que soube começar bem o meu mister de dona de casa... fui eu que determinei isto. Para uma familia pequena creio que é quanto basta. Tenho oito panellas para gordura, incluindo a da sopa e as frigideiras do assado e dos ovos, uma só para leite, outra só para doce; uma chocolateira e todos os utensilios necessarios; moinho para carne e moinho para amendoas; facões, batedor de bifes, taboa e rolo para massa, batedor de ovos, carretilhas, pedra de amolar, almofarizes para temperos e para doce, machina para café, e torrador, grelhas, peneiras, espetos, coadores, espumadeiras... eu sei lá! um arsenal inteiro! Mas não devemos ficar aqui todo o dia, vamos ver o resto.

A dispensa era de chão cimentado e paredes caiadas a branco. Além da janella tinha dois grandes buracos gradeados, de modo a estabelecer uma corrente de ar, nunca interrompida. As latas dos mantimentos eram suspensas do chão, sobre pés de ferro, e havia,

além dos ganchos para toucinho e carne secca, um guarda-comidas pendurado do tecto para deposito de salames, presunto, etc.

Em todas as dependencias da casa notei o mesmo methodo e apuro; até em baixo, no quarto das trapalhadas, a que os francezes tão bem denominam de *débarras*, estava tudo em ordem. Tendo visto o banheiro, todo luzidio de marmores; o *water-closet* escrupulosamente limpo com o seu apparelho automatico e um *sachet* de *fleur de lavande* na parede; depois de ter visto a pequena adega bem provida, e a saleta de engommado com a sua machina, sua taboa e trempes bem dispostas, subimos para o terraço.

Annita fez-me ainda notar quanto era bem escolhido o canto da talha d'agua com o filtro e entreteve-se a fazer-me um ramo de flores do seu jardim, pouco maior que a casa, que não era grande.

— Vives num paraiso....

— Vivo; mas a minha felicidade não vem d'isto, vem d'elle, que me comprehende, me respeita e me ama. Quando eu me casei, não sei se te lembras, parti no mesmo dia para a roça, onde o meu marido assentava pontes e lançava trilhos para a estrada de ferro.

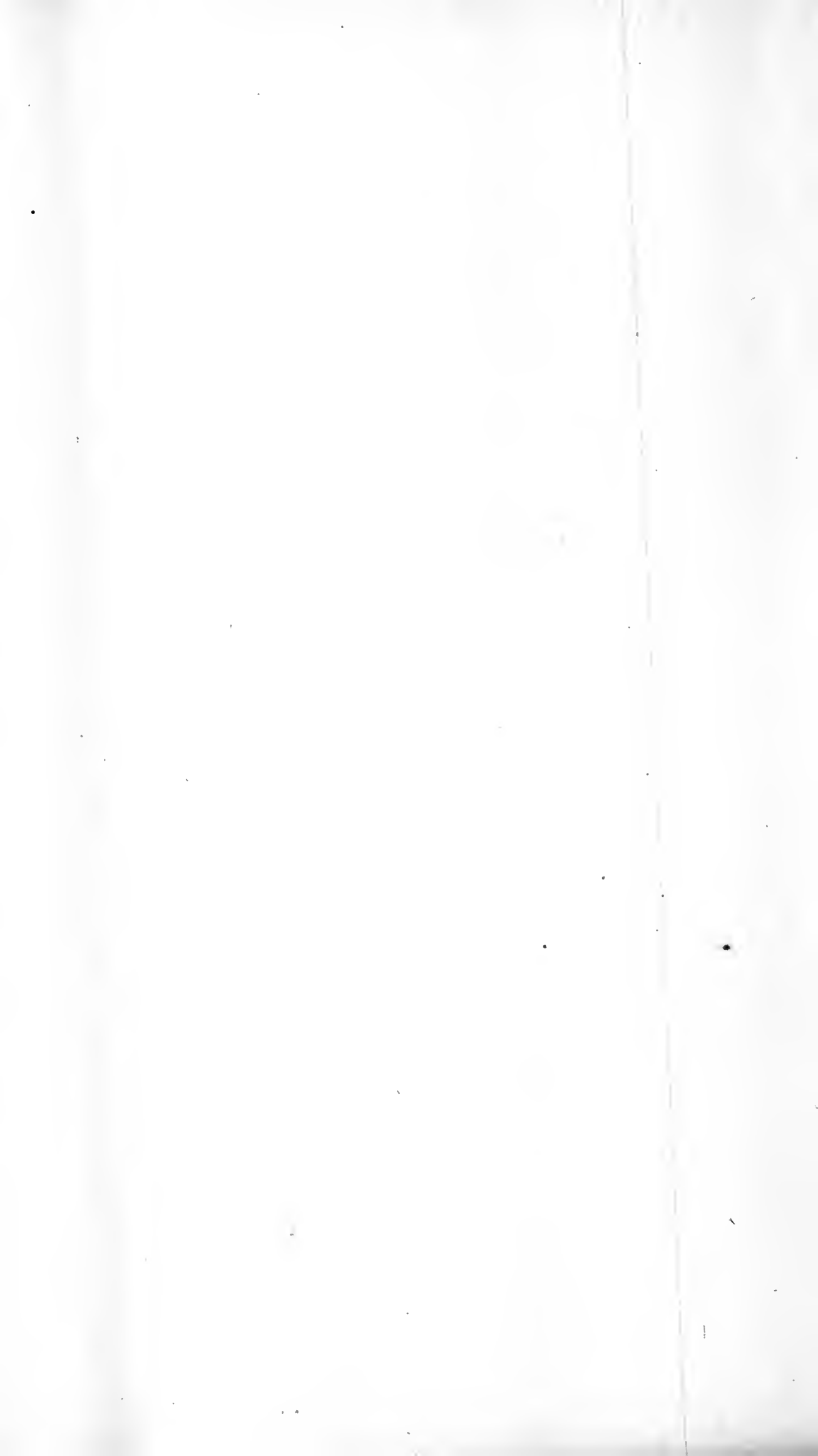
A casa que me esperava era rustica, velha, simples; elle espreitava muito receoso os meus movimentos. Atirei-me contente nos seus braços. Certamente que o *teu amor e uma cabana* não é só uma phrase, quando se tenha vinte annos e o coração no seu logar!

— Quando tiveres filhos....

— Já sei o que vaes dizer!

Não terei as coisas tão bem arranjadas... As mão-

sinhas trefegas dos pequenitos desfolharão as flores, rasgarão os papeis... semearão brinquedos e desordem pela casa. Não faz mal. Elles que venham, elles que venham!... porque eu já os amo antes de os conhecer!

TERCEIRA PARTE

UMA CARTA

S. Paulo, ás 9 da noite.

Minha Esther. — Tens razão, o celibato é uma coisa triste. A tua carta commoveu-me muito.

« Fechei os olhos a minha mãe, dizes tu, e não sei para quem hei de viver agora. »

Sei eu. Viverás para os pobres, para os que não teem apoio nem alegrias. O teu infortunio fará muitos felizes. Não tendo familia alagarás de ternura toda a miseria que conheceres. A saudade e a lembrança dos nossos mortos fazem-nos naturalmente piedosos; além de que és rica, e se isso te priva de uma distracção, o trabalho, concede-te a doce consolação de matar a fome aos invalidos famintos e de vestir de branco crianças, que do trapo só conheçam remendos.

Lembra-te sempre de que, mais do que nenhuma mulher, precisa de força a que ficou solteira. Percebes bem que não te fallo da força physica, mas só da intellectual. Reage e domina os pequenos defeitos do teu temperamento; resigna-te com sorrisos, que é a mais

formosa maneira de resignação, e caminha resoluta, sem medo do ridiculo, como tão puerilmente confessas. Quer-me parecer que uma mulher honesta, bondosa, calma e simples, ande por onde andar, mesmo sósinha, verá sempre deante de si pessoas que se curvem com sympathia e respeito. Confio no teu criterio. Esmagadas as ultimas esperanças, mesmo extincto o derradeiro amor, deves dar ao teu coração novos cuidados.

Arranja uma orphan... vae ao triste deposito: vae á roda; afaga aquellas pobres creaturinhas e faze-te mãe de alguma, ou de algumas d'ellas!

O que desejo e quero, é que não esperdices os thesouros do teu espirito e da tua alma; procura transmittil-os a alguem.

Pedes-me para seccar as tuas lagrimas, fallando-te da minha felicidade. Outra qualquer, menos bôa, evitaria ouvir coisas de venturas que não pudesse fruir! Em todo caso, resumirei tudo. em duas palavras — *estão bons,* o que para mim, bem sabes, que dizer isto: estou feliz!

Como sempre, escrevo-te á noite, no meu serão, unica hora de socego para quem tem filhos pequeninos. Deitei-os ás oito horas, como todas as noites, vi-os pegar no somno e vim para a saleta, ao lado da alcova, d'onde vem de vez em quando a doce musica de um suspiro desprendido num sonho.

Dizem algumas pessoas que de longe em longe nos visitam, que se atravessa agora uma epocha de muita monotonia.... Eu não tenho tempo de sentir essa coisa terrivel; a familia e a casa absorvem-me de tal manei-

ra, que, no momento de adormecer, quando na ultima visão rapida e clara o pensamento abrange as impressões do dia, sinto como que uma doce saudade d'essas horas e peço ao bom Deus que m'as reproduza no dia immediato !

Não acreditarás, talvez? Lembra-te de que para essa singularidade de se ter saudades da vida que se vae vivendo, é preciso ser mãe e ser esposa, é preciso amar, e ver felizes os que amamos! Foi por isso que eu te disse resumir toda a minha fortuna nestas duas palavras — *Estão bons.*

Escreve-me sempre: falla-me longamente do estado da tua alma.

SER MÃE

SER mãe é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegancia; é deixar de apparecer nos bailes em que a vigilia se prolonga, o espirito se excita e o corpo se cança no goso das valsas; é não sahir sem temer o sol, o vento, a chuva,

na desgraçada dependencia do terror immenso de que a sua saude soffra e reflicta o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em somnos curtos, leves, com o pensamento sempre preso á mesma creaturinha rosea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magôa os braços, que a enfraquece, que a enche de sustos, de trabalho e de prevenções — mas que a faz abençoar a ignota Providencia de a ter feito mulher, para poder ser mãe!

ENTRE DOIS BERÇOS

A GENTE antiga costuma dizer, ao ver os recem-nascidos sorrirem a dormir, que elles sonham com os anjos. É a explicação que acham para a doçura celestial d'aquelle riso que desabrocha, como uma flôr, todo rescendente de poesia e de graça.

Effectivamente, eu não sei que haja nada mais suavemente lindo que uma criança adormecida!

Naquelle repouso leve como que se adivinha a protecção de uma aza, para nós occulta, para elles visivel, que os enche de confiança, cobrindo-os todos.

Entre o linho dos lençóes a criança extende-se mollemente, numa attitude que não mostra nem o cançaço nem a languidez.

A sua carnação branca e delicada, côr de leite e côr de rosa, faz lembrar um lirio todo illuminado pela luz da aurora, a mais candida das flôres na mais augusta das horas, que tivesse vindo de um jardim sagrado, e sido deposta ali, levemente, com todo o mimo e cuidado.

Nos berços dos meus filhos quantas coisas vejo que os meus olhos de mãe se não cançam de admirar! O mais velhinho tem agora dois annos.

O seu somno já não tem a mesma pacificação do primeiro anno; agora revolve-se, agita a cabecinha encaracolada e loira, atira os braços para o lado, e dos seus labios vermelhinhos sae uma ou outra palavra

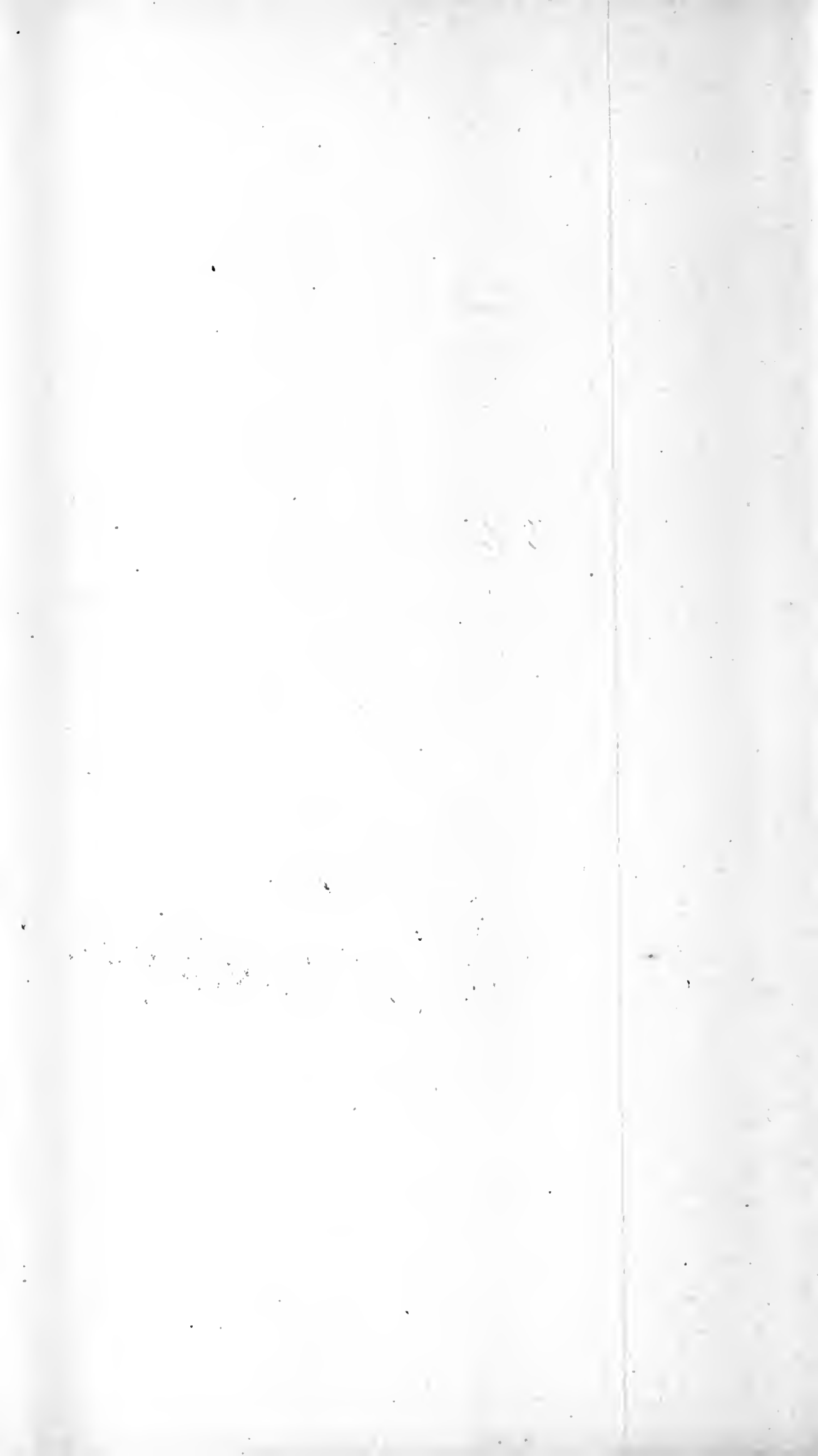
que me permitte reconstruir ou imaginar os seus sonhos; e vejo assim galoparem cavallinhos de pau, de crina hirsuta e rabo ao vento, emquanto sobre uma lata de bolachas *milk*, um gato de algodão branco com olhos

de vidro e orelhas de coelho, volta a cabeça e mia lamentosamente....

Elle trabalha em sonhos as suas travessuras do dia; sobe em cadeiras, recolhendo e misturando as chaves das portas; desenha cavallinhos phantasticos, com o lapis, deitadinho de bruços no chão, sobre um papel já muito rabiscado; brinca com uma garrafa vazia, fazendo-a de boneca, e pasma interessado em frente a um urubú que bate as grandes azas sobre o muro do quintal, ou ri-se para os pombinhos que se atrevem a chegar á porta da sala de jantar, levantando para elle as cabecinhas graciosas.

Ah! aos dois annos já os sonhos ás vezes atormentam, e o corpo das crianças pesa no colxão, como um corpo cançado! A imaginação já trabalha, o corpo move-se muito, a prostração é inevitavel e apodera-se da criança á hora do somno; mas, mesmo assim, que differença ha entre o seu dormir e o dormir do homem! Este, quando adormece, cae como um morto; aquella, quando dorme, parece ensaiar as azas para o vôo!

Erguendo a vista de sobre o meu filho mais velho, olho para o mais novo. No seu rostinho muito redondo, emmoldurado pela rendinha da touca, ha uma serenidade encantadora. De vez em quando suspira... depois sorri-se... e eu, lembrando-me do que diz a gente antiga, parece-me que vejo atravez das suas palpebras mimosas, um cortejo de anjinhos, entre nuvens e grinaldas de flores, cantando todos uma deliciosa canção innocente e embaladora!

(1891)

I

> Ce qui s'apprend au berceau dure toujours.

Não sei que haja, para uma mulher de coração, prazer comparavel ao de criar seus filhos! Eu, confesso, sinto um grande desvanecimento e um intimo orgulho quando olho para o meu filho, criança robusta, que espalha por toda a casa o seu riso sonoro; e para a minha filhinha, que tem ainda o olhar inconsciente dos que principiam apenas a viver, e medito em que, tanto estes dois, como o meu adorado filhinho, morto aos dez mezes, não tiveram nunca outra ama que não fosse eu!

(Isso, se não serve de lenitivo á enorme saudade que elle deixou, é ainda assim uma consolação, facil de comprehender pelas mulheres que se consagram

ao mais penoso trabalho do amor, a criação de um filho.

Nestas paginas intimas ha de perpassar férvida e chorosa a lembrança d'esse ente adorado; é uma coisa que não pode disfarçar uma mãe, desde que, tendo perdido um filho pequenino, tem de fallar em crianças! As minhas leitoras que me desculpem, lembrando-se de que isto não é litteratura, mas uma palestra apenas.)

Fechado este parenthesis, continuarei :

Não ha nada mais encantador do que acompanhar o desenvolvimento de uma criança; e só a mãe pode seguir com attenção, desde que o crie, o desabrochar da intelligencia e dos sentimentos de um filho.

Tenho commigo o livro de notas e impressões de uma joven mãe empenhada nessa grande e doce obra; respigarei algumas para aqui.

É um livrinho sentimental, sem estylo, e muito repetido; ás vezes monotono, ás vezes pueril, mas sempre verdadeiro e sempre meigo. A minha amiga, que tão benevolamente m'o confiou, que me perdôe a indiscrição :

— « 21 de janeiro. Faz hoje um mez o meu Jorge; as feições começam agora a accentuar-se. Já não está feio nem tem já a côr dos recemnascidos. Sinto que o amo, e que o meu amor vae crescendo com elle!

Nos primeiros dias o meu soffrimento physico tolhia-me o enthusiasmo; é agora, posso affirmal-o, que principia para mim o embevecimento materno! »

— « 22 de janeiro. Sinto uma grande alegria quando

vejo meu marido beijar o filho. Espero-o com impaciencia, olhando de minuto a minuto para o relogio. Quando lhe ouço os passos, bate-me o coração. D'onde vem este alvoroço? Sempre o adorei, sempre com alegria o vi chegar; mas agora, depois que Jorge nasceu, parece-me que ainda o amo mais! »

— « 23 de janeiro. Hoje eu tinha o meu filhinho deitado em meus joelhos, quando reparei na maneira por que elle olhava para tudo; observava paredes, cortinado, quadros e tecto, como quem examina com a maior attenção e intelligencia. Tive medo. Lembrei-me das theorias espiritas de que meu marido se ri, e de que, por conseguinte, eu dovo rir tambem.... Foi tudo rapido; o olhar do meu Jorge voltou depressa á imbecilidade da primeira infancia. »

— « 25 de janeiro. Ainda é para mim o primeiro beijo de meu marido, quando elle entra da rua; mas o primeiro olhar, esse é de Jorge! E eu não tenho ciumes! Ao contrario, regosijo-me ao ver quanto meu filhinho é amado pelo pae.... »

— « 28 de fevereiro. Jorge sorri, que é uma delicia! tem um sorriso vago, lindo, que parece vir de um sonho.... Já não usa touca; *pés quentes, cabeça fresca*, li eu hontem, como preceito de hygiene. Assim, conservo-lhe os pésinhos calçados, mas a cabecinha ao ar. »

— « 22 de março. Jorge já ri alto! Foi um alvoroço hoje em casa, quando elle soltou um riso dobrado, um pouco soluçado. Que belleza! tambem, todos o amam; até as criadas... até o cosinheiro! »

— « 21 de abril. Quatro mezes e já quer agarrar as coisas que vê perto dos olhos!

Estupendo! Nunca vi criança tão intelligente! »

— « 25 de abril. Hontem a tia Josephina amarrou um lenço vermelho ao ferro do cortinado da caminha do Jorge, para o entreter. O pequenito fixou o lenço, agitando os pésinhos e as mãos. Notei entretanto que elle envesgava os olhos e retirei o lenço.

Contando eu hoje isso ao nosso medico, elle disse-me que fiz bem, accrescentando : — Fique certa de que ha duas coisas que muito concorrem para o strabismo nas crianças : a primeira é apertarem a cabeça dos recemnascidos, para a tornar redonda á força, com lenços, toucas estreitas, etc.; a segunda é fazerem convergir para um ponto, demoradamente, o seu olhar.

Ha muitas mães, effectivamente, que, para descanço proprio, amarram coisas vermelhas nos berços ou leitos dos filhinhos. A criança, como que magnetisada pela côr escarlate, fica largo tempo em silencio, curiosa e attenta. Isto sempre me pareceu que havia de ser mau. »

— « 27 de abril. Foi hoje vaccinado o meu Jorge. Era tempo; quatro mezes e seis dias de edade.... Tenho agora mais socego; ao menos contra as bexigas já estou apercebida! »

— « 18 de junho. O meu filhinho já se senta e conserva-se sem almofadas, perfeitamente á vontade. Dizem haver crianças que se sentam mais cedo... pouco importa! *ao menos* o meu não será torto da espinha! »

— « 23 de junho. Como o olhar do meu filhinho se torna dia a dia mais reflectido e mais doce.... Já não tem a expressão selvagem, dura e sombria dos primei-

ros tempos; agora os olhos de Jorge são ternos como os de um animalzinho afagado.... »

— « 12 de julho. Tive hoje uma grande conversa com um medico hygienista. Approvou o meu systema de banhar a criança com agua apenas morna, e de não lhe haver dado nunca a porcaria das *chuchas!* Aconselhou-me que désse de mammar a horas certas.

(Ahi está uma coisa que ainda não consegui.)

E que á noite não o retirasse da caminha — « passeios e balanços cançam a mãe, e prejudicam a criança, que se deve habituar a largos somnos tranquillos, num leito fixo. » Escutei-o com todo o cuidado. Elle olhou para o meu filho com satisfação; examinou-o da cabeça aos pés, e depois disse esta phrase, que o meu orgulho de mãe não esquecerá nunca: « *Que prazer dá á gente o beijar uma criança assim tão limpa!* »

— « 8 de setembro. Voltavamos esta manhã do Passeio Publico, quando a minha amiga Maria, tirando o meu filho dos braços da criada, exclamou: « Um dentinho! ó primeiro dente de Jorge! » e com o dedo apalpava a gengiva da criança.

Fiquei alegre e ao mesmo tempo despeitada... queria ser eu a primeira a descobrir aquelle dente! »

— « 6 de outubro. Jorge já diz « Papae.... »

— « 27 de outubro. Já diz « Mamãe... » e cada vez que elle, com a boquinha muito aberta, pronuncia essas duas syllabas, é como se me vasasse uma quantidade de mel no coração.... »

— « 5 de novembro. Jorge ensaia agora os seus primeiros passos e mostra num riso satisfeito as gengivas

côr de rosa, onde os dentinhos parecem quatro gottas de leite coagulado.

É alvo, é gordo, é alegre, e eu chego a pensar que essa maciez de pelle, essa gordura e essa alegria, sejam obra do meu leite, do meu cuidado e do meu amor! »

— « 21 de dezembro. Faz hoje um anno o meu Jorge. Começarei a desmammal-o ámanhã.

« Um anno de aleitamento; nem mais um mez! » disse-me o doutor. »

— « 15 de janeiro. Copio neste album a carta que escrevi agora á minha irmã Georgina :

« Minha querida. — Pódes dar-me os parabens, porque me sinto feliz! acabei a criação do meu Jorge, teu afilhadinho. Como em breve tambem serás mãe, e mãe pela primeira vez, deixa-me dar-te aqui alguns conselhos que me foram dados pelo nosso medico e que eu segui com immenso proveito.

Escuta bem: Antes dos seis mezes não dês nunca a teu filho, ou filha, leite que não seja *o teu*. És magra, és fraca? e eu tambem não o sou? e não criei meu filho, gordo, corado, lindo? Acostuma-o a passar a noite inteira, desde as oito horas, na sua caminha, sempre no teu quarto, — não o deixes dormir com criadas.

Depois dos seis mezes poderás auxiliar a amammentação, pelo menos eu assim o fiz, espaçando mais as horas de mammar. Aconselha-te com o teu medico sobre o que deves dar a teu filho. O meu tomava phosphatina duas vezes ao dia, num mingáosinho muito ralo, desfeita em leite de vacca.

Dei-me bem; mas dar-se-ão tão bem os outros? até ahi não me aventuro a dizer.

Lava o teu filho a horas certas; durante o primeiro anno eu prefiro a hora do meio-dia....

Emfim, minha querida, não o envolvas em muitas lãs, não o tragas sempre ao collo, e verás que lindeza de criança será a tua! É um anno de privações, o do aleitamento; mas, concluida a missão, que alegria e que orgulho para a nossa consciencia! Uma coisa que tambem te aconselho: diverte-te; quero dizer, não te deixes ficar em casa a criar o mofo e a ferrugem da indolencia. Apanha sol, ar, faze exercicio, come bem, que assim o leite que sahir do teu seio para a boquinha sofrega da criança será mais abundante, mais sadio, mais puro, *mais alegre*, (deixa-me dizer assim, visto que da saude depende a boa alegria!)

Ser mãe não é facil, desde que a gente o queira ser — *como se deve ser*.

Tu verás, minha Georgina, como um filho desperta hymnos de gloria em nosso coração! Soffre-se muito, muito, muito, quando se é mãe; mas, crê-me, tambem se é muito feliz! Uma doença, um ai, um suspiro mais alto, ás vezes só perceptivel aos nossos ouvidos, faz-nos estremecer, perder noites, chorar lagrimas quentes; mas um sorriso, um beijo ao despertar, um abraço estreito em que sentimos o nosso pescoço envolvido por dois bracinhos nús, muito redondos e branquinhos, é ventura que a miseravel lingua humana não pode significar, e que só o coração entende — quando se é mãe!»

Fecho o livrinho de notas, que talvez ainda um dia

eu reveja, não quando tractar das crianças, mas quando tractar das mães. Ha nelle uma serie de observações, que não dizem respeito senão ao sentimento da mulher, e que omitto por ser deslocada aqui.

O desfallecimento, a coragem, a lucta, a agonia, o riso e a dôr, tudo se embaralha nessas paginas escriptas sem cuidado, na reserva da alcova, entre o berço e o leito conjugal. Sellado o livro intimo da minha amiga, continuarei a conversar sobre o nosso querido e batalhado assumpto.

II

MINHAS amigas, muitas vezes depende da nossa vontade, exclusivamente da nossa vontade, o amammentarmos nossos filhos.

Illudimo-nos frequentemente a respeito de nós mesmas! Temos força, e julgamo-nos fracas; temos coragem, e suppomo-nos medrosas!

Dizem que somos débeis (e chegam a convencer-nos) porque somos franzinas, ou porque somos pallidas, ou porque somos tristes! Não se lembram de que tudo isso é effeito de uma educação mal feita, — contra a qual devemos reagir a bem de nossos filhos, — passada no interior da casa, sem exercicio, sem convivencia, sem jogos, sem despreoccupações de preconceitos, sem estudo bem ordenado, sem viagens, sem variedade, sem alegria, emfim!

Essa tristeza e essa inercia, veem do leite das amas negras, escravas e martyres silenciosas, ou creaturas indifferentes e boçaes; veem da falta de methodo, de actividade physica; veem sobretudo da nossa vida concentrada e excessivamente caseira.

Para sermos boas amas, precisamos, antes de mais nada, submetter-nos a um regimen novo. Não é a vida da sociedade, enervante e doentia, a que nos convém, nem a vida de clausura que habitualmente levamos, entre o calor do borralho e a estupidez das criadas.

Nós, as brasileiras, tractamos a nossa saude sem intelligencia nem cuidado.

Andar a pé! quem nos falla nisso! Desconhecemos os passeios hygienicos feitos pela manhã, quando a vegetação rescende ainda o frescor perfumado da noite e o sol tem a temperatura branda que não nos fere a pelle com as agulhadas brutaes do calor do meio-dia.

Temos medo da agua fria no inverno, de phantasmas á noite, e de sahir sósinhas á plena luz do dia. Cercadas de sustos e de preconceitos, julgamo-nos algumas vezes inhabeis para realisar uma empreza, como a da amammentação, que, se é em extremo fatigante, offerece tambem vantagens perfeitamente compensadoras; ou então, abraçamos de olhos fechados esse encargo, sem cogitarmos da sua responsabilidade, nem da nossa competencia!

A amammentação não é coisa tão simples, para ser feita sem preoccupações de espirito, nem tarefa que se leve ao fim sem fadiga do corpo.

Felizmente, a mulher brasileira não se poupa, em geral, ao trabalho de criar os filhos. A nossa indole

meiga impelle-nos para o cumprimento d'esse dever.

O que nos falta, não é bondade, nem paciencia, nem desvelo, mas sim a sciencia de educar, tão necessaria á vida da mulher.

Todas as que vou dizer aqui, são coisas já muitas vezes dictas e repetidas. Não importa. O assumpto requer insistencia. Á força de fallarmos numa coisa, acabamos por habituar-nos a ella. Ora, é claro que a maior parte das mães sabem todos os dictames de hygiene durante o periodo da amammentação; mas é tambem certo que, infelizmente, a maior parte não os executa.

Porque? Indolencia? Não; habito.

É commum, até nas casas ricas, de bom tractamento,

verem-se crianças carregadas de bugigangas ao pescoço, com a cabeça cheia de caspa e os beicinhos numa sucção continuada, pelo habito de sugarem o panno das abominaveis *chuchas*.

Revoltante.

Recommendo ás minhas leitoras, isto é, áquellas a quem esta parte do livro possa interessar, que não deixem de lêr as obras consagradas á hygiene infantil e aos deveres das mães para com seus filhos. Eu li os conselhos do Dr. Garnier, guiei-me por elles e para este capitulo os irei trasladando, certa de fazer alguma coisa util.

Tractar das crianças, tonifical-as, ensinal-as a rir, pôr-lhes rosas nas faces em vez de escrophulas no pescoço, ir corrigindo, tanto quanto possivel, a organisação depauperada e triste da geração actual, não é certamente coisa facil, mas não será tambem tão difficil quanto á primeira vista possa parecer.

É coisa dicta e repetida por moralistas e hygienistas, que não basta ter-se soffrido as fadigas da gravidez e as dores do parto para se ser mãe! é ainda além d'isso preciso affrontar os trabalhos do aleitamento, levando a cabo o cumprimento da missão que a natureza impõe. Porque? Porque o leite é o sangue, e no sangue pode ir a transmissão das paixões, das doenças, dos vicios constitucionaes, de defeitos de genio e de caracter, tanto como pela geração. Porque o leite de uma outra mulher pode infiltrar no nosso filhinho sentimentos de que mais tarde tenhamos de córar!

Eu considero como uma das maiores felicidades da minha vida o ter sido criada por minha mãe; tudo o

que eu sinto de doçura na minha alma, parece-me ter vindo do seu coração, e é o que desejo transmittir no meu leite aos meus filhos!

E lamento realmente as pobres mães que, desejando amammentar os seus filhos, não o podem fazer! « A obrigação moral cessa de existir desde que, pela sua fraqueza ou má qualidade, o leite da mãe seja prejudicial á criança. »

— É bom saber-se que uma mãe não tem necessidade de reunir tantas condições physicas de força e de saude como a ama mercenaria; se assim não fosse, bem poucas poderiam criar.

Muitas mulheres delicadas, que seriam incapazes de amammentar crianças alheias, podem criar seus filhos muito melhor do que uma ama robusta.

***

Todas as senhoras devem, repito, lêr com escrupuloso cuidado, antes do nascimento do seu primeiro filho, algum livro concernente á boa hygiene das amas e á amammentação das crianças.

Ficarão sabendo assim que devem alimentar-se bem, evitando os alimentos muito envinagrados ou ardentes, não sendo o seu regimen, nem exclusivamente vegetal, nem exclusivamente animal; que devem dormir pelo menos de seis a sete horas, fazer exercicios moderados ao ar livre; que devem seccar o seio com uma esponja ou panno fino, cada vez que a criança acabar de mammar, evitando assim as escoriações ou as aphtas (sapinhos) na bocca do recemnascido; que não

deverão nunca dar o seio á criancinha depois de um accesso de colera, de um grande susto ou de uma grande alegria, sem esperar que se restabeleça a calma.

« *A influencia das impressoes moraes da mãe sobre o leite e a criança, é tão notavel pela sua constancia como pela instantaneidade da sua acção.* »

* * *

A hygiene das criancinhas é sabido no que consiste : ar puro e renovado, passeios a jardins, muito asseio, banhos diarios com agua fresca, seguidos de brandas fricções com uma esponja ou toalha secca; cabeça bem lavada, esfregada com uma escova macia, afim de auxiliar o nascimento do cabello e de não deixar a caspa accumular-se sob a forma de crosta, como a dos tinhosos, que as mães ignorantes ou pouco limpas respeitam como uma erupção inevitavel!

Eu, que adoro as crianças, não tolero a vista d'essas cabeças que, em vez de attrahirem beijos, repellem-nos pela sua immundicie!

Muitas vezes, passando pelas estreitas e escuras casas da cidade, tenho vontade de ir arrebanhando essas tristes e pallidas criancinhas que formigam ás portas, arrastando os membros sujos e nús pelas calçadas, engatinhando apenas ou andando de um modo vacillante, cae não cae! O meu desejo é trazel-as a todas, tirar-lhes com oleo a caspa, com sabonete e agua tépida as manchas negras dos seus corpos mimosos vestil-as de limpo e leval-as, depois de uma sopinha quente, para um jardim onde se rissem, onde

apparecessem taes quaes são — como flôres animadas e bonitas!

No Brasil ainda ha pouco o habito de passear as crianças nos parques e nos jardins!

Entretanto, essa é uma das medidas mais salutares nas cidades. Logo que as forças musculares o permittam, o exercicio das crianças deve ser activo, teem mais precisão d'elle do que os adultos. « *Os ocios são mais perniciosos do que uteis.* »

⁂

« O embalamento ou balanço do berço está sendo agora muito condemnado, a menos que não seja suavissimo! os movimentos bruscos, as sacudidelas violentas, não podem senão impressionar o cerebro excitavel da criança e determinar desordens graves, turbando as funcções digestivas. O berço deve ser fixo como o leito dos adultos. »

Aconselham-nos tambem os hygienistas a que deixemos as crianças aprenderem a andar por si; ellas ensaiam-se primeiramente de gatas, como os animaes, e erguem-se quando sentem a força precisa.

A natureza, como affirma Spencer, vem muitas vezem em nosso auxilio na educação da primeira infancia. Outra coisa que é bom deixar de ensinar cedo, é a fallar. *Muitos vicios de pronuncia nos adultos teem a sua origem na tagarelice da infancia.*

Eu esperei pacientemente pelos primeiros passos de meu filho e não lhe ensinei a balbuciar uma unica syllaba!

A questão principal, que mais nos assusta durante os primeiros mezes, é o choro do nosso filho. Entretanto, dizem os livros auctorisados, que, desde que os gritos não passem de certos limites, são um exercicio favoravel ao desenvolvimento dos pulmões e á actividade da digestão!

Logo que a criança não tenha fome, nem sêde, nem incommodo de vestuarios, nem nenhum outro mal-estar, podemos deixal-a chorar á vontade!

A criança deve mammar a espaços determinados e não estar muito tempo no collo, nem muito tempo na cama.

A educação vae começando assim, desde os primeiros dias.

O que o berço dá, a cova o leva, diz o proverbio.

⁂

Quando recemnascida, a criança é como que uma rosa, onde os olhos, como gottas de orvalho, reflectem o mundo exterior, vagamente....

Para a mãe, aquelle corpo pequeno e brando não tem nada de material! para tractal-o toda a delicadeza e cuidado lhe parecem poucos: quando o veste, quando o lava, julga as suas mãos pesadas e teme offendel-o! Mas o tempo vae correndo. A carne molle o gelatinosa do infante torna-se dura e côr de leite: desponta como numa aurora o primeiro sorriso; o olhar abre-se curioso e é ás vezes pensativo; elle vae pouco a pouco regularisando os movimentos, as mãosinhas já não param levantadas acima da cabeça, movem-se no ar como

umas azas deliciosamente pequeninas... Cada dia é uma graça nova : hoje uma risada... em outro dia o ensaio para pegar em um objecto qualquer... até que chegam os grandes acontecimentos : o primeiro dente ! a primeira palavra ! o primeiro passo !

A familia reune-se ; a mãe ri, ajoelhada, com os braços abertos, á espera do seu anjinho que, sentindo a falta das azas, mal se equilibra em pé, e com ar assustado, vae tremulo e vacillante cahir-lhe sobre o peito !

Tudo quanto pertence á criança da casa tem um certo encanto mysterioso para os que a amam.

A caminha de Bébé, com o seu cortinado simples, parece um logar sagrado, uma coisa divina ; a cadeirinha de Bébé, a roupinha de Bébé, até os sapatinhos, acalcanhados pelos seus pés roliços, guardam um não sei quê, que vem d'elle, da sua graça, da sua pequenez...

Tambem, se Bébé morre !....

Fugindo d'esse pensamento horrivel, procuremos sempre tornar os nossos filhinhos saudaveis. Todo o empenho que ponhamos nisso, desgraçadamente eu o sei, é, mesmo assim, algumas vezes inutil, e elles deixam-nos com o coração sangrando para a vida toda ! Mas que ao menos ás mães que passam por essa agonia, não as punja mais tarde o remorso de terem commettido uma ou outra falta, um ou outro desleixo !

EDUCAÇÃO

O povo já começa a ver que a condição principal para o bom exito da vida, « é ser-se um bom animal ».

Diz isto Spencer, no seu utilissimo livro — *Educação*.

Dar força ao corpo, eis ahi, portanto, minhas amigas, o primeiro cuidado que devemos ter para com os nossos filhos. Deixal-os correr, saltar, fazer gymnastica, rir, encher os pulmões de ar livre, *perder intelligentemente o tempo*. O que nos compete, acima de tudo, é olhar pela sua boa hygiene e, sem que elles dêem por tal, com todo o geito, irmos guiando tenazmente a sua educação atravez dos folguedos infantís.

Dizem todos os hygienistas (não faço mais que commentar conselhos, já bem conhecidos, mas que julgo util ir repetindo), que as crianças, mais que os adultos, precisam de uma vida methodica, comquanto agitada.

Devem-se levantar cedo, deixando a molleza dos lençóes quentes e o ar abafado da alcova pelo aroma

sadio da manhã, e a luz benefica do sol. Depois do banho frio tomarão leite quente e farão correrias em que desentorpeçam os musculos; pelo dia adeante terão o alimento a horas certas, os recreios regulares, até que chegue a noite, até que vão tambem, sempre á mesma hora, para o leito.

Este programma não é difficil de executar, e quantos desastres pode prevenir!

Eu creio bem que as crianças não terão só a lucrar materialmente com esse regimen, mas que pela vida adeante encontrarão menos tropeços e embaraços, sabendo sujeitar estudos e trabalhos a um methodo que estará como que inoculado nellas, tal como se fôra uma outra natureza.

Existem mães que, levadas pelo sentimento, só pelo sentimento, são de uma condescendencia prejudicialissima para com os filhos. A vontade das crianças é a d'ellas; assim não se oppõem a que os pequeninos encharquem o estomago, a todas as horas, com guloseimas indigestas, em vez de lhes ministrarem as refeições a espaços determinados, sobria e sadiamente; ou vêem os filhos ralhar com os criados, bater nos animaes, fazer toda a sorte de tropelias, sem que haja, da parte d'ellas, a minima intervenção.

Travessura e maldade são coisas que muita gente confunde, e que, entretanto, são bem distinctas! Parece-me ser este ponto um dos mais penosos de observar nas crianças. Devemos conceder-lhes muito mas não conceder-lhes tudo.

Em antithese a estas, ha outras mães então de uma severidade pouco proveitosa e de uma aspereza verda-

deiramente inconcebivel! Para essas as crianças hão de se portar nas salas como pessoas grandes, numa correcção de postura contrafeita, mas conforme a todas as regras da civilidade! Essas teem para cada travessura um ralho, fazem tremer com um simples olhar e batem frequentemente nas pobres crianças, esquecendo-se de que esse castigo é o mais feio e o mais immoral que se pode infligir a uma creatura!

Os beijos dos filhos, que são o mais doce enlevo das mães, não lhes podem cahir nos labios espontaneamente, como o afago natural, a expressão sincera e intima do amor.

Os pequenitos receiarão ir perturbal-as, terão medo que á sua meiguice corresponda um gesto de enfado e afastar-se-ão desconfiados e medrosos.

De um bom principio depende um bom fim. Precisamos ter cuidado e muita paciencia!

Horrivel tambem, e desgraçadamente commum, o meio de que muita gente se serve para fazer calar as crianças — o terror!

Terror do *papao* negro, de olhos de fogo, que os espreita do telhado ou que se encolhe embaixo das camas. Medo das bruxas que atravessam o ar, montadas em cabos de vassoura, passando como um sopro, pelo buraco das fechaduras; medo dos phantasmas, das almas do outro mundo; medo do desconhecido, d'esses enredos extravagantes, fabricados para impressionnar os adoraveis entes, assustadiços e innocentes como as avesinhas.

É muito melhor que as crianças tenham o espirito desassombrado, livre de preconceitos e de sustos.

O medo é talvez a mais mortificante das doenças moraes e que não raro deixa vestigios para toda a vida.

As superstições derivam talvez d'essas fontes de pavor com que se aterra a infancia. É como que um traço que liga o homem á meninice.

Ha pessoas que estremecem, temendo enormes desgraças, só com o ver partir-se um espelho; viajando ás sextas-feiras; comendo em mesa, onde estejam treze pessoas, etc.

Ha uma infinidade verdadeiramente assombrosa de crendices puerís, inventadas pela ignorancia do povo,

e que se teem alastrado, como azeite em papel, por toda a sociedade.

Não é raro vermos pessoas sensatas, experientes, graves, respeitaveis pelo seu talento ou pela sua posição, impondo-se, muitas d'ellas, pelos seus estudos, theorias e exposições scientificas ou philosophicas, homens emfim que o vulgo considera como superiores, curvarem-se cheios de medo deante das mais absurdas superstições!

Carlos Kingoley, no seu livro — *Health and Education,* diz parecer-lhe ser a superstição uma affecção physica tão material e corporal como o comer, dormir ou sonhar.

Seja qual fôr a causa, o melhor remedio deve estar em não fornecer á imaginação da criança motivos para temores.

O espirito alegre revigora o corpo e prepara campo sadio para dias futuros. Eu tenho sempre cuidado em não deixar contar a meus filhos historias assustadoras, e as que lhes digo são creadas na magia de fadas boâs.

O nosso principal esforço deve ser: fortalecer o corpo e o espirito da criança; para isso devemos ministrar-lhes, a par de passeios e jogos infantís, banhos geraes e brandas fricções diarias, vestuarios apropriados á estação, alimentação sadia, gymnastica, estudo sem esforço e sem castigos, limpeza, bons exemplos, ternura e alegria. A criança precisa de tudo isso para ser feliz. E nós, as mães, de que precisaremos mais n'este mundo, que da sua felicidade?

Ver gosar um filho é gosar duplamente.

Haverá egoismo em proporcionar-lhe isso; será elle,

porém, equivalente ao sacrificio de fazer soffrer um filho, castigando-o por faltas que temos o dever de prevenir?

Creio bem que não....

***

Ha muito quem tenha a mania de começar cedo a ensinar coisas, quasi sempre de uma maneira complicadissima, ás pobres criancinhas. Esse systema, já tão reprovado, é ainda seguido com verdadeiro ardor por muitos paes, que, sem quererem comprehender que estiolam pelo cançaço o cerebro dos filhos, obrigam-os a um verdadeiro martyrio, martelando-lhes aos ouvidos, já paciente, já impacientemente, as syllabas das cartilhas, ou os numeros das taboadas!

Para que? para tornal-as nas funestas *crianças prodigios*, ou para que tomem aversão ao estudo!

Mas isso é uma barbaridade inutil! O que se apprende depressa, depressa se esquece; deixemos avigorar-se o espirito das crianças, e quando as ensinarmos tenhamos o cuidado paciente de envolver o trabalho na alegria, na distracção que o torne ameno e até desejado.

É um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar de si — o ensino dos filhos! ao menos os primeiros passos: leitura, escripta, contas, um pouco de geographia e de desenho. Já não fallo em outras materias, como geometria, linguas, etc., porque desgraçadamente a nossa instrucção é em geral de uma pobreza pasmosa e não permittiria acompanhar até mais longe

o estudo de uma criança, nem dirigil-o convenientemente.

Nenhum mestre pode ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo, do que a mãe!

E é principalmente essa missão que deve induzir todas as moças a ler e a estudar com attenção. Apprender para ensinar, com intelligencia, alegremente, maternalmente!

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permitte decerto responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinavel de guiar. Ahi a nossa desgraça! Se elles nos perguntam pelos phenomenos da natureza, os primeiros a attrahirem a sua attenção, que resposta lhes damos? Elles querem saber que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a lua está pregada no céu, de que é feita a sua luz, como e por que lampejam as estrellas, por que se une no horisonte a terra ás nuvens; e o que é a terra, a pedra, o movimento, a agua, o sol, o som, a vaga, a flor, o insecto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo! e nós, a quem isso não foi nitidamente ensinado, ficamos envergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas.

Então é que nos vem á mente o desprezo pela instrucção ornamental, apparatosa, com que conquistamos nas salas o prestigio e o renome! São os labios innocentes e roseos das crianças que nos infligem o castigo do velho tempo perdido a dedilhar exercicios e musicas, onde na maior parte das vezes não entrava a nossa alma, a nossa vocação, mas simples e meramente o desejo de brilhar!

A nossa desgraça está portanto em que — « *o elemento decorativo continua a predominar quer se tracte do adorno do corpo, quer das conquistas do espirito !* »

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se, em geral, que todas as moças toquem piano, cantem, saibam *fazer sala* e fallar francez....

Não nos passa pela idéa que uma senhora se possa dedicar a um estudo serio e ponderoso, no doce recolhimento do seu gabinete, com o mero intuito de transmittir um dia aos filhos as suas observações e os seus trabalhos, dando-lhes uma educação despretenciosa e solida.

Isso é que nos pareceria ridiculo ! Uma mulher interessada por botanica ! uma mulher dada ao estudo das linguas, da mathematica, da physica ou da historia natural !

Pedantismo imperdoavel, na doce creatura nascida para o labor rotineiro da agulha e das receitas culinarias ! Não nos lembramos que o tempo, afinal, não é tão pouco que nos não dê occasião para tudo que fazemos e para muito mais que fariamos se tivessemos incentivo, força de vontade e diligencia ! Cada hora que passa deve deixar-nos alguma coisa de util.

A vida é tão curta e é tão bonito saber aproveital-a !

∴

Para educar é mister reflectirmos com o maximo criterio, e sacrificarmos muitas vezes o coração.

Infelizmente, ha faltas que não dispensam o castigo, o castigo moral, que é sempre o mais proveitoso.

Tarefa ardua esta! Ter a gente de mostrar severidade quando as lagrimas estão a espontar-nos nos olhos, que só vêem o constrangimento e a dôr que vamos produzir!

Irmos, por exemplo, para o campo, deixando em casa o filho, para punil-o, de uma impertinencia!

É ainda mais doloroso para nós, porque sabemos que é elle exactamente quem mais ama o sol, a liberdade, o rebanho de ovelhas que passam, os passaros que voam gorgeando, a agua que deslisa crystalina levando folhinhas na corrente!

Deve parecer-nos ler nos calices das flores innocentes as perguntas: onde está teu filho? porque o não trouxeste? não tens pena d'elle? E afastando os olhos das flores ouviremos as mesmas perguntas das arvores, dos regatos, dos animaes e das nuvens!

No dia seguinte compensal-o-emos de uma bonita acção, levando-o ao circo ou ao campo; e então a nossa alma se abrirá jubilosa aos seus risos e ás suas alegrias!

Vamos, minhas amigas, tenhamos coragem para levar a nossa missão ao cabo! Ella não é leve, mas é com certeza a mais pura, a mais justa, a mais ampla, a mais bemdicta entre as bemdictas!

CARINHOSA HOSPITALIDADE

Apanhou-nos um dia uma grande chuva na matta da Tijuca.

O céo, de azul tornara-se de repente pardo e todo em grossos novellos de nuvens que se junctavam céleres. O peior era que o carro alli estava na estrada com uma roda partida, todo derreado sobre o flanco esquerdo. As minhas duas amigas e eu incitavamos em vão o cocheiro a que o concertasse depressa; mas o desgraçado do homem era pouco geitoso; e entretanto a chuva augmentava, cortando de fios longos de prata luzidissima a folhagem portentosa da floresta.

Nós, como uns pintos! Resolvemos por fim descer a pé, que remedio! Os nossos chapéos de sol, vermelhos como papoulas e pouco maiores do que ellas, mal nos resguardavam da agua. Resignadas, risonhas mesmo, suspendemos os vestidos e toca a andar! A mais de meio do caminho uma das minhas companheiras estacou:

— Esperem! disse, tenho aqui uma amiga! Venham commigo.

Momentos depois paravamos em frente a um jardim bem tractado, com jurujubas e rosas nos canteiros. Por entre as grades viam-se os metaes e os vidros

reluzentes das janellas com largas cortinas de renda branca, cahidas discretamente de alto a baixo.

Ao toque da campainha vieram depressa abrir e num instante vimo-nos em uma alegre sala aromatisada por flores naturaes, com musicas de Mozart no piano aberto e uma mocinha de dezeseis annos, que nos sorria, extendendo-nos o rosto delicado para o beijo amigo.

Adoravel Catharina!

Contámos-lhe o succedido, um pouco embaraçadas; ella poz-nos bem depressa á vontade.

— O que é mau é estarem com os pés molhados.. tenham paciencia, eu já venho... sim? E saíu. Pouco depois voltou, sobraçando uma grande pelle de urso que fôra buscar ao escriptorio do pae, e que extendeu geitosamente no chão; então, ajoelhando-se, desabotoou-nos ella mesma as botinas, sem se alterar com os nossos protestos, pondo naquelle serviço, que a muitos pareceria servil, todo o orgulho da sua hospitalidade divina!

— Descansem os pés aqui, em cima da pelle... vou mandar limpar as botinas e seccal-as na estufa do fogão... esperem um pouco, sim?

Aquelle — sim? interrogativo era a sua fórmula de acabar as phrases, que impregnava de ingenuidade e doçura todas as suas fallas.

Emquanto as botinas seccavam lá dentro, Catharina voltou, trazendo-nos licores que nos deu, e chales com que nos envolveu os joelhos.

A mãe tinha ido visitar uma filha casada; ella fez-nos sósinha as honras da casa.

Com a imaginação ainda alvoroçada pelos esplendores da matta, que as flores de quaresma e as de espinheiros atapetavam aqui e além de roxo e de amarello, eu sentia um goso tranquillo no meio d'aquella paz, entre paredes tão risonhamente limpas e felizes, ouvindo o tagarellar alegre de Catharina que, modesta e expansiva, deixava transparecer a lucidez da sua alma de anjo. Para que não nos aborrecessemos, tocou

o seu ultimo estudo, um romance de Mendelsohn, e mostrou-nos os seus desenhos, empenhada em agradar ás amigas da sua amiga; tudo aquillo com singeleza, rescendendo a cortezia e bondade.

A chuva estiou; vieram as botinas e um carro esperava-nos á porta. Catharina levou-nos ao seu quarto para que reparassemos a desordem da nossa *toilette*.

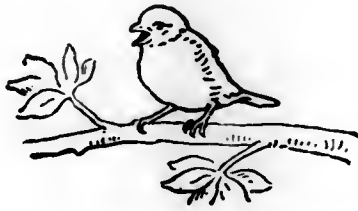
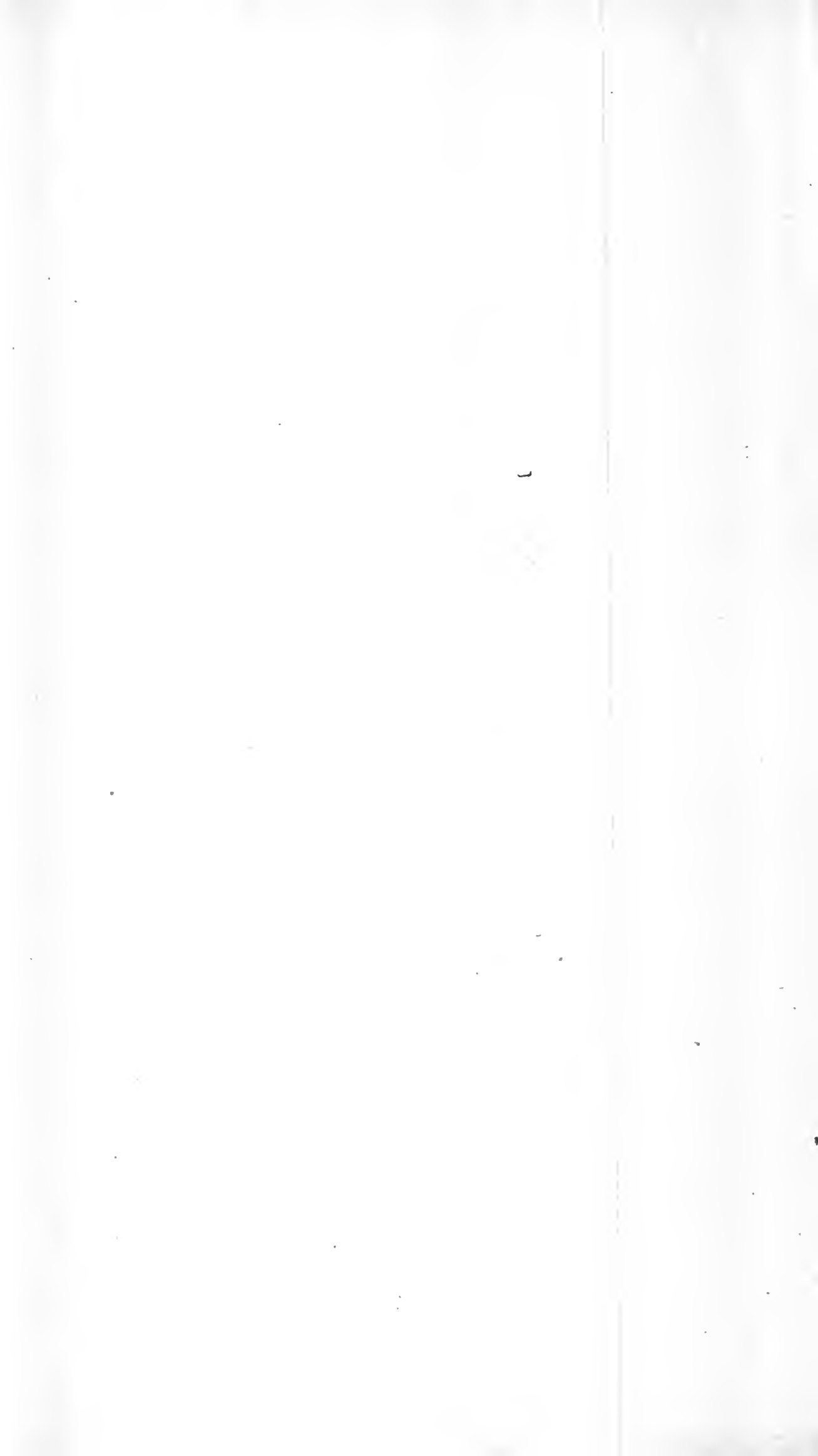
No meio d'aquelle ninho, todo azul, destaca-se bem na minha memoria o seu vulto gracioso, com o vestido claro e o aventalzinho guarnecido de rendas.

Despedimo-nos gratissimas. Catharina acompanhou-nos ao carro, offerecendo-nos flores; magnificas anemonas, rosas e cravos brancos. Partimos.

Em caminho a minha amiga explicou:

— Não ha só instincto na bondade d'esta menina, ha tambem reflexos de proveitosissimas licções. Os paes, apezar de muito ricos, educaram-na com toda a severidade a par da maior ternura. A hospitalidade que ella nos concedeu não demonstra isso mesmo? Faltar-lhe-iam porventura criadas, para mandar vir agua e licor á sala? não!

Não repararam para a maneira, ao mesmo tempo meiga e altiva, por que se ajoelhou aos nossos pés para nos desabotoar as botinas? a voz, o olhar, o gesto, tudo nella parecia festejar a nossa entrada em sua casa! E se por acaso lá ficassemos todo o resto do dia e toda a noite, veriamos sempre a boa Catharina com o mesmo sorriso e o mesmo contentamento, abrindo-nos os braços, inundando-nos a alma de carinhos. Digo mais: se em vez de ter conforto e de o poder repartir, ella fosse pobre, muito pobre, privar-se-ia do seu leito ou do seu

pão para o offerecer a quem lhe fosse pedir pousada, com o mesmo sorriso, a mesma paz, o mesmo contentamento que lhe vimos. Ah ! meus amores, só vos digo que se algum dia o céo me conceder a ventura de ter uma filha, eu desejarei que ella seja como Catharina!

CARTA DE UMA SOGRA

❦

Bem sabes, desejei sempre uma filha. Vi crescer o meu Luiz, triste par não lhe ter dado uma irmã, suave companheira que lhe quebrasse os impetos e lhe excitasse o animo. A sorte não o quiz, e, sentia-o bem, o meu amor de mãe não bastava a meu filho. Toda a infancia é triste quando não tem outra infancia a sorrir a seu lado. E ainda ha quem deseje um filho só! Loucos, que não sabem quanta magia encerra o amor fraternal, que alegrias doiradas elle transborda de si, que largos circulos elle abre á alma.

Meu filho cresceu sósinho, muito unido a mim, e eu sentindo que me dedicava a elle ainda mais do que devia! Aquelle excesso, aquelle desdobramento de ternura era com certeza prejudicial a ambos.

Por tudo isso, os amores de meu filho não me assustavam; deixa-me dizer-te que até ás vezes os desejava!

Entretanto não te saberei nunca explicar o que senti quando o ouvi, um dia d'estes, muito embaraçado, quasi a pedir-me perdão, dizer que amava uma crea-

tura divinal (os namorados são sempre os mesmos) e que me pedia licença para casar-se !

Não minto : tive ciumes d'essa outra, um recúo instinctivo para o saudoso passado, em que o via só meu, só meu ! mas... meditei, beijei-o e pedi-lhe que me trouxesse a noiva. Queria vel-a, beijal-a tambem, encarnar nella a doce visão do meu sonho, aquella filha que não nasceu da minha carne, mas que habitara o meu pensamento e que deveria existir para alegrar o meu filho, suavisar-lhe a vida e alegrar-lhe a casa.

No dia seguinte annunciaram-me a visita da minha nora. O meu rheumatismo privou-me do prazer de lhe ir ao encontro. Parece que isso lhe desagradou. Não sei porque eu esperava que ella entrasse timida mas risonha, e que viesse beijar-me nas duas faces, tal qual como a *outra* o faria !

Não ! Esta entrou com um ar um pouco secco, um pouco desconfiado, o que me entristeceu.

É bonita, loura, leve e elegante; falla cerimoniosamente, contando as syllabas.

Quiz pôl-a á vontade. Fallei-lhe muito de meu filho, da sua infancia, do seu talento; repeti-lhe as suas phrases de menino espirituoso, a sua bondade; emfim disse-lhe quanto o amava e quanto tenho a esperar d'ella ! Surprehendi-me chorando deante dos seus olhos, desgraçadamente enxutos !

Encolhi-me e pedi-lhe que me fallasse d'ella, do seu amor, das suas esperanças....

Olhou-me attonita, respondendo com voz musical e talvez offendida :

— Mas não sei que lhe hei de dizer !

Não sabia o que me havia de dizer! entendeste? Cruel, não achas?

Fallam do egoismo das sogras! por que não viria esta nora, criança, bonita, feliz, ao encontro do meu

coração, fallando-me de meu filho e seu noivo. de como se viram, de como se amaram, quaes os seus sonhos, quaes as suas aspirações? Porque não poz mais doçura no seu beijo, mais firmeza no seu aperto de mão, mais alegria no seu rosto de virgem venturosa?

Não! não era esta a filha que eu pedia a Deus, e como eu comprehendo e quereria que fossem todas as mulheres. — ternas, simples, expansivas sem dema-

sia, amando no esposo todos que o amassem, curvando-se um pouco para os velhos, que serão talvez um dia o melhor arrimo de seus filhos pequenos!

Eu queria uma filha; vem-me uma nora.

Ah! affirmo-te que se todas as noras fossem como filhas, nós seriamos todas como mães! — Tua — *Adriana.* »

DO ALBUM DE BERTHA

« Fui hoje visitar minha futura sogra. Eu, como não a conhecia, senti-me um pouco vexada, quando a vi sentada na sua poltrona, sem se esforçar por vir, ao menos, ao humbral da porta, dar-me as boas vindas!

Não foi sem commoção que entrei naquella casa, que será bem depressa a minha; entretanto, venci a impressão que me causaram aquellas paredes, onde não poderei pregar um quadro sem pedir licença á *mamãe*, aquelle chão, que não poderá ser lavado tão a miúdo quanto eu desejo, por causa do seu rheumatismo, e toda a mobilia, severa, triste, tão outra da que sempre imaginei para o meu ninho!

Seria bem melhor que vivessemos á parte....

A mãe de meu noivo assustou-me um pouco. Parece-me que não me achará nunca capaz de fazer a felicidade do filho! Fallando d'elle... chorou! Que força ignota motivaria aquelle pranto? Ciumes de mim? Desconfiança? Antipathia? Fosse o que fosse, não me pareceu occasião para isso! Sahi apprehensiva. Que me reservará o futuro? »

* * *

« Minha filha. — Deixa que eu accrescente algumas linhas nesta pagina, como o tenho feito em tantas outras d'este mesmo livro que não fechaste nunca aos meus olhos.

Fizeste bem, porque ás tuas vacillações de menina offereci-te o apoio da minha experiencia, e não imaginas com que desvanecimento e ternura procurei esclarecer-te e animar-te! É talvez esta a ultima vez que escrevo no teu livro; amanhã terás um novo guia a quem submetterás os teus cuidados e receios. Confio nelle e no teu criterio, tanto como no teu coração.

No teu egoismo, tão bem reflectido nesta phrase — *Seria bem melhor que vivessemos a parte*, desejas fazer um ninho onde a tua personalidade se imponha. Foi por isso que sentiste tristeza entrando numa casa que será a tua e em que tudo já está creado e estabelecido. A tua decepção transforma-se em desconfiança irritante contra a pobre senhora, porque os seus joelhos doentes não lhe consentiram caminhar para ti! Afasta esse pensamento e força-a a amar-te pela tua doçura e pela tua bondade. Para viveres bem em sua companhia basta que a tractes, como me tens tractado — sem reservas.

Descança, que a tua influencia ha de modificar os usos e costumes da casa. A tua mocidade, a tua alegria e o teu amor farão d'aquelle ninho de rola um ninho de canarios, e ella agradecer-te-á essa transformação. Procura revestir os teus actos de serenidade e de justiça,

e sobre tudo tracta de manter na casa o respeito por tua sogra.

Lembra-te sempre de que foram a sua abnegação e o seu amor que formaram o caracter de homem que te dará o nome e o melhor da sua alma!

Não te esqueças d'este exemplo : a nossa lavadeira, que é uma rapariga pobre e ignorante, disse-me ha dias : minha sogra tem noventa annos e está sem juizo nem tino; dá-me mais trabalho do que todos os meus filhos junctos. É preciso que eu a lave, que a vista e que lhe bote a comida na bocca!

— Porque não a põe em um asylo? perguntei-lhe, distrahidamente.

— Cabe-me o dever de a amar. É a mãe d'elle!

Lembra-te d'isto, filha, e não te arrecies das lagrimas da tua futura sogra. Quando o teu noivo te pediu, eu tambem chorei, e amargamente, mas tu não viste e tudo passou. Agora a mim, que serei a sogra de teu noivo como á mãe d'elle que será a tua, resta-nos para consolação d'este titulo, não sei porque desagradavel, a esperança de termos o de avó, e avó do mesmo ente onde nos amemos todos e nos confundamos.

Repito : sê boa, que has de ser feliz. — *Maria.* »

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE